

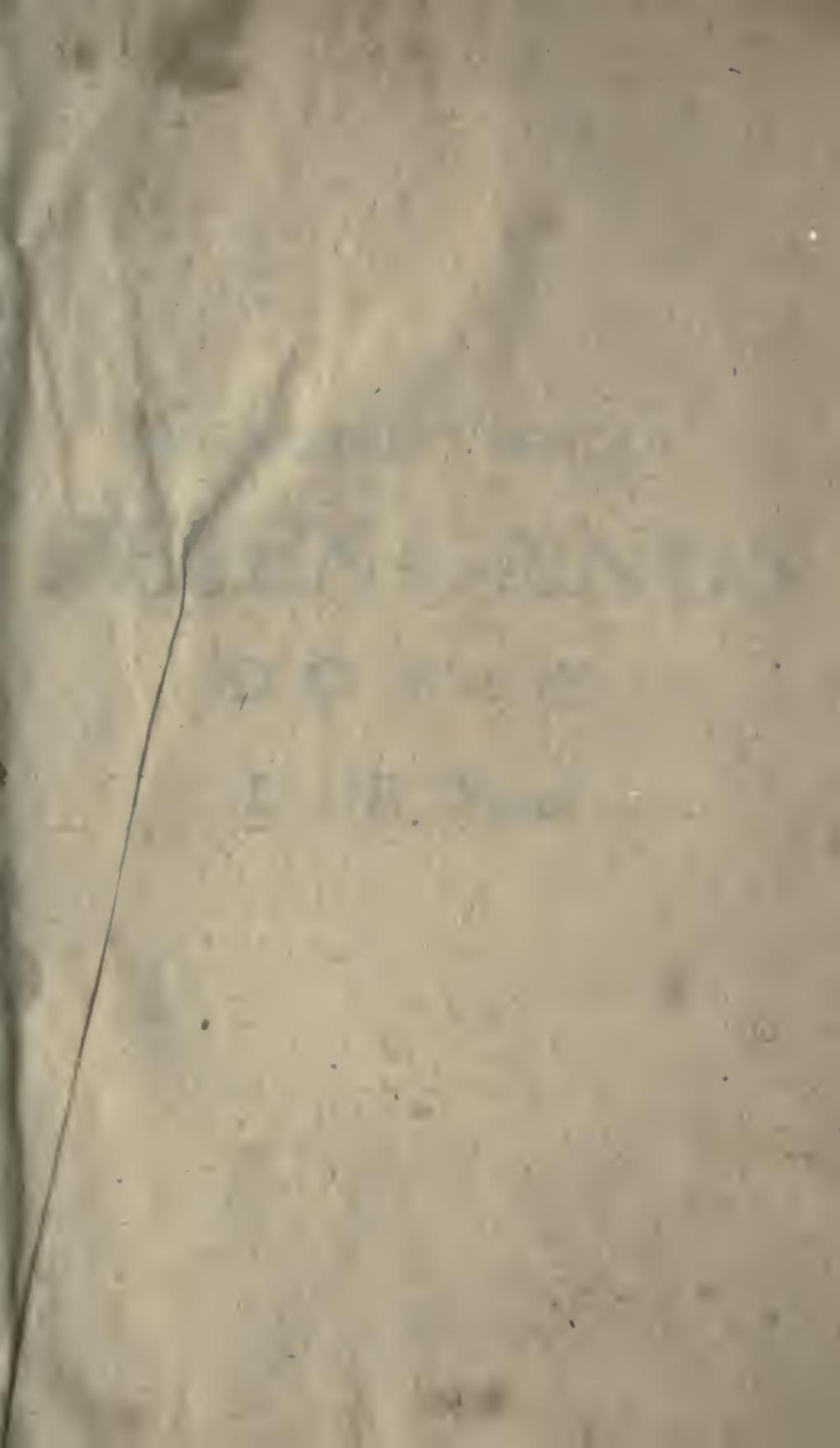


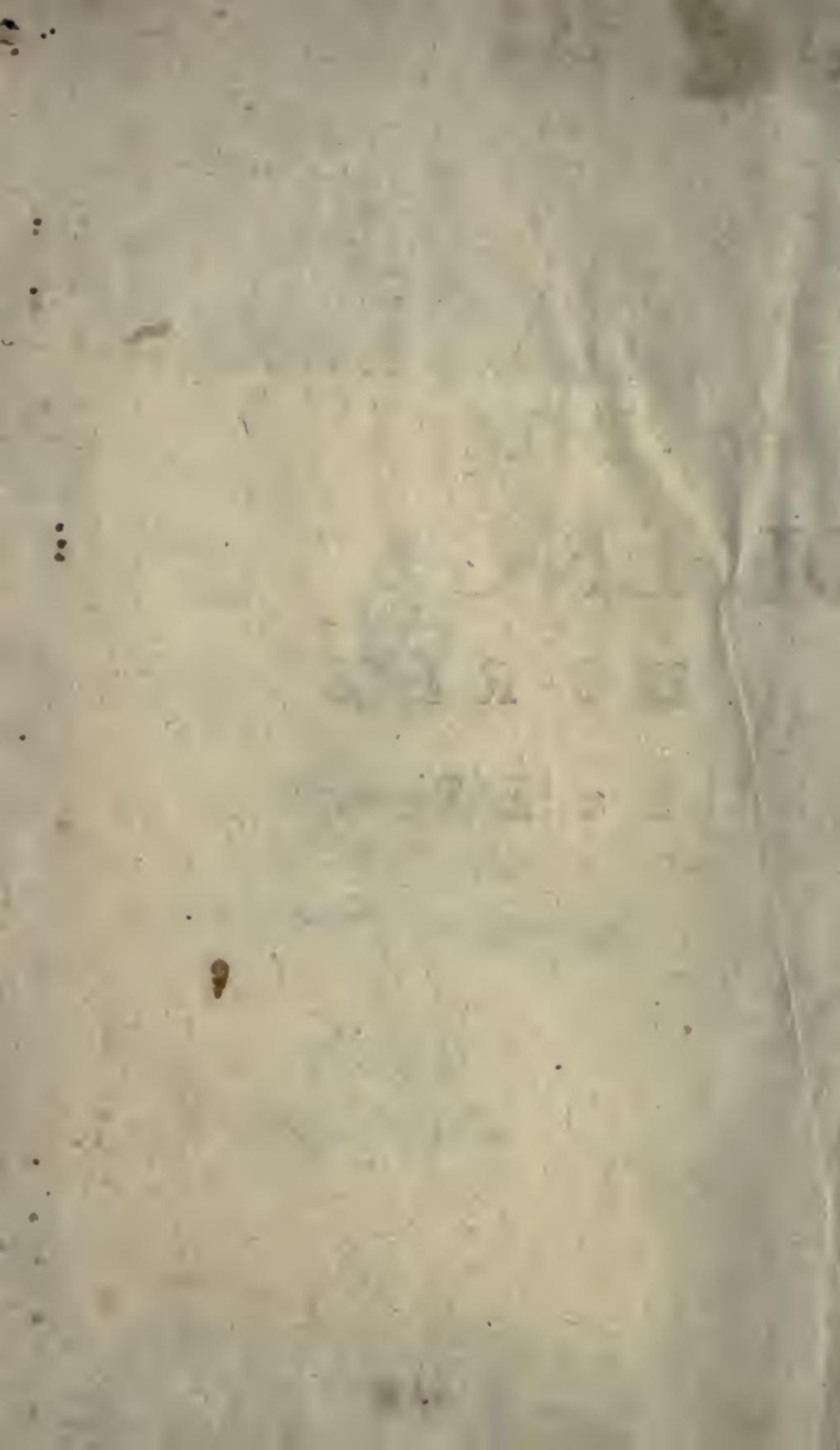
RB186,000



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO

by
Professor
Ralph G. Stanton





ENGANOS DO BOSQUE,

**DESENGANOS
D O R I O.**

I. e II. Parte

DESENHOS DO RIO
MARIA DO CEO
SOMA MARIA
POTERIO
FRANCISCO DA COSTA

LIRGIA OCCIDENTAL

ENGANOS DO BOSQUÉ, DESENGANOS DO RIO

Primeira, e Segunda Parte.

AUTOR A M. R. MADRE

MARIA DO CEO

RELIGIOSA , E DUAS VEZES ABBADESSA DO

Religiosissimo Mosteiro das Senhoras da Esperança da Província de Portugal.

I OITAVO TOMO.

João OFFERECIDO
AO M. R. PADRE MESTRE

Fr. LOURENÇO

De Lancastro , &c.

Pela costumada diligencia, e grande zelo do
P. FRANCISCO DA COSTA

Do Habito de S. Pedro, o qual ja tem dado ao
Prelo varios Tomos das obras da mesma
Autora, e todos à sua custa.



LISBOA OCCIDENTAL:

Na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca,

Com todas as Licenças necessarias.

Anno 1741.

ОДНОГО ДО СОВСЕМ
ОДНОГО ДО СОВСЕМ
ОДНОГО ДО СОВСЕМ
ОДНОГО ДО СОВСЕМ

ОДНОГО ДО СОВСЕМ
ОДНОГО ДО СОВСЕМ
ОДНОГО ДО СОВСЕМ

ОДНОГО ДО СОВСЕМ
ОДНОГО ДО СОВСЕМ
ОДНОГО ДО СОВСЕМ

ОДНОГО ДО СОВСЕМ
ОДНОГО ДО СОВСЕМ

ОДНОГО ДО СОВСЕМ
ОДНОГО ДО СОВСЕМ

ОДНОГО ДО СОВСЕМ
ОДНОГО ДО СОВСЕМ

ОДНОГО ДО СОВСЕМ
ОДНОГО ДО СОВСЕМ

ОДНОГО ДО СОВСЕМ
ОДНОГО ДО СОВСЕМ

ОДНОГО ДО СОВСЕМ
ОДНОГО ДО СОВСЕМ

ОДНОГО ДО СОВСЕМ

AO M. R. PÁDRE MESTRE
Fr. LOURENC, O
DE LANCASTRO,

Monje de Cister na Real Congregação
de Alcobaça, Abade do Mosteiro do
Desterro, e agora Definidor de toda a
Família Cisterciense.

M. R. P. MESTRE.

N *A protecção do grande, e Illusterríssimo Nome de V.P.M.R. dou este livro à*
** ii luz*

luz do mundo. Para hum
engenho tão elevado, como
o da Madre Maria do Ceo,
conhecida, e celebrada em to-
do este Reyno pela sua piissi-
ma discricão só se devia de-
procurar para as suas obras
hum Mecenas, que lhe cor-
respondesse na grandeza do
sangue, e na da prudencia.
Tudo achey na pessoa de V.
P.M.R. porque todos sabem
que pela nobreza do san-
gue hè sexto neto do Senhor
Rey D. Joaõ o II. de Por-
tugal, como filho do Senhor
D. Joaõ de Lancastro, que
por huma continuada serie
de

de Excellentissimos Avôs e-
ra ramo daquelle soberano
tronco. Pela delicadeza do
juizo não menos , como se
tem visto nos lugares que
tem ocupado na sua Reli-
giaõ , e no que actualmente
exercita de Definidor , para
que sempre se elegem as pes-
soas de mayor prudencia ,
pois do seu conselho , e voto
depende a felicidade do go-
verno , cuja melhor admi-
nistraçao està muitas vezes
nas observações com que se
dispoem os successos futuros ,
o que só pôde fazer hum
entendimento claro , agudo ,
e pers-

e perspicaz. Aceite Vossa
Paternidade muito Reve-
renda este devido obsequio
da minha veneração, para
que amparado este livro com
o seu patrocinio, se não a-
trevaõ os Criticos a fazer-
lhe aquellas Censuras, que
mais saõ effeitos da enve-
ja, que da razão. Deos
guarde a Vossa Paternida-
de muito Reverenda.

Criado de V. P. M. R.

Antonio Isidoro da Fonseca.

1737 9

PRO-

PROLOGO.

Leitor amigo, ou inimigo. Temos chegado ao Oitavo Tomo das incomparaveis obras da M. R. Madre Maria do Ceo Religiosa , e duas vezes Abbadessa do Religiosissimo Mosteiro das Senhoras da Esperança , da Provincia de Portugal. No Tomo Sexto destas obras acharás no fim da primeira parte dos Enganos do Bosque , e Dezenganos do Rio a folhas 120. que esta singular Escritora diz naõ tivera tempo para compor a segunda Parte; porém o seu

o seu Prelado vendoa grande
falta que esta fazia à pri-
meira , lhe ordenou que a
fizesse , naõ obstante acharse
adiantada em annos , e tam-
bém valvez por entender
que naõ houvesse quem a imi-
tasse ; e ella entendédo que o
mesmo era obediencia , que
insinuaçāo , a compoz com
taõ singular espirito , que naõ
só sahio em tudo semelhante
à primeira , mas com excesso
a todas as mais obras ; don-
de se segue , que a idade que
nos mais enfraquece as po-
tencias da alma , nesta admi-
ravel compositora lhas avi-
vou de sorte , que parece se
excede a si mesma ; e bem
posso

posso dizer , que este foy o
primeiro milagre da sua grande
de obediencia , pois desta se
seguio ou fazer publicos todos
os seus escritos ; sendo
que ategora forao necessarias
tantas industrias , e diligencias
para sahirem a publico os
mais Tomos , que se achaõ
impressos ; porque humas vezes
era precizo pedir a algumas
Senhoras Religiosas , e
amigas zelofas do bem comum ,
me emprestassem alguns
translados que tinhaõ das
suas obras , e outras naõ ha-
via mais remedio que furtar-
lhe os originaes , sem que
fosse ncessario confessarem-
se do furto , alẽm de que lo-

go o tornavaõ a restituir, mas
ainda assim , recatava-se tan-
to que cada vez os escondia
mais, e tudo procedia da sua
rara humildade , e do pouco
conceito , que fazia das suas
obras ; pois dizia em outras
occaſiōens, que naõ escrevia
nas horas que lhe ficavaõ do
Coro, mais que para ocupar
o tempo sem offensa de De-
os , e para devirtimento das
suas Religiosas , e para se a-
proveitarem daquella liçaõ:
em outra parte diz a Auto-
ra , encomendo muito , que
antes de se imprimir a segun-
da parte da Peregrina , se
lhe ponha o traslado da ad-
vertencia que para isso o faço

com as mesmas palavras com
que a escreveo, e he a seguin-
te. „ A todos os que nascem,
„ se lhes mostraõ dous ca-
„ minhos , hum dos vicios ,
„ outro das virtudes , assim o
„ reprezenta esta Peregrina ,
„ e passa à segunda via , naõ
„ só com as illuminaçõens da
„ alma , mas com os fenti-
„ mentos , e grossarias do
„ corpo. Esta advertencia
faço , para que se ponha no
primeiro Capitulo , porque
he preciza aos lances que lhe
succederem , e tambem naõ
se mude nada dos versos , por-
que assim mesmo os querem
huns Castelhanos , outros
Portuguezes , por dar mais
graça

graça à obra, e se algum dis-
ser o contrario, não impor-
ta, que leu quero o que fiz co-
mo o fiz, e assim em tudo fi-
ca satisfeita a vontade da Au-
tora, mostrando que se hou-
ver quem lhe não pareçaõ
bem algumas palavras , he a
sua tençaõ que todos os er-
ros cayaõ nella; e sem embar-
go disso , actualmente está
escrevendo sobre varios as-
sumptos , todos encaminha-
dos ao espirito ; mas ja não
prometo fazer diligencia pa-
re que se imprimaõ, porque
ha bastantes annos que tenho
este trabalho , e porque co-
nheço saõ muitos os ambici-
osos destas obras, e os the-
souros

souros estaõ abertos ; em
quanto Deos concede vida à
Autora, para depois lhe dar
o premio, pondolhe a coroa
de sua querida esposa no
Ceo.

V A L E.

3. I. A. 3.

1. 1.

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO:

Vistas as informaçōens, pôde-se imprimiri o Oitavo livro das oblas da Madre Maria do Ceo, menos o Seraõ Religioso , ou mudada a figura do Padre Oliveira , em outra que não seja Ecclesiastica conhecida ; e tirados também os termos de Auto da Fé , e Inquisição , e depois de impresso tornará para se conferir , e dar licença que corra , sem a qual não correrá. Lisboa Occidental , 25. de Agosto de 1740.

Fr. Rodrigo de Lancastre.

Antonio Teixeira Alvares.

Nuno da Silva Telles.

Joaõ Alvares Soares.

Antonio Ribeiro de Abreu.

DO ORDINARIO.

Vista a informaçāo pôde-se imprimir o Oitavo Tomo das obras da Madre Maria do Ceo , de que se trata , com a moderaçāo, e excepçāo proposta na licençā do Tribunal do Santo Ofício , e depois de assim impresso tornarā para se conferir , e dar licençā para que corra. Lisboa Occidental , 30. de Agosto de 1740.

Gouveia

DOPAC, O.

CENSURADO M. R. P. Fr.

Domingos do Rozario, &c.

S E N H O R.

Por mandado de V. Magestade
vi o Oitavo Tomo das obras
da M. R. Madre Maria do Ceo Re-
ligiosa do Convento da Esperança
desta Cidade de Lisboa Occiden-
tal: cujo titulo he *Enganos do Bos-
que*, e *Desenganos do Rio*: o meu
parecer he que este naõ só se deixe
correr, mas imprimir; assim por
sair de humiimar de eloquencia:
*Congregationesque aquarum appellavit Genes. 1.
maria*, como tambem em o ter por
artificio Divino do Ceo toda esta
eloquencia para onde corre como
rio para seu centro, regando com
seus desenganos, e altos conceitos
os cultos bosques dos entendimen-
tos dos homens mais doutos; e sa-

bios. Em fim: he esta Autora no profundo de seu juizo, e nos altos do seu discurso expresso geroglyfico daquella mulher, e prodigioso retrato que vio o Evangelista com
Apocal. azas de Agua: *Et dat& sunt al& due aquil& magna:* voar pelo Ceo, pois só estes voos saõ para huma mu-
cap. 2. lher, para huma solidão: *Et fugit in solitudinem*, para admiraçao dos homens, e muito mais sendo Ma-
ria donde participem suas influen-
cias. São Francisco de Lisboa Oc-
cidental, em 31. de Agosto de 1740.

Fr. Domingos do Rosario.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, se taxar, que sem isso não correrá. Lis-
boa Occidental, 312. de Setembro
de 1740.

Pereira. Teixeira. Cardeal.

Vaz de Carvalho. Costa

INDICE

INDICE

DOS CAPITULOS DA primeira Parte.

CAP. I. Mostraõ-se à alma signi-
cada na Peregrina dous cami-
nhos, o do Ceo, e o do mundo; as Vir-
tudes a chamaõ para o Paraíso Ver-
gel do Pastor; os vícios para o mun-
do do Caçador Bosque. pag. 1.

CAP. II. Resoluta a alma a seguir
o conselho de Christo significado no
Pastor, dà os primeiros passos pelo
caminho das Virtudes, porem logo
o mimo do seu amor proprio lho re-
presenta impossivel de vencer, e se
destina ao Bosque do Caçador, a-
onde bebendo das suas agoas lhe
rouba o mundo o coração : alli he
cortejada de suas lizonjas simboli-
sadas nas Ninfas. pag. 12.

CAP. III. Descreve às condicoens
do mundo significado no Bosque ;
neste he mostrado a Peregrina o pri-
meiro ídolo Nobreza, e na morada
da

INDICE.

da sua soberania, corre o Desenga-
no significado no rio a desenganalla
pag. 26.

CAP. IV. Em que a alma he leva-
do ao segundo idolo do mundo Fermo-
sura, e hindio a cegar-se com suas lu-
zes, a socorre o Dejengano com as
suas vozes. pag. 42.

CAP. V. Passa a alma ao terceiro
idolo Discriçao humana, torna a en-
ganar-se, e o Desengano a dissua-
dilla. pag. 59.

CAP. VI. A Esperança do mundo,
idolo quarto, chega à alma, primei-
ra a olha reverente, e logo a deixa
desenganada. pag. 71.

CAP. VII. Em que a Peregrina pas-
sa ao idolo da Riqueza, leva-se pri-
meiro de suas vazes, e logo piza
seus poderes. pag. 81.

CAP. VIII. Em que a alma he le-
vada ao culto do amor proprio, ult-
imo idolo. pag. 92.

CAP. IX. Em que desenganada a
alma

INDICE.

alma resolve a deixar o Bosque ;
symbolo do mundo : procuraõ detel-
la as suas lizonjas na voz do Caça-
dor ; vence seus enganos com o fa-
vor das inspiraçõens significadas
nos avizos das Pastoras. pag.

103.

CAP. X. Em que vacillante a al-
ma nas sombras do mundo penetra
ao Ceo com sua oraçao ; e alumuada
com hum rayo de luz em suas escu-
ridades sae do Bosque seguindo a
Christo. pag. 108.

SEGUNDA PARTE.

CAP. I. Em que a Peregrina
começa o caminho das aspe-
rezas, em que a mandaõ despir as
sedas , e deixar o calçado. pag.
114.

CAP. II. A donde seguindo a Pe-
regrina seu caminho , a mandaõ
mortificar o gosto , e vencer as
diffi-

INDICE.

- difficultades. pag. 129.
C A P. III. Em que a alma figura-
da na Peregrina sofre as injurias,
e entra no lago das tribulaçoens.
pag. 141.
C A P. IV. Em que a Peregrina en-
tra no Vergel do Pastor, dando fim
à sua peregrinaçao. pag. 158.
*Representacion de Santo Alexo inti-
tulada Mayor fineza de amor.*
pag. 171.
*Alegoria poetica a S. Alexo intitulada
Las lagrimas de Roma.* pagina
231.
Novena de S. Alexo. pag. 334.
Elogio a S. Aleixo. pag. 344.
Coplas ao Menino Jesu. pag. 349.
Coplas a S. Antonio. pag. 351.
*A morte da Senhora Infanta D. Iza-
bel.* pag. 353.
A morte do Senhor D. Miguel. ibid.
A morte de Dona Angela de Borbon
pag. 354.
A morte da Veneravel Madre Elena
de

Í N D I C E. I

- da Cruz.* ibidem.
A morte da Marqueza de Marialva
Dona Catherine. pag. 355.
A morte do Conde de Monsanto Dom
Fernando. ibidem.
Sonhando a Autora com a Madre Ele-
na da Cruz. pag. 356.
Pedindo-se à Autora que contasse hu-
ma historia em huma recreaçō,
ibid.
Villancico ao Amor divino. pag. 357,
Ao mesmo assumpto. pag. 359.
Ao mesmo assumpto. pag. 361.
Villancico à Misericordia. pag. 363,
Adagios. pag. 366.

ERRATAS.

Pag. 162. os Jacintos padeciaõ ciu-
mes.

pag. 167. y siendo su Raquel querida.

pag. 173. aqui retirado quieres

pag. 184. perdadas.

pag. 195. oy soy fuego.

pag. 198. pearseguirlos.

pag. 200. segun las señas que oy.

pag. 210. muera por fiel.

pag. 221. con las finezas que hizieren.

pag. 236. si aqui acabara el papel.

pag. 249. mas oy.

pag. 253. Alevo.

pag. 255. han tus iras constantes.

pag. 262. quando tu tema, e impuesta.

pag. 278. tu propia Corte.

pag. 280. sin estrellas.

pag. 282. en su llama misma

pag. 284. y tantos riesgos.

ibidem. tu fama.

pag. 286. quedese la gloria.

pag. 287. su cobardia.

nestas duas paginas, e na seguinte.

Falanges.

pag. 289. te tresguarda Señor.

ibidem, no quieres.

ibidem

EMENDAS.

Facintos naõ tinhaõ ciumes,
siendo su Raquel querida.
aqui retirado quiero.
pedradas.
yo soy fuego.
perseguirlos.
segun las señas que oyd.
muero por fiel-
con las finezas que hizieron.
acabara el papel.
mas ay.
Alexo.
en tus iras constantes.
quando su tema impuesta.
su propria Corte.
sin estrella.
en su llama mesma.
en tantos riesgos.
su fama.
y quedese la gloria.
en cobardia.

nestas duas paginas , e na seguinte
Remolo.
te resguarda Señor.
naõ quiere.

Remo-

ERRATAS.

- ibidem. Guion obediente nasci.
ibidem. Remolo.
pag. 291. su hado sea.
pag. 293. feneço.
pag. 297. feneço.
pag. 300. vuestra fortuna.
ibidem. en ce desvio.
pag. 302. tres recogieron.
ibidem. siempre te lo dirà.
pag. 304. y porque una empresa.
ibidem. queda.
pag. 305. os aguardo.
ibidem. es Alexo.
pag. 306. y incluidos.
pag. 308. jardines.
pag. 309. no quiero.
pag. 310. quiziera ver.
pag. 313. que mi rara beldad.
pag. 314. en buscaros hecho.
ibidem. en encanto.
ibidem. la defencanto.
pag. 319. tu rara beldad.
pag. 320. levantaos.

EMENDAS.

Remolo obediente nasci.

Guion.

tu hado sea.

fenesco.

fenesco.

nuestra fortuna.

en su dessvio.

nos recogieron.

Chipre te lo dirà.

y porque una empresa tengo.

quando.

nò os aguardo.

os alexo.

excluidos.

jardinos.

nò quizo.

quiziesse verá

que su rara beldad.

en buscaros luchó.

un encanto.

la desencanta.

su rara beldad.

levantad.

2401 道

ESTAMOS VISTOS
EXCEPCIONES EN NADA
HABEMUS PARTE
EN LA UNIÓN CONFERIDA
ALGUNAS.

CAPITULO

que se ha de tener en cuenta en la formación
de la constitución, para que no sea destruida
la libertad, pero es necesario
que se respete la voluntad de los pueblos.



CHRONIC OF THE
TAXES OF THE
CITY OF LIMA

BY JOSÉ DE MARÍA
SANTOS



ENGANOS DO BOSQUE, DEZENGANOS DO RIO.

PRIMEIRA PARTE

*Em que a alma entra perdida, e sahe
desenganada.*

CAPITULO I.

*Mostraõ-se à alma significada na Peregrina-
dous caminhos, o do Ceo, e o do Mundo, as
Virtudes a chamaõ para o Paraíso Vergel
do Pastor, os vícios para o mundo do Ca-
çador Bosque.*

PRÃO da manhãã ás Auroras,
despedidas do dia, crecidas ás
luzes, da tarde naõ entradas,
as sombras, quando ás pri-
meiras jornadas do seu caminho se achou
uma Peregrina sequiosa : buscava com
a vista o cristalino objecto em que satisfa-

Enganos do Bosque,
fazer sua sede, mas nem os olhos encontraõ as agoas , nem o ouvido alcança-
va o murmurio , e ja eraõ duas as sedes,
 huma de achar a fonte, outra de gostala:
 apressava o passo a descobrila , quando
 se lhe offereceraõ dous caminhos ambos
 iguaes à esperança do remedio , mas en-
contrados ao agrado dos olhos , hum
 parecia Corte da Primavera , o outro es-
quecimento do Abril, este todo espinhos,
 todo sylvas , todo abrolhos , aquelle to-
do flores , todo rozas , todo galla , hum
 era capella de aves musicas, ao outro se
 arrojavaõ voos tristes , em hum se ouvia
 o canto , de outro se podia fazer o la-
mento , de hum só se viaõ verdes man-
soens , de outro se avistavaõ asperas su-
bidas, este offerecia tudo tropeços, aque-
le mostrava tudo seguros , hum convidava a fadigas, o outro chamava a lizon-
jas , hum era horror à planta delicada, o
 outro alegria aos olhos descuidados; tais
 os caminhos , nelles vacilava a Peregrin-
na duvidosa , sem determinar a qual ar-
rojar-se apressada , sua sede naõ lhe dava
 vagares , sua irresoluçao pedia-lhe espe-
ras ; a que senda (dizia ella) alentarey
 meus passos , que ache mais apressado o

remedio a seus disignios? Aqui me convidaõ conformes douos caminhos oppostos, se me arrojo aos rigores de hum, se pulto as esperanças que em tanto verde me promete o outro, que naõ crecem nos desvios da agoa os favores de Flora, se me levo deste às lizonjas; fujo daquelle aos possiveis, pois ha fonte que rompe na dureza de huma pedra, naõ a criar o mimo das flores, mas a abater a dureza dos penhascos. Adonde pois me chamarà o cristal escondido com mais brevidade, se na disimulaçao destes espinhos, se na ostentaçao daquellas rozas? Haja luz que me guie, estrela que me conduza, voz que me responda, adonde hirey?

*Aqui foy suave melodia, oraculo pronto, que
diz assim*

Al Vergel, al vergel,
q̄ en sus flores se aviva el incendio,
y en sus agoas se aplaca la sed.

Passeou a Peregrina os olhos pela capacidade daquelle sitio a avistar quē nelle respondia às suas ancias, e encontrou olhando huma companhia de Pastoras,

que do caminho , cuja aspereza retratamos , se conduziaõ ao lugar em que ella se suspendia , taõ leves no passeyo , taõ seguras no passo , taõ alegres na musica , como se fora o caminho outro , e continuaõ sua cantiga dizendo.

Al vergel las aldeanas
Se conduzan esta vez ,
Porque assi miren las rozas
Las finezas del Clavel.

Cupidillo de las flores .
Entre las flores se vè ,
Que el hizo rey a cupido ,
Y cupido amor a el.

Estuvo por el partido
Gustoſo el Clavel , porque
Entre el arder , y el luzir
Mas que luzir quizo arder.

Viste purpura abrazada
De tan fino rosicler
Por el incendio de amante
Nò por la color de rey,

Y entanto fuego Pastoras
Si es què lo queréis saber
Ay cristal contra el incendio
Que queda calor por el.

Al vergel pues aldeanas .

Porque

*Amor
Diyino.*

Porque en su fuente vereis.
Estrellas como a parar,
Y perlas como a correr.

Al vergel, al vergel
Que en sus flores si aviva
El incendio,
Y en sus agoas se aplaca
La sed.

Acabaraõ as Pastoras a musica che-
gando a Peregrina , que reparando em
suas perfeiçõens se admirou dellas : eraõ
todas belissimas , na cor retratavaõ ao
cristal das fontes , nas faces ás rozas do
campo , nos cabelos aos rayos do Sol ,
nos olhos ás luzes do firmamento, vestiaõ
a pureza dos arminhos , toucavaõ a gra-
ciosidade das flores, admitiaõ,a fineza dos
corais. Alegre a Peregrina em taõ agrada-
veis objectos lhes disse: Pastoras por quem
melhor que por Climenõ podia o Sol tor-
nar a ser Pastor. Ja que vossa belleza sa-
tisfez a meus olhos , satisfaça vossa noti-
cia a minha sede , conduzime a este Ver-
gel florido, adonde està a fonte dezejada,
que eu agradecerey á vossa belleza quan-
to dever a seus cristaes , achome neste
paiz peregrina , só , e sequiosa , e virey a
morrer

Belleza
das Vir-
tudes.

morret de minha sede, se me naõ valer
vossa compaixaõ Peregrina, responderão
as Pastoras: se quereis seguirnos alentay-

*As virtu-
des faci-
litaõ a
alma ao
caminho
do Cœo.* vos a pizar deste caminho as asperezas,
porque vencido o seu trabalho, entrareis
no Vergel do Pastor, adonde achareis
huma fonte pura, perene, saudavel, cu-
jas agoas naõ só satisfazem a sede, mas
tambem seguraõ a vida ao sequioso, po-
rém se vosso melindre fizer espanto do

que nós conveniencia, e tomares por
esta senda, adonde as rozas vos convidaõ
com lizonjas, sabey que a poucos passos
encontrareis outra fonte cristalina aos o-
lhos, mortifera ao coraçao, clara à vista,
enganosa à experiência; prata advertida,

*Engano
dos bens
do mun-
do.* veneno provada; em suas perolas desi-
mula tosigo; em suas flores acautella ser-
pentes, em suas sombras esconde espan-
tos; esta tende-la a passos de rozas, mas
como a tendes? aquella achareis a rigores

de elpinhos, mas como a achaes? Duas
saõ, e só duas, de ambas vos avizamos
as condiçoens, huma està em o Vergel
do Pastor, que encontrareis sem mais
guiá que a de seguires o caminho aspe-
ro, a outra em o bosque do Caçador,
que descobrireteis sem mais luz, que a de

vos

vos cegares na belleza das flores, à nossa nobreza esteve o avizo, ao vosso alvedrio està a escolha, e pois naõ tendes o perigo da ignorancia , valeyvos ao seguro do desengano.

Disserão as Pastoras , e seguirão seu caminho, sem que as vozes de Peregrina bastassem a detelas , mas como em sua advertencia lhe deixassem a melhor guia para seus passos , dava os primeiros à escabrosa senda adonde a convidava a fonte benigna , mas atrazou sua resolução pronta voz , que do opposto caminho cantava benigna.

Al Bosque, al bosque
que en su fuente las ninfas se paran
a mirarse en las perlas que corren.
Al bosque que en sus cristales

Venus su aliño compone
Siendo olvido para Marte
El cuidado para Adonis

Al oro de sus cabellos .
Fragante tocado pone
Donde el uno toca espinos
Quando el otro coje flores

Jove que vè su fatiga
De su cuidado sintiose

*Os vícios
persuadē
a alma a
q sigua o
mundo:*

Que

Que al mirarla como Dios
 Tuvo zelos como hombre
 Al dia arroja una sombra
 Que sus disignios estorbe
 Que para cegar al Sol
 Empeno toda la noche.

Al bosque, al bosque

Que en su fuente las ninfas se paran
 A mirarle en las perlas que corren.

Voltou a Peregrina o rostro, e vio de-
 cer pela florida estancia huma esquadra
 de Cacadores, que ao depois de canta-
 rem a suspendella, chegando a ella, e
 reparando em seu traje, lhe admirou a
 gala. Vestiaõ à ligeira para o desembara-
 çó que pedia seu officio, de varias pri-
 maveras, roupas curtas, o calçado guar-
 necido com perolas, os cabellos tomados
 em laços, os chapeos coroados com plu-
 mas, arcos nas mãos, flexas nos olhos,
 gala no andar, liberdade no ver, effica-
 cia no persuadir, e confiadas nesta, disse-
 raõ à Peregrina, adonde inocente bel-
 leza te despenha tua ignorancia, a ferir
 nas plantas, o que naõ podes curar em
 o Vergel, pois primeiro que a elle che-
 gues, serás sacrificio ao trabalho, vítima

*Affim
 persuade
 quem en-
 gena.*

ao tormento , e as pedras que pizas para o remedio , te daraõ sepultura para o cadaver , teu delicado pé magoada flor naquelles espinhos quando te conduzirà àquellas agoas que te naõ deixe em o caminho a beber só por ellas os vêntos , e só dellas o desengano! Torna,muda o passo a buscar as perolas , que no bosque te convida a fonte com hum já , e tua sede naõ está para hum logo , no bosque do Caçador , ò Peregrina , acharás agoa taõ clara como teu rostro , taõ lizonjeira como teus olhos , taõ rizonha como tua boca , taõ de perolas como teus dentes , taõ aprazivel como teu semblante , taõ de neve como tua garganta , taõ de prata como tuas mãos , taõ peregrina como teu nome , e taõ salutifera como toda tû. Esta he a verdade , as outras informaçoens saõ bachelarias , nossa fidalguia te tem avizado generosa , tua reoluçãofará o que quizer determinada. Disseraõ , e seguiraõ seu caminho , sem que as vozes da Peregrina bastasseim a detelas , e parada em sua duvida dizia , que dano me podem fazer as agoas do bosque que ao depois naõ possa curar em aq do Vergel? Beberey dellas huma vez ,
tempo

Enganos do Bosque;
tempo me fica para gostar das outras
muitas, buscandoas sem as ancas da se-
de, e com os comodos do vagar: a Sin-
geleza pastoril sim he verdadeira, mas
tambem he cobarde, e so nas sombras
daquelle malquistaraõ a pureza dos cris-
taes, tanto fera seu medo! Vamos pois a
pizar nas flores os receyos, e pode ser
que sejaõ fantasticos os perigos. Resolu-
ta a Peregrina começou o caminho pela
deliciosa estancia, adonde a festejavaõ
as Aves com o canto, as rozas com ale-
gria, as flores com a fragancia, e ja a
fonte com o murmurio; poucos passos
tinha dado sua mal tomada resoluçaõ,
quando clara voz lhe penetrou o ouvi-
do, dizendo: *Adonde corres ovelha que
vas perdida?* Levantou os olhos, e avistou
ao longe hum Pastor pastoreando hum
rebanho de ovelhas, taõ brancas, que
podiaõ ser opposiçaõ ao arminho, todas
com capellas de rozas nas cabeças, fa-
zendo o naçar com a neve huma gracio-
sa mistura: ja mais ao perto reparou em
o Pastor naõ que lhe podesse ver o ro-
stro, porque a este fez sua cautela som-
bra com a maõ, e tambem dissimulo com
os cabelos, podendo a maõ ser vidrassa
pelo

pelo cristalino , e os cabellos vista pelo
luzentes , vestia hum pelico de pelle cor
doirada , e ainda sem ser esta a cor , elle
fizera lustroso ao pelico , porque era seu
passo ayrosissimo , seu corpo delicado , ;
animadissima sua acçaõ. Pastor, lhe disse.
a Peregrina , fallais comigo perdida , ou
com a óvelha desgarrada? Respondeo el-
le ? Que? Sois vòs perdida? ja Pastor que
me fazeis o avizo , tornou ella , dayme o
parecer que tenho de fazer para ganhar-
me ? Trocar os caminhos , respondeo o
Pastor , que nem sempre he melhor o que
melhor parece : advertis bem , disse a Pe-
regrina , mas descobri o rostro , que de
quem me deixa o conselho , quero ver
o semblante : caminhay , respondeo elle ,
para o Vergel do Pastor , que ahi matan-
do a sede , me vereis a face. Disse , e to-
mando o caminho para o Vergel se a-
pressou taõ ligeiro , que a poucos passos
se fez desaparecido , deixando a Peregrina
confusa ; se serà dizia ella , este Pas-
tor o do Vergel , de cuja fonte me conta-
raõ as Aldeanas taes maravilhas ? Elle he
sein duvida , pois para o Vergel me cha-
ma , que ainda que em sua capacidade
assistaõ mais o brio de sua pessoa , o ar de
seu

Inclina-
da a al-
ma a
Christo,
resolue
seguilo.

12 *Enganos do Bosque*,
seu passeyo , o magestoso de sua voz,naõ
pode conhecer superioridade a outro :
desandemos pois cobardes plantas os er-
rados passos a vencer a via que nos as-
sombra , caminhemos com fadiga ao
Vergel adonde ja me levaõ duas sedes . ,
humana de provar suas agas, a outra de
ver seu Pastor.

C A P I T U L O II

*Resoluta a alma a seguir o conselho de Chris-
to significado no Pastor , dà os primeiros
passos pelo caminho das Virtudes , porém lo-
go o nimio do seu amor proprio lho repre-
zenta impossivel de vencer , e se destina ao
bosque do Caçador, adonde bebendo de suas
agoas lhe rouba o mundo o coraçao , alli he-
cortejada de suas lizonjas simbolizadas nas
Ninfas.*

O Bedecendo à imperiosa voz do Pastor desandou a Peregrina os errados passos, que da belleza das rozas a levava a serpente do perigo , começo a seguir animosa pela segura, se desabrida, estancia, duas vezes chamada ao Vergel, humana ver suas perolas nas agoas da fonte,

fonte , outra a ver suas flores no rostro
do Pastor , de quem a memoria lhe fa-
cilitava o trabalho : caminhou primeiro
enganada a fadiga no desejo , mas logo
entibiando o desejo na fadiga , o cora-
çao pulsava ao compasso , sem que bas-
tasse a esperança para adoçarlhe a quei-
xa , a seda do vestido padecia ultrajes
nos carrafos , o ouro dos cabelos pri-
zoens em os espinhos , a perola do pé
magoa em os penedos , sem que a con-
cha do calçado bastasse a resguardala do
punçante das sylvas , os penhaiscos se al-
guma vez arrimo , hiaõ muitas a ser des-
penho , e ja a ser arrependimento . A Pe-
regrina que tendo aos olhos o rigor des-
ta via , e nos ouvidos a murmuração da-
quella fonte , o que deixou com a exe-
cução , tornava a abraçar com o desejo .
Adonde vou dezia ella , adonde me leva
a saudade de hum Pastor , que naõ vi , e
a saude de humas agoas , que naõ vejo ?
Primeiro que chegue ao anciado paraizo
perderey a memoria nos trabalhos , e a
vida na sede : que caminho he este tão
desabrido , ao ver , tão pavoroso ao in-
tentar , tão cruel ao seguir , adonde se
contão pelos passos os desalentos , per-
dendo .

dendo-me nos desmayos as esperanças ; a meu vestido despedação as asperezas , a meus cabellos quebraõ as esquivanças , a meus olhos cegaõ as sombras , a minha vóz prendem os astombros , a meus pés ferem as cruidades , e sente mais minha vaidade os desalinhos , que os discomodos , mais se doe , que das penalidades ; dos desmanchos : eu entregar meu adorno à grosseria dos espinheiros , meus cabellos à inconstancia dos ventos , meu caraõ às envejas do Sol , e ficar a huns olhos lastimá , a outros zombaria , quando hontem tudo era zombaria a meus olhos ! Eu quebrar na delicada planta por conculcar até na clara pedra ! Eu penetrar arrastada as asperezas por fugir ligeira às lizonjas ! eu deixar as rosas que pizava , por ser pizada dos espinhos que busquey ? Naõ , naõ he possivel , perdoayme Pastor que algum dia tornarey a buscárvos com mais comodo para o caminho , e com menos pressa para a fede , que ainda que vos repudio na inconstancia , vos immortalizo na memoria : tivera vossa Vergel outra via que eu só bebera as agoas da sua fonte , mas ja a do bosque murmurava minha ingratidaõ , pois quando

quando me convidava com lizonjas , vè que a deixava com porfias , vâmos pois saborozas ainda que mal prognosticadas agoas a provar vossos cristaes, naõ me pagueis com o desengano a confiança.

Disse, e dezandando os seguros passos se tornou a arrojar aos praticados perigos , q̄ disimulados aspides na lizonja das flores contra a noticia dos ouvidos, enganaraõ os olhos: trocou os caminhos, pizou as rosas , medio a distancia , chegou ao bosque , em cuja entrada corria a maliciosa fonte a crescer a ancia, naõ a matar a sede , às floridas margens sahio a receber a Peregrina hum tropel de Ninfas, de quem podendo o nome ser credito da belleza, foy alli a belleza credito do nome , tudo de fermosura, nada de ser : pareciaõ as Ninfas deidades , pelo claro feitas do cristal da fonte , ou quē dellas tomava a fonte tanto cristal , de muitas eraõ os cabellos luz de rayos , de outras olhos , e cabelos cor de Ceo , de algumas cabellos , e olhos cor de campo , e nesta diferença, em que a natureza as particularisou mais , naõ as agraciou menos , era sua gala ló de ouro , menos braços , e peito , que estes só vestiaõ

*Lizonjas
do mun-
do.*

Enganos do Bosque;
 tiaõ de perolas , os cabellos borrifados
 de aljofar , os pès calçados de flores , as
 mãos occupadas de conchas , e buzios,
 em cuja madre perola traziaõ à Peregrina-
 ua a detejada agoa , sendo offerta de to-
 das, a que havia de ser aceitaçao de hu-
 ma, entoavaõ suavissima Musica,calman-
 do os ventos , e desatando os montes
 nestas coplas.

Parabien estas agoas
 O' soberana Dea
 Alcancen de tu boca
 Rubies, corales, marfines, y perlas.
 Reciban te las Ninfas
 En su orilla serena
 Siendo imbidia, y festejo
 Sirenas, Nayades, Essiglas, Napeyas.
 Para bezar tus plantas
 De sus margenes bellas
 Corran a suspenderse
 Guilgeros, fabonios, cristales, arenas.
 En tu pie se trasformen
 Quando a pizarlas llega
 En su punto de ambar
 Hazares , amores , jasmines , violetas.
 Veas en sus espejos
 Quando en ellos te veas

Nar-

Narcizo de tu Cielo

Candores, luzeros, faroles, estrellas.

Por este verde bosque

En venatoria guerra

Rindes de amor , y imbidia

Cupidos, Dianas, Apolos , Minervas.

Sus flores te consagren

Por si assi no las dexas

Siendo prizion , y imperio

Cadenas , coronas , lazadas, diademas.

Sus arboles frondosos

En sus sombras amenas

Te adormescan suaves

Passiones , cuidados, sentidos, ideas.

Del nido de una rosa

Te cante aun que sin lengua

La sirena del ayre

Motetes, canciones, tonillos , endechas.

Pare texerte alfombras

Si acaso te passeas

Soplen los ayresillos

Almendros, naranjos, rosales, mosquetas.

Milrente desde lexos

Blandos en tu belleza

Partidos en tus rayos

Escollos , peñascos, montañas , y sierras.

Calou o canto das Ninfas , e naõ ouvi

Enganos do Bosque,
ve Pastor taõ grosseiro, Fauno taõ syl-
vestre, Tritão taõ bruto, que por ouvi-
las de mais perto naõ deixasse cabana,
cova, e rio. Chegaraõ todos à Peregrina
a offerecerlhe agoa em buzios, e con-
chas, de quem as mãos pareciaõ as pero-
las, e ella namorada de taõ apparente be-
leza, e obrigada de tanta cantada lizon-
ja quizera que as ancias de sua sede po-
dessem esgotar o todo de seu offerecimen-
to, mas na capacidade de cada concha
cabia mais de huma sede de agoa. Naõ
sey nobilissimas Ninfas, lhe dizia a Pe-
regrina, se por atenta ao vosso sacrificio
me deixarey morrer de meu desejo, e ex-
cluindo o de todas; por naõ aggravar o
de nenhuma, que melhor que comvos-
vo ser ingrata, acabarey comigo ser cruel,
todas me offereceis agoa, e eu só de hu-
ma posso admitila, e ja padeço mais na
duvida, que na sede, e pois só beben-
do na fonte, bebo de todas sendo a fon-
te vossa, me arrojo sem mais ceremonias
a seus cristaes, e agradeceyime a sede que
me fica de vossas mãos. Disse, e chegan-
do à fonte bebeo seus perigos, taõ segu-
ra, que naõ ouve mister mais agoa con-
tra o susto, e hydropica daquelles cristais,

ao depois de bebelos, ficava a desejarlos, com que não acabava de bebelos. Nesta satisfação repetida, e nesta ânsia continuada, levantou os olhos ao bosque, dilatandoos por sua capacidade, e namorada della em virtude de sua fonte dizia assim.

Gostando
a alma
das deli-
cias do
mundo
se namo-
ra delle.

Oh! que árvores tão soberanas por altas, que flores tão maravilhas por fermosas, que frutos tão apetecidos por excellentes, que sombras tão aprazíveis por seguras, que luzes tão estrelas por ditas, que ares tão mansos, que zefiros tão brandos, que aves tão musicas, que fragâncias tão suaves! Oh! quem ficara perpetua destas flores, Ninfa destas agoas, Diana destes bosques, Aura destas sombras, Venus destas luzes, e destes ares Filomena, não passe daqui minha peregrinação, que esta he a patria do gosto, senão do ser aqui caçadora quero ferir ao bruto com as flechas, ao racional com os olhos: aqui Ninfa quero refrescar as flores com os cristaes, e abrazar os penhascos com a belleza, aqui livre quero seguindo aos Cervos na carreira, fazer parar aos rios na suspensão, aqui altiva quero pizar as maravilhas por soberba, e

Engana-
da a al-
ma nas
delícias
do mun-
do dese-
ja ficar
sempre
logran-
doas.

coroarmè das rozas por galantaria , aqui
pratica, persuadirey as pedras com a elo-
quencia; paliarey as corticas com o con-
ceito , e finalmente aqui fico a lograr de-
licias do bosque atè que busque nas aspe-
rezas ao Vergel.

*Vaidades
da alma
nomun-
do.
o mundo.*

Assim arrezoava a Peregrina quan-
do arrojado tiro lhe arrancou o coraçao
só com á voz : sentio que lho tiravaõ do
peito , ja lho dizia a dor , ja o susto , ja
a congoxa que em hum instante pode af-
fligila , e deixala , e cobrada de taõ re-
pentino sobre salto , olhou , e vio a hum
Caçador Joven de galharda presençā ,
semblante aprazivel , olhos lizongeiros,
gentil parecer , fazia gala o abrigo de
hum cazacaõ , verde o pano na cor , vario
no forro , que desse era a seda furtaco-
res , os botoens que brilhantes o favore-
ciaõ , feriaõ na luz do ouro , a luz da
vista , a carapuça coroava de flores , e
de plumas , que a vaidade , e a inconsstan-
cia trazia sua estimaçāo sobre acabeça ,
fez-se objecto aos olhos da Peregrina , a
qual reparou que descansando ao hom-
bro o instrumento de seu tiro , prendia
nelle a hum ferido coraçāo. Que he isto
dise ella assustada ? foy por ventura a
quelle

quelle tiro vosso ? e he por desgraça esse coraçāo meu ? que conforme ao sobre-salto que deixou seu grito em meu peito, pois naō podia sentir mais ; naō posso cuidar menos. Cuiday tanto, respondeo elle, que para valer a fineza me he forçoso confessar o delicto , avistey-vos neste bosque Peregrina , e desejandovos nelle natural vos roubey o coraçāo para o bosque , porque assim naō pudesseis deixalo , que he grande penhor o coraçāo; se foy rigor contra vossa belleza, foy piedade para meus olhos , perdoay Senhora a grosseria de querer primeiro morrer *Lizonjas* a vossas iras , que a minha saudade , e se *do mundo* tendes do que vos usurpey, lá vos fica *do mundo* coraçāo , por coraçāo.

Caçador respondeo à Peregrina, taō satisfeita me tem a fermosura deste bosque, que antes de vertos lhe dava o meu affecto o coraçāo , mas depois de ouvir-vos lhe dera minha vaidade as costas ; porém naō sey que impulso , se benigno antes , violento agora, me obriga a ficar nello ; serà estrella desta verde esfera, que melhor que vossa seta me podia inclinar seu austro. Neste bosque disse o Caçador: eu so sou o destino , naō ha fera ; naō ha ave,

ave, naõ ha bruto, naõ ha racional taõ
obediente a outra estrella, que naõ fique
sogrito a meu impulso, a coroa da cabe-
ça do Leão segue arrastada neste bosque
meu imperio; a temida condiçao do Cer-
Poder do mundo. vovo, se faz ira aos fogosos exemplos de
meu brio ; ficando desta sorte o Cervo
Leão, o Leão Cervo; a voracidade do Lo-
bo se aqui executa os estragos, aqui tam-
bem acha em meu poder os castigos ; a
paz da ovelha ao fumo de meu alento ,
faço colera, deixando assim a ovelha com
as condiçoes do Lobo , ao Lobo com
os perigos da ovelha , a candida pureza
do Arminho se naõ em os desassejos do
lodo , faço manchar em as sombras do
bosque , por naõ izentar de meu poder a
seu melindre, e cõ o riso das flores tal vez
obrigo a asquerosa condiçao do Javali, a
que faça empenho de huma fonte, fican-
do o arminho maculado na sombra , e
purificado o porco no cristal , da ave o
remontado voo abate as azas à minha so-
geiçao , trocendo sua inclinaçao a meu
dominio; a filomena , que em outro lu-
gar cantava a huma tragedia desenganos,
aqui à belleza das flores canta lizonjas;
a aguia, que nos fumos de penetrar o Sol
levan-

levantava o voo , aqui escondendolhe o Sol, a cega nos fumos ; a chamariz que chama em seu favor aos ares , aqui naó deixa liberdade para os voos , ao solitario que estuda a naó falar em seus retiros , aqui o faço cantar em minha esfera , assim dos brutos sou ó Peregrina destino fero , e assim dos racionaes sou fatal estrella : à Ninfa que nestas agoas quando escondida congela o peito, faço que nestes Soes quando manifesta abraze o coraçaõ : sendo perigo a luz , seguro o pego: o satiro que sylvestre, ou he tronco com alma , ou parece que fez a alma de hum tronco : naó tendo ser pata entender-se , abre aqui os olhos para namorar-se , e perdido na beleza das Ninfas , naó faz memoria do que foy , por fazer vontade do que he , ao Pastor simples mando estudar enredos nos labyrintos , à fé lavradora inconstancias nas flores , e finalmente ao passageiro estranho , naturalizo em este paiz , taõ proprio , que só da sua patria parece alheylo , com que às feras , às aves , às Ninfas , aos satiros , aos homens , sou destino , guiando meu poder sua fortuna , e coroando hoje todas estas grandezas meu tiro,

Falava o Caçador, e a Peregrina às memorias do Pastor de lnatural a furto de tanta izençāo professada, o escutava com huma attenção afectuosa, admirada às suas razoens, credula às suas grandezas, namorada da sua gala, introduzindo-se por ouvidos, e olhos, veneno que sobrava a hum sentido, para huma morte; e dissimulando o accidente lhe respondeo:

*Quem a-
tende ao
mundo,
esquece se
de Deus.*

Dominares ó Caçador os bosques he superioridade do vosso ser, trocares aos racionaes he arte de vossa fortuna, mas roubares meu coraçāo, foy só estrella de voslo bosque: cheguey a este lugar Peregrina, e logo fiquey do lugar namorada, e achando-o natural do affecto, me fiz enteada da patria, e como dey ao bosque o coraçāo, consenti me guardasse o coraçāo como morador do bosque. Não quero díste o Caçador, arguir poderes meus, à vista de soberanias vossas, fique embora para o bosque a presumpçāo do que confessais, que a mim me basta a fortuna do que alcançey, e quando as flores me peçāo conta do q̄ guardo, tambem lhe responderey com o que perco,

perco. Não cuideis disse a Peregrina, que haveis de tratar as flores como sem alma, que eu lhe darey espiritos para vencervos, quando lhe falte vida para porfiarvos, porque vos não façaes tyranno daquillo, de que só sois thesoureiro; pois nem assim tornou o Caçador, me quero trocar pelo bosque, pois todo elle ainda entrando as feras, não basta a tirarme a preza por mais que vós me tireis a presunção. Hia a responder a Peregrina, mas atalharaõ-na as Caçadoras, que avistando-a Ninfã da sua fonte, vinhaõ a festejala nella. Passados os primeiros obsequios da sua adulaçao, a convidaraõ a passear com elles o Bosque, e a ver nas deidades delle, do Caçador os Ido-los: aceitou a Peregrina gostosa, o que rogara a não ser persuadida, e respeitando as Caçadoras o desdem das Ninfas, pediraõ ao Caçador se retirasse, para que todas de companhia pudessem ajudar ao divertimento da Peregrina naquelle passeyo, sem que sua presença embaraçasse as facilidades do festejo. Obedeceo elle mais atento com a hospedaje da Peregrina a que foy prevenir com a causa que o mandava desterrar, e dan-

dando-lhe esta razaõ para o desvio se
despedio até tornar a buscala.

C A P I T U L O III.

*Descreve-se as condiçoens do mundo signifi-
cado no Bosque , neste he mostrado à Pe-
regrina o primeiro Idolo Nobreza , e na-
morada da sua soberania corre o Desenga-
no significado no Rio a desenganalla.*

TEATRO Verde de fingidas esperan-
ças , fatal enredo de trayçoens
dissimuladas , opaca sombra de cuida-
dos adormecidos , tarefa incansavel de
devirtimentos loucos, apparente Ceo de
Estrellas caducas, fragil Paraíso de flores
avenenadas , mapa de Labyrintos , ca-
pa de fingimentos , adonde toda a flor
falava lizonjas , toda a fonte ensinava
murmuraçoens , toda a ave cantava en-
ganos , toda a arvore mentia altivezas;
alli fazia o alamo escola de inconstanci-
as , adonde queria aprender até o roble,
e ouve penha vezinha , que se temeo ao
contagio dos ares , como se achariaõ as
firmezas , adonde as pedras receavaõ as
mudanças! alli a palma negando ao agri-
cultor

cultor o fruto , quando lhe devia a pompa , dava exemplo de ingratidaõ , sendo symbolo de victoria : porém naõ lhe estudavaõ a victoria , e só lhe imitavaõ a ingratidaõ , tal era a condiçao deste paiz! alli a faya elevava sua altiveza até as nuvens ; e tendo na terra as raizes , queria ter no firmamento a coroa , plantas humildes ja à sua imitação desvanecidas , ainda tem se poderem medir com as flores , ja se queriaõ levantar com as estrelas ; e desta soberba da faya fez gala toda a capacidade do distrito , alli o limoeiro nas entradas do mesmo pomo , manifestava o agro , e doce da sua condiçao , naõ sendo hum mesmo , nem em o mesmo que era hum , e à sua imitação todos alli pareciaõ outros ; alli a oliveira , porque vivia de pacifica , se motejava de çobarde,a arvore do Paraizo se lhe desconhecia o nome da patria , e só lhe conheciaõ a lizonja da flor , alli o cipreste fazia sombra a alegria das rozas ; mas nem assim lhe fazia desengano , mais de sua presumpçao que de seu aviso , ciavaõ das cores , o que naõ desconfiavaõ da duração; alli a murteira era adorada por prenda de Venus , e naõ aborrecida por magoa

Enganos do Bosque;
magoa de Flora: que como idolatravaõ
a Deosa , naõ temiaõ a dor: alli a avelei-
ra a quem lhe pedia huma folha, rendia
toda a gala; e atè as Ninfas espreitando-
lhe o exemplo , lhe tomavaõ a liçaõ, taes
eraõ daquelles cristaes as Ninfas ! alli a
romeira para coroar as soberbas conser-
vava as coroas , e com tudo lhe faltavaõ
coroás, porque eraõ mais as soberbas ;
alli o freixo fugindo à constancia das pe-
dras , buscava assento junto à incons-
tancia das agoas , deixando huma liçaõ
de eternizarse , por naõ perder huma oc-
casiao de verse; ignorante Narciso , que
por olhar a gentileza , descuidava a vida!
alli o loureiro por favorecido do Sol, era
enveja das sombras , sendo aquelle rayo,
que o naõ feria, o incentivo que o mal-
quistava ; alli o espinheiro se mostrava
armado naõ a defender as flores , mas só
a lastimar as vidas , alli a giestaira mentia
esperanças, e produzia desesperações ,
alli a mosqueta era cuidado , o cravo
guerra , o jasmim perigo , a roza engano,
o amor mentira , o girasol idolatria , o
lirio delirio , a chaga dor , a margarita
falsidade , o goivo hipocresia , a violeta
paixaõ , o jacinto ciume. Este era o bos-
que

que do Caçador , vejamos quem he o Caçador do bosque.

Era o Caçador hum homem de pouco ter , e de muita soberba ; de muita lisonja , de nenhuma verdade , de muito estrondo , de nenhum fundamento , na apparencia tudo , na realidade nada. Seus devirtemtos eraõ loucuras , suas resoluçoes inconstancias , suas promesas mentiras , suas liberalidades enganos , seus extremos fatalidades , deste bosque que a elle de alvergue , e aos mais servia de labyrintho , sahia a enganar , ja ao descuidado peregrino , ja ao innocent passageiro , deviandoos do caminho do Ver-gel , para perdelos nos enredos do bosque , alli os deixava a adorar seus Idolos , e a fazer gosto da idolatria , com o esquecimento da jornada , parando miseraveis os que caminhavaõ ditosos. Ja a estes enganados duplicava nossa Peregrina o numero , que dos enganados , o numero sempre se duplica , e entregue as lisonjas , e despenhos do bosque , Ninfas , e Caçadoras , começoou a discorrer por aquellas estancias floridas , adonde mais que folhas , havia enganos ; porém alli até dos enganos se fazia folha. Levaraõ-na

Tambem
o mundo.

30 *Enganos do Bosque* ,
raõ na a ver a primeira Deidade do bos-
que , e chegando reverentes a seu culto,
prostradas as Caçadoras adoraraõ com
affecto verdadeiro à Deidade fingida. Era
o idolo huma mulher magestosa , grave ,
severa , e no olhar taõ arrogante , que pa-
rece lhe sahia a soberba pelos olhos , mas
tornavalhe a entrar pelo coraçao . Vestia
de huma delicadissima tela cor de purpu-
ra , tecida a partes em coroas de prata ,
o toucado rematava em altissimas plu-
mas , no peito prendia hum pelicano
de diamantes naõ como em outras par-
tes geroglifico do amor dos pais , que
aqui só dava o sangue aos filhos , para
darlhe a entender com o sangue que só
da sua nobreza podiaõ sustentar os seus
alentos: fazia culto a falsa Deosa , do que
humas romeiras faziaõ sitio , e à sombra
destas contava pelas coroas das romans ,
as da tua ascendencia. Logo de mulher
vaydade , passava a Deosa mentida , fican-
do assim indigna de mulher , e só capaz
de vaidade : quem he disse a Peregrina ,
esta Deosa que lhe respeito a deidade , e
lhe ignoro o nome , quando for a invo-
cala minha Fé , naõ quero deixar quelxo-
sa minha voz? Aqui soltou a sua o appa-
rente

rente idolo, e respondeo assim a Peregrina.

Yo la nobleza soy
Que en folio sacro
Doro los siglos , luzo los dias , lustro los
años.

Queda con mi esplendor
Por mas espanto ,
La Luna impura, la estrella turbia, el Sol
opaco.

No llega a mi altivez
Por incumbrado ,
Monte creciendo , humo subiendo , ave
bolando.

Es para mi grandeza ,
En sus espacios
La tierra un puto, el ayre un soplo, el mar
un atomo.

Para acentar mis huellas
Miro baxos
Celeste cumbre , altivo folio , trono ele-
vado.

Para adornar mi templo
Es poco fausto
Hilada seda , texida plata, oro labrado.

A guarnecer mis plantas
Llegan varios
Rubi precioso , perla costosa , diamante
claro.

No se esconde a mi antojo
 Aun que liviano
 El ave en nido, el bruto en cueba, el pez
 en lago

Pot servir mi deidad
 Gimen sudando
 Gusano util, rustico simple, maestro sabio.
 Aromatico culto
 Es mi olfato
 Nardo espremido, anbar molido, abril
 cortado.

Para elevarme estatua
 Fragil allo
 Constante bronze, robusto azero, duro
 alabastro.
 Y al fin a mi obediencia
 A los humanos
 So geto reyna, obligo Diosa, inclino au-
 rro.

Calou a falsa Deosa, deixando à Pe-
 regrina hum reverente obsequio a seu
 culto, o altivo affecto a seu trato, e a no-
 breza que ainda sem ser divina lhe adi-
 vinhava os pensamentos, se he que lhos
 naõ vio pelo cristal da testa, que pagar-
 lhos, offerecendolhe huma cotoa das flo-
 res de mais gala, e mayor soberba. Foy a
 Perc-

Peregrina alegre a pegar della , mas buscou coroa , e tocou nada Vista era coroa , palpada era ar , aos olhos facil , à maõ impossivel , e porfiando a Peregrina em vencer este , advértio que do mais alto do Olimpo se desperhava às inferioridades do bosque hum rio tão claro em suas agoas , que as pode converter em desenganos : e fazendo-se pedaços por lograr avisos , murmurou assim.

DESENGANO PRIMEIRO.

Quem es tu ó nobreza do ser humano , sendo de humano ser? Como te levanta tua soberba até as estrellas , quando no lodo podes manchar o firmamento , pois nem o aço da tua arrogancia bastou a gastar o aço de teu principio; porém tu titas os olhos do que começastes , e por isto te persuades a que creceste? Adonde está esta grandeza de que te jactas, se para a duração cabe em hum instante de tempo , se para o lugar caberá em douis palmos de terra? Responde-me que te alargas em quem te deixas , e em quem te deixas , ja que me respondes? Deixas-te em quem por herdar?

te ser tão pouco ; não pode passar de tão pouco ser : deixas-te em quem por herdarte os perigos, se ha de estreitar às fragilidades ; deixas-te em quem por herdar-te tão pouca vida , te não pode desagravar das injurias da morte ; deixas-te em quem por herdar-te as condições de barro, te não pode satisfazer as queixas da duração ; e finalmente deixas-te em outra tū, quando mais , que não pode ser menos ; pois se isto he assim, ò fenis de misérias , quanto melhor te estava ser mariposa de luzes? Melhor te estava, ò mulher nobreza , a abares tua vaidade às luzes de teu desengano , que renascerem tuas presunções , à custa de teus escarmientos: dizé me adonde fazes teus fumos , se he que os não levantas de teu pò , pois tal he teu desvanecimento que até do pò , levantarás os fumos, e nem a tua vileza perdoará assim tua vaidade , e sendo esta vento para despenhar-te a fazes azas para subir ? Dize ao nobre que nasça como nenhum , que cresça como só , que acabe como unico; mas le o nobre naço pranto , cresce perigo , acaba desengano, de que se desvanece o nobre? Olhay ao seu berço, achareis lagrimas, ao seu

seu palacio vereis sobresaltos , ao seu se-
pulcro descobrireis horrores , e ainda
que ao sepulcro levantem marmores , ao
palacio ennobreçaõ titulos , ao berço
cubraõ purpuras ; dizey lhe que isto he
o que tem de seu , e aquillo he o que tem
de si , mas elle esquece-se do que tem de
si , por se lembrar do que tem de seu .

Se choras nobre ao nascer ás miserias para que nasces , porque te naõ lembras destas miserias , quando vives ? Lamentas teu mal quando sem entendimento ; descuidas-te de teu mal quando com razaõ ; e naõ advertes que este he o maior mal : ao nascer choras tua fragilidade , ao viver procuras tua adoraçaõ ; se preguntas ao que choras pelo que procuras , primeiro choras-te perigo , ao depois fazes-te deidade , sem advirtir que ficou desmentida tua deidade em teu perigo . Como queres cultos de divino ao durar , se trouxeste sentimentos de humano ao nascer ? mal pôde tua soberba indeozarte , se tua mortalidade ha de consumirte , naõ porfies ó grande em ser idolo , que o que hoje he sacrificio , àmanhãa será fogo , e assim te abrazaraõ teus sacrificios , sumos em tua vida para a presumpçao ,

incêndios em tua alma para o castigo;
Entraste no mundo chorando-te, e cres-
ces no mundo desvanecendo te, quando
ignorante, como quem sabe, quando sa-
bio, como quem ignora, mas tu fizeste
de tua razão malicia, por isso fazes de
teu pranto innocencia. Bem sabes ò mi-
seravel soberano, que choraste ao nascer
como menino; porém que de menino
não choraste, olha, e teme, que nasces
pronto para durar suspiro, mas tu des-
cuidas teu lamento passado, porque des-
prezas teu perigo presente, sendo aquel-
le lamento este perigo; nasces com fra-
gilidade de vidro, vives com confiança
de bronze. Dizeme ò grande quem te
deu tanta confiança, que queira fazer
tua culpa, o que não pôde fazer tua na-
tureza; se vives para viver, trata-te como
eterno, se viyes para morrer, vete como
mortal, não procures encobrir com as
verdades os desenganos, que isso he que-
rer dourar as sombras, e esconder as lu-
zes, olha que desenganos dissimulados
sao enganos conhecidos.

Todos teus brocados não podem
encobrir tua vileza, todos teus diaman-
tes não podem desmentir tua fragilidade,

toda

toda tua arrogancia naõ pode afugentar
teu risco, todo teu ouro naõ pode dissua-
dir teu pò : toda tua prata naõ pode es-
quecer teu lodo , todas tuas perolas naõ
podem desviar tuas lágrimas , todo teu
fausto naõ pode dissimular tua miseria,
todo teu titulo naõ pode dourar teu ser,
todo teu palacio naõ pode escusar tua
tumba , toda tua purpura naõ pode des-
terrar tua mortalha : como fazes logo
tua soberania , do que naõ pode desfa-
zer tua baxeza , levantandote em cãbe-
ças de ouro quando te naõ podes segurar
em pès de barro? Que importa ò nobre,
que a vida te trate como grande , se a
morte te ha de tratar como pequeno.

Descuidas teu fim, quando para teu
fim caminhas , quem continuando a jor-
nada se pode esquecer do termo della, se
naõ aquelle que delirante perdeo o en-
tendimento na jornada ? Pôrém tu a qué
tua vaidade té louco, esquieces-te do ter-
mo porque perdes a razão, sabe pois que
cada passo que dás, ainda fendo a teu di-
virtimento , o dás a teu sepulcro : cada
sol que se te poem, te diminúe as luzes
da vida , cada sombra que se te passa , te
avezinha as sombras da morte , e final-
mente

mente cada respiração que tomas a viver, te poem mais perto de acabar. Persuade-te o grande a que chegás, e naõ a que sobes, mas tu nem a que sobes, nem a que chegás te persuades, cuidas que pàras a naõ poder ser mais; e corres miserável a naõ poder ser menos. A tua fantástica grandeza, responda Alexandre, que naõ coube no mundo, e coube na sepultura.

Se o fingido Deos da Monarquia aérea se lembrara de tua presumpção, muito dilatara seu imperio, trinta e dous ventos contou em sua regiaõ, trinta e dous mil achácia em tuas vaidades, e o peyor he que te fias do vento. Os Gigantes fabulosos levantaraõ montes sobre montes para subir; mas tu levantas montes sobre ares para estar, com que he maior tua loucura, que a dos Gigantes.

Fazes tu merecimento de teu nome, quando só devias fazer teu nome de teu merecimento: tuas obras haviaõ de ser tua nobreza, que naõ ha maior nobreza, que a de bem obrar; mas fidalguias no sangue, e vilezas na alma, he querer ser tudo na terra, e nada no Ceo; assim escolhes cego fazendo-te fidalgo de tempo,

tempo , e vil de eternidade , tua soberba
naõ passa de tua vida , e he a mayor dis-
graça da tua soberba : neste mundo fa-
zes fantasia de ser mais , no outro naõ
fazes discreditó de ser menos : aqui que-
res exceder aos mayores , la naõ tratas de
te igualar aos grandes : aqui desejas to-
car com o dedo nas estrellas ; la naõ re-
parastocar aos abismos : taõ pequeno es
ò soberano , que ainda em tua sober-
ba naõ podeste ser grande ; nobreza, no-
breza naõ está teu ser em ascendencias
passadas , está tua realidade em virtudes
presentes , se te emsoberbece a magesta-
de de teus mayores , levanta as pedras à
seus monumentos , e alli verás quem fo-
raõ teus mayores , e os que tem sido teus
engano , fiquem teu espelho : se te des-
vanecem teus titulos , saõ para a vaidade
nomes dourados ; porém para a valia naõ
podem ser ouro de nome , se te enso-
berbecem teus estados , saõ muitas lego-
as para o cuidado , e mais douis palmos
de terra para a soberania : se te endeola
tua estimação , he huma adoração que te
mente ídolo , mas naõ he adoração que
te desminta humano : se te enlouquecem
tuas galas , saõ tarefa de bichos , tecida

em vaidade de homens : se te elevaõ tuas riquezas, saõ cabedal que te naõ pode comprar mais duraçao ; e só te pode valer mais fantasia , e finalmente se as riquezas , as galas , os estados, os titulos, a estimaçao , a fidalguia te ensobrbeçem; por ser da vida o melhor, olha que o Sabio dos homens chamou a tudo o melhor da vida vaidade de vaidades. A virtude he ò nobre a que pode eternizar tuas coroas em melhor reyno , perpetuar tuas memorias em melhor fama, levantar teu mauzoleo em melhor pira , e levar tua estatua em melhor nome , dilatar tua soberania em melhor dominio , duplicar teus titulos em melhor Corte, conservar tuas riquezas em melhor erario. Queres ser grande ò nobre, sé Santo, que só sendo Santo, serás grande. Calou o rio o fatal desengano naõ voluntario, mas respeitivo , vendo que do Olimpo ate o bosque media os ares Ofeo de penna, com corpo de ave; voz de Sereia, gala de neve , conceito de luz ; cantou assim.

Vana deidad nobleza
Solo de verte está
Democrito a reir
Eraclito a llorar?

Desenganos do Rio.

Tu pompa con el viento,
Oy he visto pesar
Y siendo el viento nadag
El viento pesò mas.

Si tan poco nobleza
Vale tu vanidad,
De lo que haces tu ayre,
Puedes hacer tu ay.

Mas tu locura es tanta
Que en tal fatalidad
Viviendo entre suspiros
No sabes suspirar.

Que es tu lustre de estrellas
soberbia informaras.
Y robas lo celeste
Por luzir lo mortal!

Espera un poco, y mira,
Mas ay dolor fatal
Que este poco no sé
Si puedes esperar.

Tu ser, y fantasía
En ti luchando estan,
El humo por subir,
La tierra por baxar.

Si sorda al desengaño
Dudas de la verdad,
Pregunta a lo que fuiste,
Y ve lo que serás.

Y tan-

Y tanto me lastima
Tu loca ceguedad
Que si llorar supiera,
No bolviera a cantar.

Vanidad vanidad!
Falsa nobleza prevencion fatal
Si no puedes ser menos
Como puedes ser mas?

Vanidad vanidad!

C A P I T U L O IV.

Em que a alma he levada ao segundo Idolo do mundo Fermo sura, e bindo a cegar-se em suas luzes, a soccorre o Desengano com suas vozes.

A Peregrina que ja adorava reverente a primeira deidade do bosque Nobreza, trocando o nada da sua coroa na que lhe offerecco, ouvindo o menos de seu ser no que se lhe murmurou , advirtindo a corrida no que fugio, de todas estas circunstancias fez hum motivo para desestimala, deixando a para fantasia , sem buscala para Deidade, e querendo arguir

arguir de sua falsidade às Caçadoras, e Ninfas, se achou só com a queixa, porque não vio a quem fizesse o queixume: adiantou o passo, passeou os olhos a ver se as encontrava, e a pouca molestia da planta, e menos fadiga da vista, as descobriu devotas ao segundo culto de tão indigna Deosa. Era esta huma bellissima mulher com quem as tres graças ficavaõ huma enveja, sendo seus olhos huma esfera de luzes, sua boca hum thesouro de rubis, sua brancura huma alva de asfucenas, suas faces hum abrيل de rozas, seu composto hum todo de perfeiçoens: vestia cor celeste, porque em tudo se fingisse celestial, de prata em coraçoens partidos guarnecia a gala, que esta mulher fazia gala de partir coraçoens, o toucado brincava em maripolas de ouro que se lhe hiaõ queimar às luzes dos cabelos, no peito prendia hum espelho de donde a espaços o tresladava aos olhos saudosa de verse, porém não tinha saudades de presumir, fazia esfera de hum bellissimo rozal, luzes, e flores mostravaõ tanta fermosura, que aquiso desdenhavaõ de servir estrellas sendo da magestade a melhor purpura, do coral a me-

Ihor folha , do sangue de Adonis a me-
Ihor tinta , e à deidade , a quem teciaõ
folio de tanto nacar , a melhor pérola.

A Peregrina que escarmentada , ao
primeiro Idolo dava costas , agota namo-
rada ; ja ao segundo fazia rostro , perdi-
da pela belleza que via , ja naõ formava
idea no desengano que deixava , e mari-
posa daquellas luzes caducas se arroja-
va a tocallas persuadida da sua devoçao ,
quanto esquecida da sua fé. Quem es
o soberana Deosa , lhe preguntava , cuja
belleza faz Paraíso deste bosque . Ceo
deste verde , luz desta sombra ? Respon-
deo a endeuilada humana , sendo partido
cravo fragancia aos zefiros , prizaõ aos
ventos , noticia à Peregrina.

Yo soy aquella Deidad

Que al Cielo hurtó las estrellas

Al campo robo las flores

A los mares las perlas

A Jupiter los rayos

Al amor las saetas.

Soy Madre de amor por Venus

Hija de amor por belleza .

Reina de amor por imperio

El mismo amor por fuerza .

Que el por mis ojos tira

Yo veo por sus flechas.

De mi belleza en las luces

Acende amor sus hogueras

Porque el mismo amor no arde

Si en ellos no se quema

Incendio incendio adonde

El fuego es la material

Baxan los Dioses por verme

De las esferas supremas

Y aquel que llega adorado.

A adorarme se queda

Que a merecerme humana

La misma deidad ruega.

Soy el Cielo de la vista

Quando a mirarme se eleva

Mas si de los ojos gloria

Tambien del alma pena

Que lo que es luz a ellos

Es solo fuego a ella.

Soy el incendio de Troya

Porque quando se fomenta

No fuera Troya cenizas

Si yo luces no fuera

Y en ellas arden Paris

Y renaçen Helenas.

Soy el desvelo de Apolo

Quando pastor galantea

Que

Que el Sol por arder en mí
 De abrazarse en sí dexa,
 Y duplica los rayos
 Trocando las esferas.

Soy quien al leon te bano
 Afeminò la brabeza
 Mudando valor de roca
 En el huzo de rueca
 Quando amor hazer supo
 Hilo de la cadena.

Soy quien a moverte fiero
 Quebranto la resistencia
 Azero que es a Cupido
 Espejo de sus fuerzas
 Adò Venus se aliña
 Y Vulcano se afrenta.

Soy quien al tonante rayo
 Transmutò la luz severa
 Quando el oro serviò sombra
 Que la luz le acautela
 Si no con la deidad
 Falso con la belleza.

Soy quien al lobrego Dios
 Aclarò la sombra aberna
 Quando de una luna hurtada
 Hizo una luz perpetua
 Que ay luz que hasta el infierno
 A lumbrá quando quema

Soy

Soy la herida de Cúpido
Quando de Siquis te acuerda
No allando en sua essencia misma
Favor contra sua essencia
Porque quando amor mata
Tambien amores muera.

Soy la Anaxarte de Ifis
Impenetrable dureza
Adonde hermozas imbidian
Y ingratas escaimientan
Mas luego belui fuego
Si alli feneci piedra.

Soy de las Diotas los zelos
De Jove la ardiente empreza
Adonde Juno se abraza
Y Calisto se yela
Y ali deidad suspira
Lo que muger desdeña.

Y al fin la hermosura soy
Assi declararlo pueda
Porque a la belleza solo
Decifra la belleza
Que el Cielo solo puede
Del Cielo ser idea.

Callou a bellissima, se bem mentida
Deosa, a metrica voz de sua soberba en-
formaçao , e tirando do Geo de sua es-
fera

Enganos do Bosque,
fera huma estrella de suas rozas , lizon-
jeou com ella a Peregrina deixandolha ;
quem o duvida, como retrato de sua fer-
mosura , taô bella a roza que se atrevoe
a fingirse copia daquelle original. Pegou
della a Peregrina , e levantando os olhos
à Deosa para agradecerlhe o florido fa-
vor , ao tornallos com brevidade à rai-
nha do prado ; achou sua gala murcha,
sua belleza affeyada , seu nascer escuro,
e finalmente flor cadaver , que alli ja se
via sómente o cadaver da flor , sendo só
a hum virar de olhos o mayor escarmen-
to do campo , a que foy a mais gatbosa
roza do Abril. Admirou a Peregrina na
pouca duraçao da sua belleza a brevi-
dade da sua morte , e querendo cõmuni-
car este reparo como o Idolo, achou as ro-
zas que guarneciaõ seu culto , cuja cor
prometia vida de muitos Soes , partici-
pando a mudança da primeira , em taô
poucos instantes, todas desfengao , roza
nenhuma. Neutral a Joven vacilava en-
tre os agrados da fermosura , e os avilos
das flores, quando segundo despenho do
Olimpo no mesmon rio em outro de-
fengao , assim murmurou com lingoas
de prata , adonde se naõ introduzio ligas
de lizonja.

DESENGANO SEGUNDO.

Quem te elevou ò pedaço de terra
a mentir, te verdade de Ceo? Que
tens de Ceo para competilo, ou
que tem o Ceo de ti para assemelhar-te?
Naõ es Sol porque o Sol nasce do seu
Ocaso, e tu naõ hasde tornar do teu se-
pulcro: naõ es Lua, porque a Lua pa-
dece seus eclypeses por accidente, e tu a
qualquer accidéte verás final eclypse: naõ
es estrella, porque hasde cair antes do
dia do Juizo, e pode ser que seja teu juí-
zo neste dia: naõ es goso, porque quan-
do gloria de quem te vê, es logo in-
ferno de quem te ama; naõ es serafim
porque ainda sem medir as mais despro-
porçoens, os serafins vivem de amar, e
tu vives de amar-te; naõ es paz, por-
que da guerra alheya fazes a victoria
propria; naõ es bem, porque nasces a
crecer mal; naõ es seguro, porque vi-
ves perigo, naõ es eternidade, porque
ló duras inconstancia: se pois ò fermoiu-
ra, naõ es Sol, Lua, Estrella, Sera-
fim, Gloria, Paz, Bem, Seguro, Eter-
nidade, que tens do Ceo se naõ o nome-

que te deu teu desvanecimento? Este chama-te Ceo , o desengano chama-te flor, e certo que nem o desengano te acertou o nome , esfímera mais caduca da Primavera , ou ja preza à esfera propria , ou ja lizonja na maõ alheya tem duvida a idade de hum dia, e tu na incerteza de hum dia não tens de seguro nem huma respiração; a flor, aquella pouca duração tem na de posse , a fermosura nem duração tão pouca pode ter senão em esperança, a flor logra hum seguro breve, a fermosura nem hum engano dilatado , a flor sabe quanto vive , a fermosura não sabe quando morre , a flor corre as suas horas sem sobrefalso , a fermosura nem os instantes piza sem susto , a flor olha ao seu tempo como seu , a fermosura todo o tempo deve olhar como alheyo ; com que excede muito a flor à fermosura; se não es pois nem o que te chama o desengano , como serás o que te chama a vaidade?

Consultas com teu espelho teu ser, e não advertes o que te dissimula teu espelho: tu preguntas-lhe o que es , elle diz-te o que pareces , e tu cuidas que o que pareces he o que es ; mostra-te as boas

boas cores de tua belleza, esconde-te o
achaque de tua fragilidade, e correndo
tua fermosura a morrer te persuade a que
pàra a matar : se o buscaras fermosura
como desengano, naõ te fallara como el-
pelho; bellezas do mundo atè dos espe-
lhos fazey os desenganos , e se vos naõ
tratarem como cristaes, quebray-os como
vidros. Sahes pois de teu espelho huma
deidade presumida, adonde a idolatria te
deixa huma deidade lizonjeada, sem ad-
vertir que te busca humana , o mesmo
que te apelida divina. Só Deos foy Deos,
e homem, e tu fermosura queres ser mu-
lher , e Deosa : o que só pôde unir seu
poder, quer aqui vincular tua presump-
çao. Grande presumpçao, a que se atre-
ve ao poder de Deos! Essa foy a que lan-
çou a Lusbel no abismo : tem-te fer-
mosura, que elle tambem era Anjo de luz.

Naõ das credito à tua realidade por
dar ouvidos a tua lizonja, e quizeras del-
fazerte de teu ser , por tê fazeres de teus
hiperboles: teu ser he hum pouco de pò,
teus hiperboles hum muito de mentiras.
e melhor te está ò fermosura , que tua
mentira, tua terra. Esta cuidada pode va-
lerte hum desengano , aquella cicutada

pede levar-te a hum precipicio , cerra pois os ouvidos à lizonja , que te despenha , abre os olhos à miseria que te compoem , e porq̄ primeiro que em tua aprehensaõ a vejas , em minhas vózes ouve qnal he tua miseria . Sabe belleza que toda a cor de tua fermosura naõ he mais que huma dissimulaçāo de tua caveira ; essa graça que representa tua vida , he só hum veo que esconde tua morte ; desengano cuberto de flores , horror embuçado de luzes , e que estando tua caveira por alma de tua fermosura , te esqueças por tua fermosura de tua morte ? Isto he adorar o engano sobre o cadaver , quanto melhor te fora adorar a verdade debaixo do engano .

Se tua belleza , em sua luz atrahe hoje tanta borboleta errante a consumir-se àmanhāa em seu Ocaso , chamarà tanto bicho faminto a sustentar-se : se agora a mariposa rodea a chama ; ao depois o bichinho buscarà a cinza : se naõ podes renascer da cinza , porque fazes ó fermosura caso da chama ? Viver com estimaçāo de Fenix , e com perigo də belleza , he passarse a belleza à ignorancia do Fenix , e naõ à duraçāo ; e tomas assim

da

da ave o bruto , e naõ o perduravel; des-
prezas pela fermosura , a razaõ com que
fazes sem razaõ à fermosura , isto he fa-
zer da graça culpa , pois a tornas culpa,
quando a recebeste graça , e porque naõ
premeditas ò belleza que naõ podem as
estimaçoens da vida livrarte das injurias
da sepultura ? E que se hoje naõ basta
tanto racional a adorarte, àmanhãa so-
brará qualquer bichinho a offenderte.
Dize pois àquella idolatria que te livre
desta fatalidade , e se o seu affecto te naõ
pode valer na morte de que te serve o
seu affecto na vida? Quando ò fermosu-
ra te excluas das fadigas da Parca , como
te hasde izentar dos estragos do tempo?
Se passada a Primavera de sua perfeiçao,
o que hoje he em tua belleza saude , a-
manhãa serà em teu espelho saudade , e
os mesmos dias que gastas em desvane-
certe , saõ os proprios que gastas em di-
minuirte: o tempo consome-se em de-
senganarte , e tu em enganarte consomes
o tempo , mas nesta encontrada porfia
ha de ceder tua teima a seus rigores, fican-
do por despojo tua fermosura ; faze pois
teu escarmento de tua razaõ , naõ esperes
a fazer teu desengano de teu desengano,
que

que o primeiro he voo do entendimento, e o segundo vagar da ignorancia, e se tua belleza , porque ha de ser nada ao depois, he nada agora, se a vès agora, seja contemplandoa como ao depois : buscalhe as luzes só para lhe penetrares as cinzas , e assim no que te encontrares feya , te farás sabia. Bellezas humanas desenganayvós antes que vos desenganem, fazey ja por vontade, o que ha de ser logo por força , olhay que está a vida de vossa perfeiçāo ameaçada de duas mortes , e que saõ muitas duas mortes para huma vida. Quem ò fermosura te chama luz , bem sabe que foges como sombra, quem te nomea maravilha,bem sabe que duras como rosa , quem te apelida diamante , bem sabe que estallas como vidro ; quem te invoca estrella , bem sabe, que influes disgraça; quem te chama Fenix , bem sabe que vives instante; quem te compara gloria, bem sabe que te desvaneces suspiro , e quando naõ tiveras mais mal que o de fazeres mentirosos , es ò fermosura grande mal.

Que deixas aos séculos vindoiros dessa tua perfeiçāo presente ? Por ventura podes repartir o thelouro de tuas graças

ças às idades futuras? Naõ, que comtigo sepultas tuas graças. A belleza mais celebrada nas Historias Sagradas foy a de Raquel, a fermosura mais memoravel na narraçoens profanas foy a de Helena , e se de Raquel naõ ficou huma luz ; se de Helena só ficou huma cinza , que lhe valeo a Helena o abrazar com suas chamas a Troya , de que servio a Raquel o alumiar com seus Soes a Mesopotamia? Bem que se naõ communica aos tempos, naõ tem tempo a fermosura de ser bem, aquella gloria que se deixa , he a mayor gloria que se posfue , mas tu só podes deixar huma compaixaõ , ainda quando logres huma memoria. Fermosuras humanas , se quereis eternizar a perfeiçaõ, descuidayvos da belleza , quebray vossos espelhos , e cõpondevos de vossos desenganos, que esses alinhos agora destroçados, ao depois vos feriaraõ luzes tecidas; se vossa soberba deseja arrancar as estrelas do firmamento para as fazer alfeneites do toucado , o que naõ pode fazer a vaidade presumida poderà fazer a vaidade pizada. Se hoje vos despries de enfeites , amanhãa vos toucareis de estrellas; olhay que a ambiçaõ de vossas galas só podem

podem satisfazer os còrtes do Safir , e que na terra naõ vos podeis vestir de Ceo , que para alcançares huma gala de Ceo , he preciso repudiaries os adornos da terra? Que dera vossa vâo appetite , a quem lhe talhasse huma roupa de Sol? Seim duvida que a poder o Sol ser tecido, ja fariçis cara ao ouro fiado, pois só com ter valor para desprezar-vos, terieis mais luz que a de sete Soes para vestirvos? Mas ah miseravel fermosura , que todo teu disvello he fazer galas para o vale, adonde ainda que adornada de perolas o hás de achar de lagrimas! Todo o teu descuido he esquecer luzimentos para a Corte , adonde até das lagrimas podias fazer perolas , tanto desmancho para os olhos do Lince , tanto enfeite para as atenções dos cegos. Isto belleza peza huma loucura , e tal he a tua loucura que o naõ peza; mas se naõ tens juizo para o pezar, olha que se ha de pezar em teu juizo , e alli o ouro que arrastaõ tuas vaidades, farà carga à balança de tuas culpas , sem que baste a izentarte sua fineza tanta ambiçaõ de ser fermosa , a tua vida tanto desinteresse de fer fermosa , a tua eternidade ; só tinhas desculpa a poder fazer eternidade

eternidade de tua vida, para a esfera de hum instante: queres ser muito para á capacidade de hum sempre, adquires ser nada: cà que te singularizem como ásombro: là mas que te excluaõ como sombra, e es de taõ mão gosto fermosura que te estimas caduca para te desprefares immortal Entendey fermosas; que naõ está a belleza em sello, senaõ avello de ser, vossas luzes naõ podem resuscitar de vossas cinzas, que só podem renascer de vosso desengano, desenganayvos pois se quer ao interesse de melhorastes as luzes, e assim te hoje sois fermosas de accidente, amanhã sereis fermosas de eternidade. Callou o rio para cantar a ave que descendo de soberano ninho à inferior esfera do trono funebre de hum elevado cipreste, disse assim.

O' tu beldad caduca
En esta humana esfera
Si vives como rosa (trella?
Que importa d' que alumbres como ef-
O' tu que del diamante
Las luzes reverberas
Si duras como vidrio
Que importa d' te estimes como piedra?
O' tu

O' tu lizojna infausta
 De mariposas ciegas
 Si huyes como sombra
 Que importa dí que estés como lúbreras
 O' tu mortal hermosa
 Tu celestial terrena
 Si corres como agoa
 Que importa dí que naſças como perla
 O' tu de amor armado
 La mas rara potencia
 Si mueres como blanco
 Que importa dí que mates como flecha
 O' tu de aprehension loca
 La mas ardiente idea
 Si buelas como humo
 Que importa dí que abrazes como ho-
 guera ;
 O' tu deidad mentida
 De muger verdadera
 Si achacas como humana
 Que importa dí q te adoren como Dea
 Y finalmente oh tu
 Vanissima soberbia
 Si eres como accidente
 Que importa dí que estés como belleza;

Poz-se o sol, fogio a fermosura no Idolo
 nas Caçadoras, e nas Ninfas que he taõ
 grande

grande a força do desengano , que valida do Ceo a naô espera , nem o melhor da terra a Peregrina vêncendo as saudades com o escarmento, e por fugir à mentira das flores fechava os olhos na belleza das estrellas, mal satisfeita da fermo-sura, que quando tomou da rosa a semelhança foy para lhe tomar a duraçao.

C A P I T U L O V.

Passa a alma ao terceiro Idolo , Discriçao humana, torna a enganar-se, e o Desengano a dissuadila

Ninfas , e Caçadoras , tornaraõ à ignoranre Peregaina , e introduzindo-se cautelosas , ja com o affavel da conversaçao , ja com o suave da musica , fizeraõ se achasse com ellas à vista do terceiro Idolo , cujo culto era hum domicilio de frondosas arvores , a donde tudo he flor , e nada fruto. Aqui se idolatrava huma mulher de animado semblante , vivissimos olhos , gravissima presençā , sua gala era branca , cujas guarniçōens formavaõ de ouro varias letras , diversas cifras , ao peito prendia huma aguia de dia-

diamantes, na maõ sustentava huma pena de preciosos esmaltes. Venerou a Peregrina este Idolo que lhe influhio afetos em instantes, e vendo que tocando com a pena as arvores, lhes duplicava as flores, conheceo ferem todas aquellas flores produzidas da sua pena; admitou o valor de tal pena no primor de taes letras; e aqui começo a idolatrar ao Idolo, mas ignorando o nome à deidade, assim como o ser, preguntando quem era às Ninfas, lhe respondeo a Deosa.

Yo soy la sabia deidad
 Que en este ameno paiz
 Sutilezas enseño a los ayres
 Quando flores dibuxo al Abril

El Abril, y el ayte
 Si se mita aqui
 Ni uno tan florido
 Ni otro tan sutil,

Soy del Parnasso la Diosa
 Porque sin mi aliento oir
 Ni su fuente se obliga a correr
 Ni su musa se atreve a influir.

Las agoas, las musas
 Del sabio pencil
 Si por mi no fueran
 No fueran sin mi.

El aguila que volante
Al Sol se atreve gentil
Sin mi vista no llega a mirar
Sin mis alas no llega a subir.

Sus alas, sus ojos
Son que assi lo vi
Mi luz perspicaz
Mi pluma gentil.

La deidad de la hermosura
En competencia venci
Y a quien si la hermosura se postra
Hasta el Cielo se puede rendir

Beldad, hermosura
Es comigo vil
Que yo de mi renasco
Ella acaba en si.

De gracia a los siete Sabios
La rethorica le di
De la fama de Atenas soy alma
Que immortal no se puede morir.

A Sabios, y Atenas
Que tanto aplaudis
Su mente ilustrè
Su pluma moví.

Thesoros son mis conceptos
Porque exceden se advirtis
Quando ya de hermosura a la petla
Quando tratan de amor al rubi.

Rubies, y perlas
 Thesoros me di
 Y dexan grossero
 Al oro de Ofir.

Y al fin tanto es mi poder
 Se lo llegaes advertir
 Que he vencido con quattro palabras
 Lo que se postra con hazañas mil.
 Palavras, hazañas,
 Que vence inferi
 El esfuerço no.
 La descricion si.

Callou a presumida rhetorica os soberbos metros sendo seus conceitos iman attractivo para o coraçao da Peregrina, a quem ella em prendas do que a festejava, lhe deu a penna que na maõ tinha, mas ao querer pegar della, agradecida a Joven voou ligeira, deixando a corrida, e ao levantar os olhos mais desenganada, vendo que o mesmo ar que levara de sua maõ a penna, roubara das arvores as flores: tão leves eraõ daquella descriçao os conceitos, tão vãa daquella penna a gala: assim o meditava a Peregrina quando a murmuraçao do rio lhe ajudou as vozes do pensamento, dizendo assim.

DE-

DESENGANO TERCEIRO.

Que sabes discriçāo humana? Sabes para teu aplauso , ou sabes para tua importancia? Mas eu vejo que fazes tua importancia de teu aplauso, e por isto naõ sabes : fazes de teu entendimento tua vaidade , e deixas de fazello tua razaõ ; razaõ tiveras a naõ teres entendimento. Que culpa serà tornares as luzes em sombras , quando he culpa o naõ tornares as sombras em luzes : pois esta he discriçāo a tua culpa , logo a donde està a discriçāo, se està o erro: os cegos quizeraõ fazer sua claridade de sua cegueira , e tu fazes tua cegueira de tua claridade , bem podes suspirar a luz dos cegos , elles conhecem-na para desejala, e tu possuela para destruilla , e assim ficaõ de melhor luz , ainda que de peyor vista: deraõ ta para saber , e tu sabes para presumir , e trocando a condiçāo da dadiva; desestimas à obrigaçāo da divida , tornando ingratidaõ por entendimento ; todo teu estudo he saber viver a tua fama na vida , nada de teu disvelo he saber viver a tua eternidade na mor-

te,

te, ficando assim idiota de tua salvaçāo, por letrada de tua vaidade. Saiba o mundo que sabes, mas que Deos veja o como desentendes, que tu fazes ponto em ser discreta da terra, e naō fazes dezar em ficar ignorante do Ceo. Façaõ os homens conceito de teus conceitos, mas que os Anjos façaõ delles murmuraçāo, que tu fazes-te desentendida com os Anjos, por ficas por entendida com os homens. Adonde pois está o levantado de ten juizo, se naō passa de estrellas acima? Adonde está o sublime de tua sabedoria, se só comprehendes de telhas abaixo? Que penetra tua agudeza, se te naō revela o segredo de tua importâcia? Que faz tua viveza, se naō faz de tua morte tua vida? Que faz tua prudencia se naō faz de tua vida tua morte? Que faz tua delicadeza, se naō lima tua vontade? Que fazem tuas palavras se naō ensinaõ tuas obras? Que fazem teus escritos se só saõ obras de palávras? Que fazem teus equivocos se te naō aclaraõ? Que fazem teus trocados, se te naō trocaõ? E finalmente que faz teu entendimento, se se naō aproveita de teu entendimento? Saber para viver necia discriçāo até o sa-bem

bem os brutos, que a providencia para a vida lhe fez graça contra a irracionallidade : se sabes só para viver, sabes como todo o bruto : logo de que presumes se não sabes mais? Se nasceras bruto; e entenderas como racional, podias desvanecer-te , mas se nascendo racional alcanças como bruto, de que ficas a van-gloriarte? Saber para morrer he a verdadeira descrição, estudar na vida para não errar na morte , a verdadeira sabedoria, esta inteligencia he entendimento de racional, a outra he instinto de bruto : saber na vida para a vida he huma sciencia que forçosamente hey de sepultar acabado , saber na vida para a morte he huma descrição q̄ sem duvida hey de eternizar renascendo : saber para em quanto vivo he saber pouco, perguntay-o à duração humana , saber para quando revivo he alcançar muito, perguntay-o à infinitade eterna: saber para este instante he o ponto da tua vaidade, ignorar para aquelle sempre he a fatalidade de teu engano , e nem a ambição de ser mayor tua sabedoria te obriga a fazer menos tua presumpção , e porque só em tua presumpção es-tudas , se estudares discretos em vossos

detenganos alli em vosso fer aprendendo os nadas de tudo, sabereis melhor o como tudo he nada: alli na terra de vossa composição premeditando, vos naó cegaria o pò de vosa vaidade, presumindo alli na vileza de vosa condição, conhecereis a soberba de vosas condiçoes, alli no vidro de vossa fragilidade reparais o constante de vosso perigo, alli olhando a sepultura como casa propria naó olhateis a morte como pensão alheya, alli pezando a brevidade do vosso tempo fareis em quantidade de instante negociação de eternidade, alli em vosso juizo futuro sabereis condenar vosso juizo presente, alli no conhecido de vossa miseria descubrireteis o embuçado de vosso engano, e finalmente, alli sabereis porque alli só se sabe: estuda pois descrição neste livro para scelo que naó entender letras taó claras, ainda para ignorantes he necedade.

Ser descrição ó sabio, e fer erro naó pode combinar-se, pois eu sey que sois erro, e naó devo cuidar que sejaes descrição: sois erro quando naó fazeis só do Ceo conceito: sois erro, quando naó fazeis só de Deos estudo: sois erro quando

do naõ fazeis só da graça sabedoria: sois erro quando naõ fazeis só da gloria, gloria: sois erro quando naõ fazeis do desengano papel, da dor pena, das lagrimas tinta, das firmas seguros: sois erro quando naõ fazeis do Parnaso Olimpo, da fonte desengano, do Apolo luz, das Musas illustraçoens, e resolutamente entendidos, ou sois Santos, ou sois erro, que naõ se une poder ser fabios sem fazer por ser santos. Só o santo discreto he fabio: ha maior engenho, que saber hum juntar as miserias da terra, às superioridades do Ceo? Ha maior subtileza q em hum valle de perigos temear seguros? ha maior capacidade que em huma terra de loucos sustentar razaõ? ha maior tino que em hum labyrinto de trevas naõ perder o fio? ha maior entendimento, que fazer o que me está bem? ha maior discriçāo, que fugir do que me está mal? ha maior inteligencia, que conhecer o desengano? ha maior scien-
cia que alcançar o desengano, ha maior acerto, que trocar o mundo pelo Ceo? ha maior habilidade que gostar do Ceo ainda no mundo? ha maior saber que saber salvarme? pois esta he a sabedoria

doria dos santos, e quando o ignorante
sabio fosses discreto, podias negarme que
es discreto de mão gosto? Gostas de tua
vaidade, que he hum pouco de fumo ?
gostas de tua presumpçāo , que he hum
pouco de vento ? gostas de teus concei-
tos, que saõ huma mentira? gostas de tua
pena que he huma mentirota? gostas de
teu aplauso, que he huma lizonja : gos-
tas de tua fama, que he huma embusteira?
gostas de teu entendimento , que he
huma pequena de loucura ? gostas de ti
que es hum pèdaço de lodo? Ve agora
ignorante , se sendo de taõ mão gosto,
podes ser discreto.

Cuida teu desvanecimento presumi-
do , que alcanças a saber tudo na terra,
e ainda naõ alcanças o que só no Ceo se
sabe : tudo queres saber , mas o discre-
to , que ainda te falta muito por saber,
tem habilidade para ir ao Ceo , e saberás
esse muito : só no Ceo se sabe , o que he
o Ceo , e quem naõ sabe o que he o Ceo,
naõ sabe: alli comprehenderas na scien-
cia dos Anjos a verdade de toda a scien-
cia , adonde te faras sciente de verdade;
alli estudaras no abrazado dos Serafins
a arte de amar , que quem quizer apren-
der

der esta arte ; menos que por hum Serafim naõ estude: alli conhacerás na fortuna dos gloriosos , a verdadeira fortuna , adonde sem haver roda , que atemorize, ha estrella fixa , que assegure : alli na alegria de todos alcançarás que na terra era a alegria de nenhum ; finalmente alli verás na luz de Deos , que tudo o mais he sombra. Faze pois o sabio por ir ao Ceo , e assim te farás sabio , estuda aquella sciencia que fez ao simples mestre ao rustico politico , ao humilde rey , às pedras fogo , aos bronzes cera , às flores maravilhas , à noite luz , à sombra dia , à nuvem sol , à fera humana , à humana Deosa , ao homem amor , ao amor homem ; e sabendo esta sciencia do amor alcançarás o Ceo , e só no Ceo o discreto se alcança.

Acabou o Rio , e começou a Ave , taõ musica , que pode fazer doces os desenganos com as vozes que forão estas .

Ó tu del ayre simbolo
Ciento que obliga a lastimas
Ver que podiendo solida
Solo sabes fantastica.

De la tierra en el ambito
 Tus subtilezas parvulas.
 O son flores inutiles,
 O son luzes incandidas.

Tus obscuros preambulos
 Tus vanissimas clausulas
 Son ncedades criticas
 Si nò rudezas satiras.

Tu que podiendo altissima
 Beber luzes diafanas
 Te hazes terrestre florida
 Siendo bolante aguila.

Tan falsa es tu rethorica,
 Tan injusta tu maxima
 Que de ti las politicas
 Son del sabio las lagrimas.

Y al fin sabia loquissima
 Llegas a ser tan fatua
 Que pertendes en vida de marmores
 Conservar duraciones de fabulas.

Vou a Ave deixando pelas estrellas do
 Olimpo as flores do bosque, adonde ja a
 Peregrina naõ via , nem ao Idolo , nem
 às idolatras , que como sempre atemori-
 fadas do desengano , deraõ costas à for-
 ça da verdade.

C A P I T U L O VI.

A Esperança do mundo, Idolô quarto, chega a alma, primeiro a olha reverente, e logo a deixa desenganada.

Buscada outra vez de Caçadoras, e Ninfas a Peregrina, e achada sempre, porque naõ sabia fugirlhe nunca, foÿ levada da tropa infiel ao quarto Idolô do bosque, a quem faziaõ sombra amendoeiras, arvores, cujas flores serviaõ de primavera a esta do mundo esperança; vestia de verde a mentida Deosa, cuja cor guarnecia de varias flores, destas compunha seu toucado, e adornava seu peito, era seu aspecto aprazivel, seus olhos lizonjeiros, seu semblante alegre, e todos estes atractivos forão iman que levaraõ a si o affecto da Peregrina, e querendo saber quem lhe roubava o coração pelos olhos, lhe preguntou seu nome reverente, respondeo sonora.

Soy la hermosa lizonja suave
En que humanos rigores se ablandan
Mas dulce, mas agil, mas firme

72 *Enganos do Bosque;*
Que el nectar q̄ endulça, q̄ el ayre q̄ corre
La estrella que pata.

Soy de amor el aliento apacible
La que sopla a su incendio las llamas
Que esfuerco, que avivo, que aciendo
La fe que estremece, la llama que buela,
El yelo que ata.

○ Soy la fuerza amigable, y risueña
La que assi coraçones arrastra
Que lleva, que anima, que atrae
El Colon que surca, el Marte que lidia,
Adonis que ama.

○ Soy la diosa que el mundo venera
A mi culto soberbio, a mis aras
Se rinde, se postra, se humilla
El sagrado adorno, la purpura regia,

La abarca villana.

Soy deidad del consuelo benigna
Que conigo piedosa, y sin saña
Se a calla, se sufre, se enjuja
El gemido tierno, el tormento duro,
La lagrima blanda.

Soy del bien precursora dichota,
Y preludio feliz le adelanta
Que influyo, que arrojo, que exalo
Alientos si soplo, vidas si respiro;

Si pronuncio almas

Soy al fin la esperanza del mundo

Mas

Mas alegre a aprehensiones humáñas,
 Que en bosque, que en prado, q̄ en selva
 Las musicas aves, las rosas sangrientas,
 Las corrientes mansas.

Callou o Idolo, e alargou sua mão à Peregrina, ao que a esta lhe pareceo, com hum theouro, porque assim lho prometia seu semblante, e abrindo a maõ para ver o que nella lhe deixara, a achou vazia, levantou os olhos a queixarse, e AEspe- topou com a vista nas amendoeiras ja rança do despidas de sua flor, que perdidas as es- mundo peranças se desfolharaõ antes de darem promete fruto: duas vezes advertida a Peregrina muito, e hia a portarse como jescamentada quan- dà nada. do a murmuracão do rio a deteve a escutar seus claros desenganos.

DESENGANO QUARTO.

Que prometes Esperança do mun-
 do? Riquezas, isto saõ vaidades:
 honras, isso saõ fantasias; voos, if-
 so saõ precipicios; titulos, isto saõ nomes;
 Coroas, isto he pezo; Imperios, isso he ter-
 ra; Mitras, isso he encargo; Tiaras, isto saõ
 obrigaçōens; Bastoens, isso saõ lidas; Vi-
 ctorias

ctorias, isso saõ batalhas; Laureis, isso saõ folhas; e finalmente todos os bens do mundo, isso he nada: que saõ as riquezas que prometes, quando ouro, huma pouca de terra, quando prata, huma falsidáde de liga, quando perolas, humas gotas de agoa, quando diamantes, hum dissimulado veneno, quando esmeraldas, humas pedras de melhor cor, quando safiras, huma cor de melhor semelhança, quando cristal, hum pedaço de caramelo, quando coral, hum tronco de huma arvore; estas saõ as riquezas a quem as conhece; e que saõ as riquezas a quem as possue? A quem as possue, saõ cuidados para a vida, saudades para a morte, cargo para o juizo, embaraço para a conta, a moeda falsa para o Ceo, moeda corrente para o inferno, estas saõ as riquezas.

Que prometes nas honras? Prometes titulos, e que saõ esses titulos? Ihe huma excellencia, que me naõ faz excellente, porque me deixa miseravel; huma senhoria, cujo senhorio està na voz alheya, e naõ no merecimento proprio, as minhas obras podem-me fazer excellente, porque me podem fazer santo; as minhas

virtudes podem-me fazer senhor , por-
que me podem fazer grande , mas cui-
dar hum que porque tem huma terra ;
ou huma nomeaçāo de mais , fica excel-
lente, he huma ignorancia que bem pa-
rece filha da terra : ò quantas vezes o
que para o mundo he excellencia , he in-
solencia para o Ceo ; fazeis titulos mais
apreço daquelle nome , que vos daõ em
voso estado , que daquelle nome , que
vos daõ em voso bautismo , pois acodis
pelo titulo , e naõ pelo nome: em certo
modo parece , que he antepor a fortuna
à graça : desenganayvos Grandes, de que
sem graça naõ ha fortuna.

Prometes mais , ò louquissima espe-
rança bastoens , e a quem os prometes? a
hum homem , que para alcançar esse bas-
taõ , passa primeiro por tantos perigos da
vida , quantas saõ as oćcasioens de mere-
cello ; hum agonizante passa da morte a
sua hora , hum soldado ve-se na hora da
morte , quanto tem de lida , com que naõ
ló fazes comprar ao triste lidiador a hon-
ra que lhe prometes com a hora da mor-
te , se naõ com as horas da morte , e quā-
tas vezes ah! falsissima esperança , se lhe
chega a morte , sem lhe chegar a honra?

Servi

Servi homens a quem vos promete Coroas immortaes , e naõ a quem vos aceita com laureis caducos , que a morte he rayo , que naõ respeita o louro com que vos ha de despojar da vaidade a morte, e se arriscastes a cabeça para merecerlo ; naõ vos pode segurar a cabeça para conservalo ; se quereis ser valentes , sede Santos , naõ està o esforço em aprestar Exercitos alhéyos , està o valor em dominar paixaoens proprias , em vencervos a vòs , e naõ a outrem ; olhay que mais faz hum justo em conquistar o Ceo , que hum Alexandre em sogeitar o mundo , conquistay o Ceo , que padece força.

Prometes mais falsissima esperança Imperios , e que vem a ser esses Imperios partes da terra : e que he a terra toda? miseras ; logo vem a ser senhor de mais miseras , o que vem a ser senhor de mais Imperios ; dize fortuna nesse dominio ao infante ; que naõ nascça chorando , ao mortal que naõ viva padecendo , à belleza que se naõ olhe ameaçada de huma caveira , à grandeza que se naõ veja estreitada a huma cova , à flor que dure , à estrella que pare , à alegria que fique , ao pranto que fuja , à vida que naõ acabe ,

be , à morte que respeite , e se esse pranto for rílo , se esse homeim naõ for miseravel , se essa belleza naõ for sombra , se esse grande naõ for mortal , se essa flor for perpetua , se essa estrella for fixa , se essa alegria for duravel , se essa vida for constante , se essa morte for respectiva , eu te gabarey o Imperio , eu te naõ desdenharey a Monarquia , senhorio de mortaes , posses de terra , por isso de miserias dominio .

Prometes Coroas ? E que prometes nessa soberania ? Para a cabeça Coroa , para os olhos venda , para os hombros pezo , para o coraçao lida , para o sono susto , para a vida trabalho ; para a alma perigo , para o ser nada ; Esta he a coroa , ò enganosa fortuna , ò miseravel Rey ; prometes Mitras , e que vem a ser esta dignidade ? Obrigaçōens dobradas , cuidado proprio em descuidos alheyos , que he o mayor cuidado tomar almas à conta de quem muitas vezes naõ sabe ter conta com a sua propria alma ; se o homem em o juizo fizera (a poder) extremos por poder de huma só alma naõ dar conta , como se acharà o homem em o juizo tendo que dar conta de muitas almas ?

Enganos do Bosque,
mas? O como só o poderà dizer o mesmo homem em o juizo: apertos daquelle tremendo tribunal, menos que o proprio tribunal naõ pode explicallos : as angustias daquelle fatalissimo perigo, só as pode medir a mesma angustia ; quem duvida que alli quizera o homem antes que na dignidade de huma Mitra haver vivido nas estreitezas de huma cova? Este he ò fortuna o aperto a que condennas o homem , quando lhe dás a Mitra.

Prometes Tiaras , e com as Tiaras hum Principado na Igreja Principe da Igreja, a que estás obrigado ? sem duvida que a meditares tuas obrigaçōens, naõ ousaras a aceitar tua Tiara : se de hum Principe no temporal saõ as obrigações taõ crecidas , quaes seraõ de hum Principe na Igreja as obrigaçōens? E sendo tal a fragilidade humana , que difficul-
tosamente pode corresponder a este empenho , olha esperança o empenho em que poens a quem brindas com a Tiara, honra mais para temer-se, que para lograrse ? Se pois ò esperança de tuas promessas ainda quando verdadeiras saõ estas as posses , que ha que fiar em tuas promessas, pois sendo ancias quando esperadas

peradas , ainda saõ mayor mal quando possuidas. Mortaes que fazeis tanto pelo que he taõ pouco, adonde està a vossa vaidade , que vos naõ sabe livrar desta misteria? Mas ah! como vejo que da miseria fazeis a vaidade ! Daes a vida pelas esperanças da terra, e naõ daes hum passo pela posse do Ceo. Grande injuria fazeis ao Ceo , grande confiança fazeis da terra , tanto servir ao mundo pelas honras do mundo, cujo ser he hum pouco de fumo, que cega, e foge: tanto descuidar do Ceo, cuja luz he huma estrela que alumea fixa : tanta fadiga para a vida, tanto desprezo para a eternidade: tanta meditaçao para viver , tanto estudo para acabar , como se nunca acabareis de viver ? Mostras mortal que tens grande fé , ou que tens fé nenhuma , se esperas salvarte fazendo nada pela salvação , tens muita fé , mas olha que nessa fé te naõ podes salvar, e se havendo Ceo te lembras só da terra , parece que naõ chega a tua fé a cuidar que ha Ceo: homem de taõ grande fé naõ te fies em tua confiança: homem de fé taõ pouca, naõ te segures em tua duraçao , abre ignorante voluntario os olhos , e verás as lzes,

Enganos do Bosque,
 zes , olha confiado infiel o fogo , e temerás os rayos, medita o que vay de posse a posse , e loga deixarás esperança.

Callou o Rio , cantou a Ave , ouvio a Peregrina.

Viendo tus esperanças
 Aura , y Aurora ,
 Quanto una las rie,
 Otra las llora
 En el ayre se fian
 Para dezaire
 Quien del ayre se fia
 Es como el ayre,
 Por el viento esparcieron
 Varias flores ,
 Y el viento las deshoja,
 Porque son flores
 Con estas competian,
 Y si le goza
 Que mas que la esperança
 Durò la Rosa.
 De mentiras componen
 Todas sus vezés
 Pues nos muestran el oro,
 Y dan las fezes ,
 Y siguiendo este estylo
 En tal fatiga

A la plata prometen ,
Y dan la liga:
A la flor del almendro
Es comparada,
Mas las flores dan fruto
Y ella dà nada
Y esta si mundo loco
Es tu esperança
Quien la alcança me diga
Que es lo que alcança?

Taõ suave cantou a Ave, que fez a verdade doce cujos ecos nos ouvidos da Peregrina passaraõ ao coraçao, e buscando a companhia para lhe comunicar o effeito se achou sem ella que os desenganos tem poucos que os ouçaõ, e muitos que lhe fugaõ.

C A P I T U L O VII.

Em que a Peregrina passa ao Idolo Riqueza, leva-se primeiro de suas vozes, e logo piza seus poderes.

Obrados do susto, Caçadores , e Ninfas tornaraõ à empreza, que a malicia quando porfia, he muy teimosa.

Cortejando a vacilante Deosa, a conduzi-
raõ a novo domicilio que se formava do
tesouro, que as Hesperides guardaraõ em
seus Jardins: transplantados pois neste
bosque, crescerão ás maceiras a fazer
templo que douravaõ suas maçãas. O I-
dolo, que aqui se venerava, era huma
mulher de luzidos olhos, prateada tez,
dourados cahelos, vestia de tella de pra-
ta, e assim manto como roupa bordava
de botoens de ouro, gala que estudar-
selhe o fer, forá injuria, a cabeça era húni-
chelouro de joyas, e quanto mais leve
na consideraçao, mais capaz se fazia para
o pezo. Alucinados os olhos da Peregrina-
na nas afaltas luzes de tanta terra bem il-
lustrada, chegou a dar ambiciosa adora-
çaõ ao Idolo, querendo tirar da sua de-
voçaõ seu interesse, namorada de tanto
ouro o desejava proprio quando o vêne-
rava alheyo. Quê es o poderosa illustra-
çaõ deste bosque, exclamou a ignorante
belleza, que ja te imagino aurora pelas
perolas, alva pela prata, Sol pelas luzes,
e mal determinada no que te cuide, só
te venero pelo que te vejo: respondeo
em arrogantes vozes a falsa Sereá.

Soy de la tierra el Idolo
que adora, porq̄ atiendas sin preambulos,
desde el regio píramide
hasta el desierto, hasta el humilde paramo.

Por mi belleza unica
se arroja el hombre sin temer obstáculo,
en las entrañas lobregas
en los profundos cristalinos ámbitos.

A las zonas incognitas
huella por verme a los oculos platanos vida.
tanto coturno intremulo
de hōbre estranero no de proprio satiro.

A mi poder magnifico
no es imposible a mi valor nō fatuo
hacer suban no esfericos
para dorar el sol altos pinaculos.

A mi imperio los Príncipes
piden sujetos para ser magnanimos
porque sin mi la purpura
no fuera lustre porque fuera escandaló.

A la adoracion valida
no escapa mi deidad de ancioso tantalo
ni en los terrestres concavos
ni en los senos escuchame diafanos.

Por mis bienes algissimos
guerrea el mundo con ardiente animo
quando en su furor belico
rie Democrito , quando llora Eracito.

A riqueza he o
Idolo da terra.

Pelas tristezas arrisca o
homem a

Pelos bens do mundo
guerreia o homem

Quanto el humano circulo
rodea mi poder manda infantastico
O ouro desde el hombre maritimo
tudo hasta el terreno , hasta el estable ambito.
manda.

Al fin mi deidad dòrica
no pueden explicar affectos candidos
de continuos hiperboles
de repetidos de incessables canticos.

Callou a Riqueza , e alargando a maõ
naõ sempre liberal, tirou de suas arvores
humã maçãa de ouro, que deu à Peregrina,
a qual quando hia à avaliar o que jul-
gava precioso dom, se lhe desfez em ter-
ra , taes eraõ do bosque as riquezas, vil-
tas luz,tocadas Iodo.Aos reparos da Pe-
regrina nesta transmutaçao atalharaõ os
despenhos do rio, que com claras vozes
disse assim.

DESENGANO QUARTO.

Que vales Riqueza? Vales huma al-
ma? Naõ que a condenas. Vales
huma vida?Naõ que a arriscas. Va-
les hum sosiego? Naõ que o destroes. Va-
les hum alivio ? Naõ que es pezo. Vales
hum descanso? Naõ que es cuidado. Va-
les

les huma respiraçāo? Naō que es afogo. Arriscas a vida de quem te busca ; condenas a alma de quem te guarda; destroes o sossego de quem te conserva ; fazes do sono cuidado , do alivio carga , da respiraçāo receyo , e es thesouro? Adonde pois està o teu valor, que se o achou a estimação, eu o naō descubro na realidade ; contigo poderá o homem comprar mais mundo ; porém naō poderá o homem comprar mais vida ; logo para que quer o homem que o que lhe falte de vida lhe sobeje de mundo , duplicarlhe as conveniencias para viver , e naō dilatarlhe os alentos para durar : naō hē darlhe mais seguros para a vida , e hē deixarlhe mais saudades para a morte, com que compra contigo para a morte outra agonia , sonha o ambicioso com o thesouro , desperta , e acha-se com o desengano ; logra o homem breve sono de sua duraçāo , a mentida posse de sua riqueza , acorda na eternidade , e desaparecélhe o thesouro, com que quantas perolas cria o mar , quanto ouro a terra , quanta prata as minas, só hum thesouro sonhado, que só val hum degosto verdadeiro ; tudo que contigo ó Riqueza

za se faz na vida, he para a vida. He a vida hum composto de annos, os annos de mezes, os mezes de dias, os dias de horas, as horas de minutos, os minutos de instantes, com que de instantes se vem a fazer toda a vida, e cabes Riqueza em hum composto de instantes, servindo so para dourar minutos?

Que tem o homem em teus banquetes? se nao huma demazia para o gosto, hum achaque para a vida, huma injuria para a rationalidade. Que tem em teus adornos? Na seda huma lizonja de menos dura, na prata huma vaidade mais clara, no ouro huma terra mais bem parecida. Que tem em teus palacios se nao mais dous palmos de chaõ para o tropeçõ, quatro pedras mais levantadas para a soberba, quatro torres de vento para a ruina. Que tem em tuas preciosidades? Humas pedras, a quem a terra deu o ser, e a opiniao o valor, melhores para atirarem loucos, que para esti-marem sezudos. Que tem nos diverti-méntos que lhe compras? Se nao huma rarefa de ociosidades, hum labyrinto de loucuras, hum teatro de desatinos. Isto he o que tem em ti o homem que te lo-gra,

gra , e só huma chave tem em ti o homem que te guarde. Se fosses à miséria vel Riqueza precisa para conservar a vida, ainda sendo a vida causa tão pouca, tivera alguma desculpa quem por ti fizesse muito : mas se ao homem lhe basta para seu abrigo huma cabana, para seu sustento huma arvore, para seu vestido huma pelle, para seu desafogo huma fonte, que dás ao homem no que lhe sobeja, se sem ti tem o homem o que lhe basta? O mortal, se só com armas quattro troncos te podes resguardar das inclemências, para que levantas em teu reparo tantos mártires? Para que desinquetas tantas pedras? Para que trabalha tanto artifice, se nenhuma que escapa à tua fantasia nem a pedra de maior firmeza, nem o cedro de maior duração; tendo injuria ao Libano no que te atreves, é ao mesmo Pataizo, no a que te atrevêras, pois sem dúvida que a poder, lavrarias de suas arvores tua morada. Se só com despir a hum bruto podes vestirte, para que cortas tanto Abril em cores, para que apuras tanta fineza em ouro, para que manchas tanta pureza em prata, para que arrastras tanta soberania em purpura,

pura; para que teces tanta vaidade em galas? Mas he ó mortal, porque naõ consideras que basta huma pele na vida a quem sobra huma mortalha na morte. Se huma fruta pode sustentarte para que alteras os mares por seus peixes, a terra por seus brutos; o ar por suas aves, o fogo com aves, peixes, brutos, cansando o sustento de huma só vida a quatro elementos. Que dirá o ar de lhe darem trabalho por hum suspiro? Se basta à tua sede a agoa pura, para que injurias a clareza da fonte, e a providencia de quem a criou para tua sede, conficionando bebedas de quem tua vaidade he a hidropica, e naõ teu calor o necessitado? E sem duvida que a haver deoses, tu lhe roubáras de sua mesa o nectar, porque em teus copos naõ faltasse a ambrosia. Dize-me pois ó inutil Riqueza o de que serves, se sem ti estava provida a natureza humana? Mas ja sey que só serves de injuriar as condicōens dessa mesma natureza. Sabes ó homem quando farás thesouro da riqueza? Quando a pize teu desprezo como terra, quando a arroje teu desinteresse como lodo, quando a olhe teu conhecimento como nada. Taes

vos vejo ò riquezas do mundo que sois melhores para desprezadas, que para possuidas; mortal que surcas os mares, que rodeas a terra por teus haveres; como naõ advertes que està em ti o teu thesouro com menos duvidas na posse, com menos trabalho na esperança? Se com as potencias de tua alma te podes fazer rico de eternidade para que com tuas diligencias te queres fazer dourado de instantes? Se tens em ti cabedal para comprar o Ceo, para que buscas cabedal que haõde deixar na terra, arriscandote a que te falte pela peregrinaçao a patria. Poem mortal teu cuidado em naõ perdella, e assim terás em teus affectos teus thesouros. Vontade bem sacrificada he o ouro de melhores quilates, lagrimas bem choradas, as perolas mais preciosas, pensamentos do Ceo, as safiras mas celestiaes, esperanças da gloria, as esmeraldas de melhor cor, finezas por Deos, os diamantes de melhor lustre, zelo da salvação, o rubi mais ardente: desengano do mundo, o cristal mais verdadeiro. Chora tua culpa, sacrifica tua vontade, levanta teu pensamento, abraza teus afectos, melhora tua ciferança, exerçita tua

tuâ fineza, aclara teu conhecimento, e
acharás ò homém o teu thesouro, e se
atègora esteve em ti como em campo es-
condido, de hoje em diante aproveita-
te delle; que ainda he tempo de o faze-
res achado. *sa abr* *do bosque* *de galaraõ*
mo Galaraõ do Rio os desenganos, e
começou assim da Ave a musica.

Oro, y tierra todo es uno,
pero tanto el mundo yerra,
que adora la tierra, tierra.

G L O Z A.

Las verdades que atesoro
mortal aquí podrás verlas
a tantas alvas de perlas
a tantos soles de oro:
todo esse fatal thesoro
está de valor ninguno,
sabe en rigor oportuno
porque salgas de tu abismo
que agua, y perlas son lo mismo
oro, y tierra todo es uno.

Eres tierra en tal espanto
oro, y tus rayos serenos
y si pudiera hallar menos

no te juzgara por tanto :
hombre tu encanto, tu encanto
en esta verdad destierra
porque tu valor encierra
tanta fineza usurpada,
la tierra es para pizada
pero tanto el mundo yerra !

A todo el mortal humano
en adoraciones hallo
del Principe hasta el Vasallo;
del Ilustre hasta el Villano;
tanto afecto soberano
dizid que misterio encierra ?
su intencion se defentierra
que busca el hombre humillado
que idolatra el Rey postrado
que adora la tierra tierra ?

Callou a Ave, desenganou-se a Peregrina, fugiu ao culto, conhecendo nelle por Idolo a que tinha olhado por deidade;

C A P I T U L O VIII.

Em que a alma he levada ao culto do Amor proprio , ultimo Idol.

*O mayor
idolo he
o Amor
proprio.*

PELOS périgos do bosque deixou outra vez a Peregrina da ave os voos, que podera seguir com o pensamento, conduzida como sempre de Caçadotas, e Ninfas, chegou ao ultimo, e mais venerado culto daquella esfera, cujo Idolo era huu Joven de afeminado rostro, lizongeiros olhos, alegre aspecto, delicadissimo talhe, vestia de hum finissimo nacar, forrado de cambrai, garnecido de aljofar: era sua esfera de Narcisos que lhe faziaõ culto, altar, e templo: via-se em hum Rio, que lhe servia de espelho, e era o mais perdidio Narciso nestas agoas; poz-lhe a Peregrina os olhos com affecto, e ao perguntarlhe quem era cuidado, respondeo com melodia.

Yo soy el fuego
 yo soy el agoa, yo soy la tierra, yo soy el
 viento
 y de todos los quatro hago un cōpuesto
 con

con que quedo a nombrarme quinto ele-
mento.

Soy fuego que soy amor , pero tan blando , tan lento , que son lizonjas las llamas , son alagos los incendios .

Pero mortales tenedme miedo que aunque tan tibio , aunque tan quieto todo el orbe es ruina a mi llama : todo el mundo es esclavo a mi imperio , aunque tan dulce , aunque tan tierno , hago rostro al incendio mas noble , y a su fuego le traga mi fuego .

Soy ayre , porque sutil entro a todo , y tan adentro que no ay corazon humano que elcuze de mis sus senos .

Pero vivientes mirad mi esfuerço , que aunque ayre blando , benigno zefiro arranco del Olimpo las estrellas , estremesco del Libano los cedros fabonio manso . suave aliento quando soplo delairo a las penas si respiro peligran los leños .

Soy tierra porque al fin soy hijo de tierra soberbio , que al oro no es menos lustre tener la cuna en su centro .

Todos soñ
escravos
do amor
proprio.

Amor
proprio
apaga o
de Deos.

Amor
proprio
entra em
tudo su
tilissimo.

Amor
proprio
arruina
as almas
mais cost
tantes.

He filho
da terra
o amor
proprio.

Pero

O amor proprio faz guerra ao Céo.
 Pero viadores mirad mi aspecto porque aunque humano, aunque terreno con mi ser hago sombra al impio y de tierra me atrevo a los Cielos señor de mundo, hijo, desvelo soy el Dios que habitante en las almas communica su gloria a los cuerpos

Entibia o amor de Deos.
 Soy agora, porque mi fuerza mata de otro amor el fuego recien nacido el calor amortigo los incendios

O amor proprio batalha com o de Deos, e muitas vezes vence.
 Pero mundanos ved mi diseño que aunque de nieve, aunque de yelo hago guerra de ahio al amor riño lides de incendio al incendio dormido rayo callado estruendo soy assombro que ciega las luces fuerza soy que arrebata los pechos.

Callou o lizongeiro Narcizo, e taõ doce suavizou os ouvidos, que podiaõ persuadirse a que era.

O el Orfeo de las aves,

O el ruisenor de los hombres.

A Peregrina mais que a dos outros sacrificada a seu culto, mudamente lhe bebia os agrados pelos olhos, pouco em si, toda nelle, advertia lhe ofrecia hum festico

festico das flores, de que se fazia seu folio, que eraō symbolos de seu ser. Pēgou dellas quando (òhorrendo susto!) saltou venenoso aspid que acordado ao tōque, se naō ferio la māo; astombrou aos olhos; treimeq a Peregrina, e conhescendo no perigoso das flores o cavilosso de quem as offerecia hia a exclamar desenganada, quando o rio lhe roubou assim as vozes.

DESENGANO SEXTO:

Que amas em ti? Amor de ti, amas teu pò? Isso he cegueira, amas tua terra? isso he vileza, amas tu vaidade? isso he loucura, amas teu descanso? isso he perguiça, amas teu comodo? isso he perigo, amas tua saude? isso he achaque, amas tua estimaçāo? isso he injutia, amas teu regalo? isso he veneno, e finalmente amas-te a ti? isso he nada amar-te, e entender-te. Oh tu aquelle que te amas, naō parece possivel assim. Creyo que te amas porque te naō entendes, se alcançaras que aquelle cuidado, com que tratas do teu corpo, he ruina, que pode perderte a tua alma, quem

qué ignora q̄ dos medos de tua alma fizeras tambem hum coco para tua vida ! Eu digo que a ti te amas; porém só quero dizer que por ti te perdes , pois neste affecto proprio ficas bem perdido, e mão amante ; que a fineza ; com que te estimas, he o delito com que te condenas, e tanto que só fazendo de teu amor teu odio , virá teu odio a ser teu amor.

Querette bem , e fazerte mal , implica à Narciso contradicçāo , e tu traçando de teu querer teu mal, cuidas que he querer bem. Que lastima tiveras a mandote , se te virás conhecendote ? adoras a vontade , quando com ella havis de adorar o de que havias de fazer sacrificio. Fazer Idolo ficando assim idolatria de teu gosto, se ainda para teu gosto era vil , qual será para teu Deos ? se hum bruto soubéra levantar templo , esta fora a adoraçāo do bruto. Não digas à rudissimo querer que es racional, os outros fazem do seu amor seu mimo , e tu fazes de teu mimo teu amor ; e he este affecto intruzo ; se huma fineza para teu corpo, huma grosseira para tua alma , e es tão grosseiro que amando em ti , amas ao peyor que tens em ti.

Nacef-

Naceste só para querer, e vives só para quererte. Se naõ vives para o que naces, melhor te estivera o naõ haver nascido; e neste desmentir o ser, usai-te com quem te deu o ser, a mayor desnaturalidade. Aquelle affecto com que poderas pagá a tua divida, desperdiças na tua affeição, fazendo assim do amor furto, quando do amor podias fazer desempenho. Toda a moeda se pode pagar em outra, mas a do amor he taõ fina, que só tem paga na mesma moeda: entriste no mundo devedor do mayor amor que he o de Deos, deixoute em tua vontade cabedal para satisfazer a divida, gastas contigo o thesouro, desperdiças contigo o affecto: logo que te fica para pagar a Deos se naõ he possivel ser em outra moeda? Dirás que naõ ha divida que Deos naõ perdoe, assim he, mas como perdoa Deos essa divida? Meténdose por valia o amor, naõ só o amor de Deos para contigo, mas o amor de ti para com Deos. Logo se este amor está empregado em ti, quem tomas por valia para o perdaõ? Contas de amor (cego Narcizo) saõ muy miudas, e quanto no mundo saõ arriscadas nos extremos,

mos para com o Ceo saõ perigosas nas quebras. Perdoa Deos a quem o desamou, mas naõ perdoa Deos a quem o desama; que elle he amante do arrependimento, e naõ da culpa. A sua misericordia naõ està em excluir a paga, que isto sem queixa da sua justiça naõ cabe nem na sua misericordia; està sim em esperar pôr ella, e esperar quem ama pela satisfaçao do que ama, deixa na detençâ taõ grande a penalidade, que esta he a mayor fineza que por ti faz sua misericordia. Olha Narcizo que te espera Deos, e que padece em tua demora, mais do que padece em sua Cruz, pois alli tolerava a dor, e cà retardaselhe da dor a satisfaçao: huma ferida atormenta o corpo, huma ingratidão lastima a alma, com que o que vay da alma ao corpo, sente Deos mais o esperar que o padecer. Deixou Deos por ti a sua Casa, descendo do seu Ceo, deixou a sua soberania vestindo-se de servo, deixou a sua vida, sofrendo a sua morte, mas só o seu amor naõ quer Deos deixar por ti. Julga pois que couta taõ estimavel serâ aquella, que preferê Deos à sua grandeza, à sua casa, à sua vida: Pois este he

o teu

o teu amor , e empregas em hum pouco de lodo aquillo que só reservou para si Deos ? Verdade he que de muitos tempos de naõ *amar* , se satisfaz com hum instante de *amo* , mas tu desperdiças taõ descompassadamente o teu querer , que te naõ ficarà cabedal nem para hum instante. Minuto de paga em dvidas de annos , ou haõ de trazer a moeda muito fina , ou haõ de levar repudiada a moeda. He cousa rara fazerse em hum momento , o que nem sempre se pode lavrar em toda huma vida , e por isso acontece poucas vezes por cousa rara.

He a vontade huma potencia taõ nobre que naõ pode nunca estar ociosa porque na occupaõ mostra o valor : amar a Deos foy o destino desta potencia, alli como em centro proprio vive o que ama , no mais como em affecto bastardo padece o que quer. Naõ podendo pois estar a vontade suspensa , ama o homem , ou a Deos como illustrado , ou a si como cego , ou a outrem como louco : amar a Deos por todas as razoens he bom , amar a outrem he mão , amar-se a si he peyor , quem ama engana-se com outrem , e he hum engano que naõ pode durar muito,

quem se ama engana-se consigo , e he huma cegueira que prevalece sempre. Amando a outrem o tempo me dà a conhecer o mal que amo , amando-me a mim nunca me parece que amo mal : amor alheyo qualquer desconfiança basta para o acabar , amor proprio, como naõ tem quem lhe pague mál, naõ ha destruillo; finalmente amar he tormento , e amatte he mimo : da dor naõ ha quem se naõ despeça podendo , do mimo naõ ha quem possa despedir-se ; às violencias da magoa estalaõ firmezas de bronze, às docuras da lizonja se conservaõ durações de vidro , com que entre amar , e amatte, tens ò Narcizo mais certo o perigo no que te amas. Sabes ò homem o que podes amar em ti? O que amares a Deos. Se te vires transformado neste amor , amate nelle , com tanto que estimes o fogo , e desprezès o lenho : hasde quererte só para querer , que isso he querer a Deos , naõ hasde querer só para quererte , que isso he amarte a ti ; poem teu lodo por teu retrato , poem tuas perfeiçoes por tua copia, olha para ti, e olha a Deos, e se naõ escolhes como racional , fiça para bruto.

Dize

Dize ò Narcizo como em teu amor proprio naõ podias padecer ingratidaõ, e ja me retrato, porque tudo que amas em ti, em ti te foge. Amas tua belleza, e elle deixaçandote em sua caveira hum desengano, desapparece; amas tua vida, e tua vida corre de tua lizonja para sua morte; amas teu gosto, e elle voa quando chegas a perde-lo; amas teu descanso, e foge a embaraçar-se com seu susto; amas teu corpo, e elle deixate por sua sepultura; com que tudo ò homem que em ti amas, te paga mal, e ainda assim te amas? Se amar perfeiçoes ingratas era loucura, o que serà amar imperfeições desagradecidas?

Sabes ò homem que te amas, o como podes segurar tuas comodidades? Fazendo por salvarte; busca o Ceo por amor de ti, ja que o naõ queres buscar por amor de Deos, e verás como se pode buscar o Ceo por amor proprio. Se amas teu descanso, no Ceo naõ se trabalha, se amas teu gosto, no Ceo naõ ha pezar, se amas teu regalo, o Ceo he delicia, se amas tua nobreza, no Ceo es Rey, se amas tua fermosura, no Ceo es luz, se amas tua discriçao, no Ceo es sabio;

bio ; se amas tua vida , no Ceo es eterno ; faze pois, ò homem, por ir ao Ceo, que ahi segurarás para tua fortuna, quanto poderás desejar para teu amor.

Callou o Rio , deceo a Ave , e disse.

Ay infeliz ,

que a ti te pierdes por quererte a ti!

Engañado Narcizo

para que escojes , di

entre luzir , y arder

el fuego , que consume sin luzir ?

essa llama que abraza

tu pecho feminil

si es lizonja al nascer

dissimulada muerte ès al vivir.

Ay infeliz

que a ti te pierdes por quererte a ti!

Si en ti perdido estás

en ti te busca vil ,

porque si alli te pierdes

Busca-te podrà ser, podrà ser te halles allí

em teu miras-te à los cristales ,

pò , e a- y no adviertes aqui

charteás que tu en ellos te mientes

que ellos en ti no pueden nò mintir.

Ay infeliz

que a ti te pierdes por quererte a ti!

Ageno

Ageno objecto busque
tu affecto en esta lid ,
porque de proprio culto
huye la adoracion hasta el gentil.
El Dios de amor Narcizo
la deidad del zafir
quando assi Dios se ama
tambien buscò que amar fuera de si

*Ama-se,
e ama-
nos.*

Ay infeliz
que a ti te pierdes por quererte a ti.

C A P I T U L O IX.

*Em que desenganada a alma resolve a dei-
xar o bosque , symbolo do mundo , procuraõ
detella as suas lizonjas na voz do Caçador ,
vence seus enganos com o favor das inspira-
çoens significadas nos avizôs das Pastoras .*

Desenganada tantas vezes a Peregrina o ficou huma, e assim despedindo-se do bosque sem saudades só buscava a sahida deste bosqué. Ficay dizia, labirinto de enganos , que mayor he a sede , que tenho de deixarvos que a que me trouxe a vervos. Ficay deidades falsas , que ainda naõ valendo para hum engano , querels ser para huma adoraçao.

Só tira a alma do mundo o desenga- uo. Ficay por Idolos de sacrificios ce-
gaõ. Ficay por Idolos de sacrificios ce-
gos , que eu ja levanto os fumos , e só
posso perdoarvos no escarmiento , quan-
to me aventurastes no perigo. Dizia a
Peregrina , e naõ parava sem que Caça-
doras , e Ninfas bastassem a detela , mas
sahiolhe o Caçador ao encontro : que
com sonora , e lastimada voz procurava
obrigalla dizendo.

*O mundo engana a alma com li-
zonjas.*

Pàra Ninfa a mis vozes ,
porque tu pie ligero
si corre por el ayre ,
descánce ay infelice por el fuego.

Aqui desceraõ do Olimpo as Pastoras,
cujas divinas vozes assim contradisserão
às do Caçador.

Corre Ninfa al Olimpo
que su numen sereno
te obliga con las llamas
y aquí solo te engañan con los yelos
Caçador. A mis lamentos tristes
se suspendan tus buelos ,
tengan-te mis suspiros
porq amor aprisiona con el viento.
Pastoras, De sus suspiros huye
por-

porque si a su lamento
dà por remedio el ayte
que le quede en el ayre esse remedio.

Caçador. Pàra a mi llanto Dea
porque pare su exceso
que sintiendo a negarme
solo siento ay dolor que a ti te anego.

Pastoras. Huye Dea segura
y tu coturno tierno
el riesgo tema solo
quando pare a temer en ese riesgo.

Caçador. Escucha, que no puedes
si en milllanto se ha puesto
obstaculo a tu planta
môte de inundacion, y mar de incêdio.

Pastores. No escuches sus palabras
que estos vanos concetos
estos acentos locos
quando nacen finezas, mueren eccos.

Caçador. Si huyes de mi tirana
corra a mi tu despecho
tan fuera estoy de mi
q en mi de mi puedes estar mas lexos.

Pastoras. Huye que es falsoedad,
de su aleboso pecho ,
pues nunca en si està mas
q quando en si parece que està menos.

Caçador. Plegue al Cielo inimiga.
que

que en tu coturno terfo
 pruebe el aspid lo dulce { ruego.
 porque pare al dolor quien huye al
Pastoras. No hade tocar el aspid
 de tu planta lo belio
 que no engañan las flores
 a quien puede apelar a los luzeros.

Caçador. Salga amor a buscarte
 en apresados buelos
 mas ay que no te alcança
 el ò Ninfa bolando , tu corriendo !

Pastoras. Que te siga Cupido
 el lance no recelo ,
 porque en su amor ò Ninfa
 tiene mas de suspiro, que de aliento.

Caçador. Adonde vas , espera
 sin coraçon, pues tengo
 por triunfo de mis flechas
 aquell q̄ ha sido imperio de tu pecho.

Pastoras. Es engaño , nò pares
 que tu coraçon cierto
 bolviò Ninfa a ser tuyo
 solo en querer dexar de ser ageno.

Caçador. Las rosas te aprisionen ,
 mas ay que es devaneo
 si no es que tu esquivez
 no tiene en tu esquivez ò Ninfa zelos.

Pastoras. No temas los espinos

en su rigor sangrientos ,
que quien no puede àl alma (erpo.
no importa Ninfa no que hiera el cu-
Caçador. Pues ya que tu残酷
no cede a mis extremos ,
cubra el Cielo sus luces
q̄ ver tu ingratitud no quiere'l Cielo.

Pastoras. Tempestad pavorosa

forme horrores funestos
y enpeñadas las iras
sean los rayos el menor estruendo.

A las lluvias mis lagrimas forman ,
mis suspiros cansados los vientos ,
mis rabiosas passiones los rayos ,
mis gemidos ruidosos los truenos ,
mis confusos assombros las nubes ,
mi afligido semblante los ceños ,
mis mortales tristezas las sombras ,
mi esperança perdida los riesgos ,
mis voces impacientes los sylvos ,
mis lamentos sentidos los eccos ,
mis despechos crueles las furias ,
mis bramidos rabiolos los Euros.

Truenos , rayos , y lluvias ,
nubes , sombras , y seños ,
ecos , vientos , y silvos ,
Euros , furias , y riesgos .

A sus ojos formad una noche ,

infundid

O mun-
do encâ-
ta com
suas
trâsfor-
mações.

108 *Enganos do Bosque;*
infundid un horror a su pecho,
componed un temblor a sus voces
arrojad a sus plantas un yelo.

A estas voces se embaracaraõ as lu-
zes , desataraõ-se os rayos , responderaõ
os ventos, e finalmente se formou huma
tormenta taõ desfeita , que parecia que-
ser o Ceo sepultar a terra nos abismos.
Era o astuto Caçador grande mago , e
valeo-se contra o desamor , do encanto,
quando naõ pôde fazer o encanto do a-
mor. Perdeo a Peregrina o tino , porque
perdeo a luz, e vendados seus olhos nes-
ta sombra a deixarẽmos até novo Capi-
tulo.

C A P I T U L O X.

Em que vacilante a alma nas sombras do mundo penetra ao Ceo com sua oração ; e alumniada com hum rayo de luz em suas escuridades sae do bosque seguindo a Christo.

Buscava a Peregrina do bosque a sahida , e só topava horrores ; naõ sentia o rayo , que a ameaçava , só sen-
tia chegar , adonde morria ; lembrou-
se

se do Olimpo para o remedio ; vendó-
se só no bosque para o desengano ; e fa-
zendo memoria das misericordias de sua
Deidade, quiz obrigalas rogandoas, por-
que lhe sabia as condiçoens ; levantou a
voz a persuadir piedades, e orou assim.

*Recorre
a alma
ao Ceo
em sua
afflicao*

(ancias

Deidad del Olimpo que escuchas mis
atiénde fiel
y no pido me valgas, que en Dios
es lo mismo escuchar que valer:
oyeme.,
que buscando las luces ceguè.

*Omelbor
modo de
persuaz-
dir a
Deos be
orando.*

A tu pecho suspiros arrojo cansados
y quedame fé
que aquel ayre que buela por luces
en tu pecho se llegue a encender:
oyemè,
que buscando las luces ceguè.

En las sôbras opacas perdida, y cônfusa
infeliz que harè ?
pues palpando los vagos horrores
solo veo que nò puedo ver,
oyemè,
que buscando las luces ceguè.

Señor de las luces dueño de los rayos
te llego a entender
soio un vizo que pido a tu luz

210 *Enganos do Bosque* ;
es un sol que conduce a mi bien:
 oyemè ,
que buscando las luces ceguè.

Si amor en tu pecho respira dichoso
 su aliento me des
que aquel fuego que prende en los ayres
en las sombras bien puede prender.
 oyemè ,
que buscando las luces ceguè.

De triste gemido , de tierno lamento
 no hiziste deinden ,
que el dolor que no llego a sentir ,
es dolor que no llega a temer.
 oyemè ,
que buscando las luces ceguè.

Su esfera luziente corra la cortina
 dezembocesé ,
y socorra la estrella a la flor ,
pues retrata su gala a su ser.
 oyemè ,
que buscando las luces ceguè.

Otra vez escuches o Numen divino
 atiende otra vez ,
y si acojes a la que nò mira ,
no desdeñes a la que no vè.
 oyeme ,
que buscando las luces ceguè.

Aqui se arrojou do mais elevado do Olimpo hum rayo de luz , que desterrou as sombras , ferenou o Ceo , resuscitou o dia , mostrando à Peregrina no bosque aquelle Pastor, que em o primeiro caminho a desviou delle, se bem com a mesma cautela , porque sendolhe guia para a sahida do bosque , nunca lhe deo rosto. Alvorçoada a Peregrina , e deseja de saber quem era o Pastor , ja duas vezes olhado , e de nenhuma visto, elle lhe respondeo ao pensamento assim.

Poderes da oração.

Yo soy Peregrina hermosa
yo soy humana belleza
el señor de las llamas por zelos, y amores
el señor de las luces por soles , y estrellas.

*Zelanos,
y aman-*
nos.

Yo soy beldad ignorante
yo soy o muger suspensa ,
el señor de la tierra por plantas , y flores
el señor de los mares por gracias, y perlas.

Yo soy animada flor
yo soy vacilante Dea
el señor de vivientes por almas, y vidas
el señor de mortales por hóbres, y fieras.

Yo soy querida dudoza
yo soy desterrada bella
el señor de las pazes por Iris , y rosas,

el

el señor de las lides por tiros, y flechas;

Yo soy ó tacional Ninfa

soy Peregrina sedienta

el señor de las dichas por Cielos, y glorias

la Deidad del Zafir por astros, y esferas.

Soy el Dios del Olimpo supremo

y el Pastor del Vergel porque sepas

que soy Dios a escuzar tu dolor,

y soy hombre a sentir tu terneza.

Al clamor que ha llegado a mi oydo

el socorro tan pronto se muestra,

que entre quexa, y remedio se duda

si es primero el remedio, ó la quexa.

Al Olimpo subieron tus voces,

y una luz arrojé de su esfera,

que el amor que dió flecha a mi pecho,

a tus ojos no quiere dar venda.

Tras las luces al suelo me arrojo

duplicando sus gracias serenas

porque dar el remedio es poder,

y assistir ál remedio es fineza.

Si deseas mirar de mis ojos

la escondida ignorada belleza,

al Vergel tu coturno destina

que entre flores te muestran estrellas.

As voces do Divino Numen eleva-
taõ tanto a atençao da Peregrina, que
correndo

correndo a ellas naõ advertio , o que pizava. Quando ja respirava fóra do bosque , callou o Pastor furtando aos olhos, e ouvidos da Peregrina sua voz, e sua pessoa , porque em callando se naõ vio esta , achando-se a Peregrina em aquelle caminho de asperezas , que primeiro a conduzia ao Vergel do Pastor , de quem por abbreviar a saudade , começou a jornada , se ouver quem desta conte na segunda Parte desta historia, descobrirà o Vergel no Paraizo.

F I M.

ENGANOS DO BOSQUE ; DEZENGANOS DO RIO.

SEGUNDA PARTE

CAPITULO I.

Em que a Peregrina começa o caminho das asperezas, em que a mandaõ despir as sedas, e deixar o calçado.

Livre ja dos enganos da bosque , persuadida da voz do Pastor , bem ferida no amor , mal curada na saudade , em o seguro caminho das asperezas deixamos a Peregrina , magoando os pés nas pedras , prendendo os cabellos nos espinhos , ralgando as sedas nos carraícos ; mas como levava o amor por guia , dos discommodos faria as finezas . Tudo era olhar a ver se encontrava com os olhos quem Ió achava no coração , e como alli naõ havia flores , que o retrastsem , nem o engano lhe divertia a saudade , provou a ver se entretinha seus cui-

cuidados na musica , mas esta nem sempre espanta os males , e foy cantando a mote velho glosa nova.

Ja pelo montado
apparecem flores ,
e nossos amores
nao tem começado.

Acorday Pastor
que vos descuidaes ,
se nao madrugaes .
como sois amor ?
do amor a flor .
quinao vos ha dado
vinde meu cuidado
que anda esta bonina
ja pela campina ,
ja pelo montado.

Ay , que nao tornaes ;
que cruel retiro !
pois sois meu suspiro
efutay meus ays
nao vos detenhaes ,
que ja os Pastores
dizem meus amores
vendo as flores antes
escondem-se amantes
apparecem flores.

Minha voz por certo
que em deserto clama
porém quem bem ama
vive no deserto :
neste bem incerto
peno nos temores,
vencey os rigores
se estaes mal comigo,
olhay que vos digo
e nossos amores.

As flores se creim,
os Pastores cantaõ,
as aves encantaõ,
o amor naõ veni,
a Aurora ja tem
seu pranto acabado,
e vosso cuidado,
quem tal ha de crer?
tendome a morrer
naõ tem começado.

Assim dezafogava a Peregrina suas an-

S. Pelag. cias ; quando te lhe fez aparecida hu-
ma mulher de rara fermosura , que por
naõ passar a termos gentilicos a naõ no-
meyo Deosa , Vertia ao modo pastoril
de hum finissimo pano azul (que com el-
la tudo era celeste) este bordavaõ precio-
sas

fas perolas , sendo ella entre todas a Ofaa , na cabeça trazia huma capella de flores encastoada no ouro dos cabellos , e tornando rotas na helleza das faces . Este raro logeito chegou à Peregrina , e disse : muito bem cantaes Peregrina , e a mim me parece melhor a musica , que o vestido . Este caminho naõ se segue com sedas , quando se sofre com espinhos . Eu sigo-o , respondeo a Peregrina , no trage com que me achey , e me parece mais decente , que enfeitado . Mas quem sois vòs , bella Pastora , que levara me reprehendeis ? Sou , tornou ella , quem vos adverte , que estes passos naõ só pedem modestia , mas mortificaçao ; brandas sedas naõ saõ para finezas galhardas , e o Pastor , a quem buscaes no seu vergel , he muy cioso ; assim , quer que no caminho , seja a vossa gala lâa grosseira para passos finos ; porque naõ lizongieis de outra sorte encontros profanos . Na estada vos tem cortes de sol para vestires , na via haveis de usar do sayal para chegar es ; e porque o meu exemplo vos facilite , ouvime . Eu antes de Pastora fuy correzã , e mulher taõ vã ; que no meu adorno apuraua todas as flores para as sedas ,

sedas, todas as luzes para o ouro ; todo o ar para as plumas , todo o mar para as perolas, todas as minas para as joyas. No melhor, ou peyor deste tempo tomey amores ; e entaõ comecey a viver ; porque comecey a amar , que o tempo , em que se naõ quer , naõ se vive , pasma-se. Era meu amante muy cioso, porque era amante ; e quanto aimava em minha natural belleza , se desgostava em seus artificiosos alinhos ; eu que ou lhe entendi, on lhe adivinhey o dissabor ; porque quem ama tem obrigaçao de adivinar; mandey acender na praça huma grande fogueira , e nella dey ao fogo , quanto havia dado ao vento , sem ficarme mais gala , que minha resoluçao , nem mais diamante , que minha fineza. O fumo desta pastilha lhe foy taõ agradavel, que o fez subir ate o terceiro Ceo ; e assim ficaraõ queimados seus ciumes com minhas vaidades. Despi o mimoso adorno; que quem me mandou a darvos este avizo , foy para trazervos este sayal , e entaõ ficareis mais fina , quando usares do pano grosseiro. Aceito a troca (respondeo a Peregrina) que as vossas palavras naõ so saõ preceitos, mas imperios; e me parece

parece vêm do mais alto; mas ja quem me
reclamou o vosso encontro, querer saber o
vosso nome, e de donde alcançastes ves-
tido tão rico, se he que a Aurora não
chorou sobre elle. Sabe querida (respon-
deu ella) que na minha terra (não lhe
quero chamar minha patria) me derao
a anthonomasia de Margarita ja por ser
perola na belleza, ja pelas muitas com-
que me adornava; todas lancey naquel-
la fogueira, e erao tantas, que não sey
como sendo agoa, não apagarao o fogo.
O meu Soberano, que gosta muito de
finezas, informado desta, e de que eu
trocara o nome de Margarita pelo de A-
mante, me deo em premio esta preciosa
bordadura, com cujas perolas todas as
outras forao faltas. E passando ao mais, *Toda a*
eu chamome Pelagia, meu berço foy *patria*
Babilonia, minha morada hoje o *Ver-* *dos vi-*
gel do Pastor, para donde volto. Paray *cios he*
linda Pastora (disse assustada a Peregrina-*Babilonia*) a darmo novas do meu Pastor. Isso
sao contos largos (tornou ella) hide-me
ouvindo, em quanto vou cantando, e
aqui não espereis outra noticia. Soltou
Pelagia a suave voz, remora, que sus-
pendeo a Peregrina para não seguilla,
quando

120 *Enganos do Bosque*,
quando determinava buscalla, dandolle
as noticias, que pedia, nestas suaves clau-
sulas, que a deixaraõ mais nellas, do
que em si.

Oyd, escuchad Pastores;
que quiero cantar aora,
la hermosura de un zagal,
con quien todò el sol ès sombra.

Vengan pues las libertades
aquellas, que mas blazonan
que es dicha perderse, donde
el rendimiento es victoria.

Como es Rey, aunque pastor
la naturaleza toda
del oro de sus cabellos
ha labrado su corona.

Siendo la candida frente
con quien si afrentan las otras
toda la mente de un Dios
es de asucena una hoja.

Las cejas, arcos brillantes
quando vezinos se notan
a aquellas luces de quien
son las almas mariposas.

Para comparar ins ojos
es toda la idea corta
donde no siryen los astros
todo lo de mas que importa?

Una

Una cifra son de Mayo
sus dos mexillas hermosas,
adonde templa el Jasmin
los incendios de la rosa.

No ay palabra , que se atreva
a las gracias de su boca ,
mas si es palabra por Verbo ,
dizirlas puede esta sola.

Tan candido es su pellico
que parece sin lizonja
un vellocino de estrellas
que en las esferas se corta.

Su cayado es de laurel ,
y no fue materia impropria
que donde el cayado es setro
bien los triunfos se acòmodan.

Corred zagalas ,
venid Pastoras ,
que el olor de sus unguentos
està convidando a todas.

Tornando a Peregrina da extatica
suspensoñ , em que a poz a angelica voz
de Pelagia , se achou tem ella , e junto a
si hum vestido de grosseiro , e áspero pa-
no , e como alli tudo lhe pareciaõ mys-
terios soberanos ; e estava seu coraçao
inflamado nas noticias , que a musica
lhe

Ihe deu do Pastor , pégou logo deste ,
 despindo o de seda , galla de suas primaveras , o deixou em hum tronco seco ,
 que nem assim reverdeceo. Alli ficou por trofeo de sua obediencia , e primicias de sua mortificação ; despedindo-se delle com estas palavras.

A Deos sedas , q em vòs deixo meu dano
 Fio de enredos em mentidas cores
 Furto de flores, de innocencia engano
 Teya de bichos , e de dama amores,
 Fragil adorno do apreço humano
 Esquecimento de outros superiores
 Ficay neste dezerto sem arrimo
 Porque hoje sois injuria , se hontem

(mimo.)

Assim seguia seu caminho , mas quando mais anciosa do fim deste , se presumia muy distante do raro Vergel , que buscava ; porque ainda os ares naõ respiravaõ suavidades : as Aves , naõ cantavaõ melodias ; as luzes eraõ opacas; as agoas turbas ; sem que houvesse final , que fosse precursor de tal achado. Nestes pensamentos , a quem a fè fazia confiados , e o desejo impacientes ; sentio , que lhe davaõ hum golpe em os pés ; olhou , e viu

vio a hum Pastor de respetiva prezénça;
cor morena; olhos espertos; labios ru-
bicundos, engraçado parecer, e em tu-
do amavel. Vestia de pardo, mas lá no *S. Fran-*
cisco.
interior do vestido se lhe divizavaõ hu-
mas luzes de ouro, que lhe davaõ mais
estimaçao. A Peregrina, que notou o co-
mo elle fora o que lhe dera com o caja-
do em os pés, lhe disse com senho, que
ainda estava muy viva nos sentimentos.
Vós Pastor naõ deveis conhecerme; pois
que assim me trataes. Muito bem vos co-
nheço (respondeo elle) que sahiste do
vosso Paiz flor innocent nascidá do lo-
do da terra a seguir huma peregrinaçao;
a que estaveis destinada, e entre douz ca-
minhos escolhestes, o que vos naõ con-
vinha, no do Bosque deixando o do Ver-
gel: e agora, que o tornaes a seguir li-
vre ja dos enganos do Caçador, quando
hides a buscar no Pastor do Vergel, o
vosso querido, andaes passos amantes
com pés mimosos, e via sagrada com
planta vestida, quando cada passo devia
ser hum respeito, e toda a carreira hu-
ma adoraçao: por isto vos dey com o
cajado nos pés, a ver se eraõ de alcorça
para quebrallos. Naõ saõ de alcorça (res-
pondeo

pondeo ella) pois se conservaõ inteiros
por esta penedia , e a mim me parecia ,
honrado Pastor (a quem perdo-o o gol-
pe pelo zelo) pareciame ser mayor es-
timaçao deste caminho pizallo com o
calçado guarnecido de pedras preciosas.
Como estaes humilde , e como estaes so-
berba ? (Tornou o Pastor) soberba; por-
que quereis pizar diamantes : humilde;
porque lhe daes mais valor , que aos vo-
sos pès. Estes saõ flores com alma, aquel-
las pedras sem vida. Naõ ha duvida (res-
pondeo ella) que fallaes em meu favor,
porém temo hindo descalça , que sejaõ
meus passos mais vagarosos , e naõ che-
gar com as pressas, que me daõ meus de-
zejos ao pertendido fim. Enganais-vos
(disse o Pastor) que quanjo mais núa ,
mais ligeira ; porque esta jornada naõ
se mede pela vulgaridade das outras. E
se nos espinhos (tornou ella) cravar os
pès despidos de todo o reparo , como
poderey adiantallos com as feridas ? En-
taõ melhor (tornou elle) porque quan-
tas mais rozas deres aos espinhos , mais
vencereis da jornada. Eu segui a via do
amor, naõ só com pès descalços, mas cha-
gados : porém vòs que pertendeis huma-
seta,

seta, temeis hum espinho? O^c poderes de amor, adonde estaõ as voslas valentias? Eu senhor (respondeo ella) ja despi as sedas, e as deixey em hum tronco por espantalho das aves; vestindome desse pano taõ aspero, e grosseiro, que ficou sendo bruta concha de perola fina. Grande façanha fizestes disse torrindo-se o Pastor, e bem mereceis por ella o titulo, que vos daes! Deixastes a baba dos bichos, pela lâa das ouelhas, e agora recusaes despir a pelle dos animaes? Decantadas teraõ neste termo as voslas finezas, mas naõ seraõ pelo roxinol amante, sim pela sigarra louca. Ora porque saibais, o que he extremo, vos contarey de meus amores. Eu fui hum homem, que amey, e amo com tantas veras, que me deraõ a anthonomazia de Serafim, pellejey batalhas pela fermosura, a quem servia, rompi dificuldades, a travessley climas, surquey mares, venci perigos, e finalmente pasley a fazer loucuras tantas, que nos principios me tiveraõ por doudo; mas qual he o amante, que seja fezudo? Muito bella (disse a Peregrina) deve ser a causa de taes excessos! Taõ bella he (respondeo elle) que se

se todas as flores do Campo, as perolas do mar, as estrellas do firmamento se juntassem a compor huma só perfeição, ficaria fea à vista de tal fermosura, ella me chamou hum dia, e disse: Filleno de Assiz, que este he o meu nome, e o da minha patria, muitos serviços me fazeis, mas saõ sem o respeito que se me deve: passadas, que se daõ por mim, naõ haõ de ser compés calçados, que a fineza ha de ir de todo o commodo nua: largay o reparo das plantas, e entaõ andareis mais ligeiro nas diligencias, que naõ busca, quem busca, se naõ quem deixa. Eu que tal ouvi, corri logo a descalçarme; e como todos os da minha jurisdicão a servem por meu mandado, obriguey a todos, a que fizessem o mesmo, sendo mais, que as estrellas do Ceo; e as boninas do campo; taõ dilatada he a minha campina! taõ numerosos os meus subditos! e nem hum passo mais se deo por esta divindade, que naõ fossem bem tratados da fineza, e bem feridos do rigor. Os vossos exemplos (lhe disse ella) tem vencido as minhas repugnâncias; porém quizera, que descalça me ensinasseis a via mais breve deste caminho para

para que chegasse logo ao Vergel dô Pastor. A via mais breve para o descubrir (respondeo elle) he a de seguires sempre as maiores alperezas, e obedeceres a tudo , que nella vos mandarem. Eu ensinay a muitos o caminho , e a este fio de ouro mandey pegar a todos. Agora ficay-vos atè que no Vergel nos encontremos. Disse : e emboscado por aquellas brenhas, se naõ deixou mais ver. A Peregrina na pena de perdello tomou o acordo de obedecerlhe ; descalçouse , naõ sem repugnancia da natureza , que a esta sempre faz tiros o amor proprio ; e por divertir este cuidado, que ja lhe parecia treidor , foy cantando à despedida daquelle repudiado abrigo estas letras.

A via
mais bre
ve para
chegar
ao Ceo he
a penitê-
cia.

A Deos folhas mimosas
de Jasmins breves,
que me mandaõ descalça
por esta neve.

A Deos conchas de nácar
porque ja querem
que as perolas despidas
nas pedras quebre

A Deos que vou por flores
a este agreste

que

que os espinhos daõ rosas
logo que ferem

E me mandaõ descalça
por esta neve.

A Deos decente abrigo
porque me advertem
que só em pes de alcorça
ficaes decente.

A Deos simples reparo
de planta debil
porque o christal sem manchas
aqui naõ serve.

E me mandaõ descalça
por esta neve.

A Deos que hum Mayo faço
deste sylvestre
porque a passos amantes
flores succedem.

A Deos que ja naõ quero
pizar alegre,
porque quem segue amores
deixa prazeres.

E me mandaõ descalça
por este neve.

Callou a Musica, fugio a luz, mor-
reo o dia, e acabou-se o Capitulo, &c.

C A P I T U L O II.

*Adonde seguindo a Peregrina seu caminho,
a mandaõ mortificar o gosto, e vencer
as difficuldades.*

A Qui neste bruto ermo
nocturno pàramo, adonde

naõ ha Apolo de dia ,
nem ha Diana de noite:

Aqui adonde se vem

mais picantes que no monte
só os espinhos de Marte,
e naõ as rozas de Adonis.

Trago maçans ,
e trago flores ,
humas discordias ,
outras amores.

Aqui neste sitio agreste

aspero torraõ indocil ,
donde só ha pomo azedo
sem achar-se fruta doce.

Aqui adonde a bonipa

sem a luz do Sol se esconde ,
e indo ser flor que nasce
fica a ser botaõ que morre :

Trago maçans ,

e trago flores,
humas discordias
outras amores.

Aqui donde a Ave calla,
porque naõ tem para o toque
nem o favonio nas ramas,
nem a citara nas fontes:

Aqui de donde por tosco
Pomona com Flora correm,
huma a matizar os prados,
outra a enfeitar os bosques;

Trago maçans,
e trago flores,
humas discordias,
outras amores.

Aqui donde só se encontra
quando pelos ares move
naõ ja a Ninfa que dece,
mas o suspiro que sobe:

Aqui donde se naõ vê
nem ao perto, nem ao longe
ao racional que pára,
mas ao satiro que foge:

Trago maçans,
e trago flores,
humas discordias,
outras amores.

Romzia esta voz pelos ares , ao tempo, que a Aurora cortava pelas sombras, toucando as flores de perolas , e vestindo os campos de prata ; chorava a grosseria do Sol , que ainda dormia , sem atender ao que ella velava ; morria a sombra , vivia a flor , cantava a Ave, rugia o bruto , e sahia a Peregrina do abrigo de huma cova , adonde passara a noute; buscava com os olhos o objecto da doce melodia , e encontrou com estes huma Pastora , em quem segunda Aurora lhe amanheceo , e mais rozada, *s. Dore-*
porque vestia de grāa , toucava de jaſ- tea.
mins , e folhas de palma , de que fez engracados laços , ao pescoso lançados huns coraes , que pareciaõ cravos sobre asucenas : trazia na mão hum cestico de bellas maçans , e rozas , humas representando o coral , outras o ouro , e assim com airoso passo se avistou com a Peregrina ; a qual lhe disse que linda musica , que lindas maçans ; que linda Pastora , e ainda tereis mais linda , se me deres dellas , que as tomarey como Amores , e naõ como discordias ! Naõ datey por certo , respondeo , que nesta via , naõ se gostaõ regalos ; sempre ou-

vi, tornou a Peregrina; que as frutas as
creara Deos para que as comeſſemos :
tambem ouvitieis respondeo a Pastora,
que tambem as creara , para que filhas
ſacrificassemos , pagando-lhe a grande-
za , com a galantaria , e vòs ja fois
grande para goloza. Eu tornou ella, ha
muitos dias que ando por este ermo ,
sem mais ſuſtentoo , que frutas tylvestres,
humas amargas , outras azedas , alguns
o passaraõ peyor , respondeo a Pastora,
que levaraõ esta via ſó com raizes , af-
ſim foy , diſſe a Peregrina , mas tam-
bem o mais he rigor , e no de muitos
dias , se podia dispensar huma hora
nellas maçans , naõ argumenteis co-
migo D. Eva , diſſe a Pastora , que eu
naõ sou a cobra do Paraíſo , naõ cuidey
Pastora , tornou a Peregrina , que goſ-
tando estas maçans , tornava a perder
o mundo. Naõ perdeis o mundo , lhe
respondeo , mas perdeis a vossa morti-
ficação , que para vós importa mais que
o mundo todo. Eu vo las puz á vista,
para que mēfécisseis largando-as , e naõ
para quē vos deſtraifisseis comendo-as ,
que o Pastor do Vergel , que buscaes ,
guarda nelle as suas doçuras para os que
entraõ

entraõ famintos , e naõ regalados , e no seu Paraíso vos tem frutos suavissimos ; e maçans de tal sabor , que eu lhe chamo feiticeiras , naõ por malefício , se naõ por beneficio , e porque melhor me entendaes , vos contarey .

Na minha Ribeira havia hum Soldado , chamado , Teofilo , este naõ conhecia o amor , e fogia do bem querer , vestindo ao seu coraçao , do aço das suas armas . Puz eu os olhos nelle , e o amey , dezejando que o melhor Cupido lhe desse hum tiro , com que caisse o forte da sua izençao . Eu queria , e elle zombava , como là se diz , e hum dia que me encontrou vizinha a hum Bosque , tempo em que naquelle paiz as frutas naõ só eraõ difficultosas , mas impossiveis , Janeiro em fim , me disse , só por fazerme assinte ; Dorothea dame dalli humas Rozas , e humas maçans , que como tem esta fruta dois corações , quero hum para mastigallo , outro para defendello . Bem alcançey eu a sua malicia , sendo o meu , e o seu coraçao , os em que fallava , mas dissimulando respondi , eu te prometo , trazer logo as maçans que pedes , por darte gosto : ficou

ficou elle rindo , e eu parti voando , e
lembra da de que no Vergel do Pastor,
avia huma Primavera constante para as
flores , e hum Outono perpetuo para os
frutos , recorri a elle , na confiança de
terme feito muitos favores , rogando-
lhe me quizesse dar humas rozas , e ma-
çans do seu Vergel. Logo me despa-
chou a petição , que quem ama , não
nega , offerecendo-me tres rozas , como
tres Sóes , e tres maçans , como tres
Paraïsos. Mandey-as a Teofilo , a tempo ,
que estava com outros zombando da mi-
nha promessa ; assim que a vi o compri-
da , me deu por resposta a admiração ,
que esti embarga as palavras , cheiron
nas flores fragancias Divinas , gostou
nas frutas doçuras celestiaes , as quaes o
deixaraõ taõ trocado ; que aqui se rio
hum Cupido Divino de hum Marte hu-
mano , e tendo as maçans feitiços de
amor , logo morre o por mim : logo me
buscou ; logo me seguiu ; e finalmente ,
veyo a viver comigo , em o Vergel , a
dondē estamos , e daqui inferireis qual
seja o cheiro destas rozas , e o sabor des-
tas maçans , que vos esperaõ , pelas que
cā deixares .

Muito

Muito gostey Pastora, disse a Peregrina, de ouvir taõ galante successo, e farey por naõ desmerecer taes regalos, que os de cà ja vejo, que lendo-me aqui taõ faceis, vòs os fazeis impossiveis. Só a hum Pastor, tornou ella, que houve em certa ribeira, chamado Enrique Suzo, vi tal ansia de maçãas, mas elle quiz sacrificalas, e vòs quereis comelas. Tambem elle as comeo, disse a Peregrina, que lhe mandaraõ humas, em premio de que deixou outras. Elle, respondeo a Pastora, comeo as dispensado, que era hum varão de finezas, e vòs sois huma mulher de miserias; mas por contemporizar com estas vos largo huma maçãa, e naõ me peçaes outra, que eu vim aqui a favorecer o vosso merecimento, e naõ a vossa gólodisse. Disse, e deo costas deixandole a maçãa, sem que a diligencia da Peregrina pudesse detela, porque se fez desapparecida, e querendo aliviar a saudade da sua presença com a sua fruta, ao levala à boca, haixou huma Agua rompendo os ates, e lha arrebatou no bico. Naõ tomou a Peregrina o mistério como acaso, antes calhou em si, considera de seu appetite, e conforme com sua morti-

mortificaçāo parecendo-lhe , que vontade superior lha segurava , quando hia a destruila. Continuou seu caminho pensativa , entendendo , que os gostos fóra do vergel , daõ mais tempo ao desejo , que á posse. Tornando desta consideração achou a via toda cercada de lodo , grande obstaculo para o seu aceyo , segundo motivo para sua fineza , mas como esta naõ vence sempre os primeiros impulsos , parando a deterse , ouvio lhe diziaõ , anday perguiçoza , que nesta via quem naõ adianta os passos , logo os desanda. Olhou , e vio huma Pastora , taõ branca , como a Alva ; taõ loura , como o Sol ; linda como as flores ; seu vestido , eraõ purissimos arminhos ; seu toucado , finissimo volante ; e sobre estes huma coroa de flores ; ao pescoço fio de christaes puros , que com elle se equivocavaõ ; e toda ella hum composto de perfeiçōens. Que fazeis Peregrina , lhe disse , que fazeis parada aqui , em via adonde se naõ descança ? Eu parey , respondeo ella , bella Pastora , embaraçada neste lodo , que principia aqui a naõ deixarme continuar os passos , porque vou descalçā , e ainda que com pés lastimados , quero

*Santa
Izabel.*

os limpos , pois mais sentirey as man-
chas , que as feridas. Muito asseada es-
taes Peregrina , lhe disse a Pastora , e re-
paros de melindres , naõ saõ para pas-
sos de fineza ; en quando em busca do
Pastor segui estes melinos ; me sahio ao
encontro huma velha, furia, e naõ Nin-
fa , que vinha do bosque do Caçador, e
esta por querer passar primeiro , junto a
este lodaçal , me deo tal empurraõ , que
me lançou nelle, e vòs , respondeo a ou-
tra , que fizestes , com tal injuria ? Que
fiz? tornou a Pastora , disse rindo.

Tanto a fineza accommodo
neste successo fatal ,
que nem por muito christal
eu troçaria este lodo.

No Vergel ha hum pastor , que sem-
pre dizia , que os viventes dos pobres ,
eraõ as perolas dos Bispos , e eu digo , què
as injurlas dos mào , saõ os diamantes
dos bons. Assim me portey nesta , sem
melindres de mulher , e com valor de a-
mante , naõ embaracando meu cami-
nho , meu despike , que carreira de a-
mor naõ pàra ; e em chegando ao Ver-
gel,

gel, o Pastor me vestio destes purissimos
arminhos , em satisfaçao daquelles in-
mundos lodos. Vòs hides buscando hum
Pastor, que vos ha de parecer hum Deos,
e esta vista compra-se com a moeda dos
trabalhos : eu padeci tantos , para che-
gar a vello , que me chamaraõ o Job das
mulheres , antonomazia que naõ devi
ao rigor , mas ao sofrimento , e mais o
meu berço foy muito mimoso , e na
minha campina eraõ os frutos as Ro-
mans coroadas , e naõ os pomos vulga-
res. Linda Pastora , respondeo a Pere-
grina , mais clara que nos arminhos ,
que vestis, nos desenganos que me daes,
dizeyme , como he o vosso nome , que
quero ter de vòs todo o conhecimento,
que os vossos olhos cativaõ , e as vostras
palavras atrahem ; que este Rubi dà luz
partido , e admiraçao inteiro ? O meu
nome tornou ella , he Izabel de Ungria,
e o vosso serà Dama de Melindre , sem
lembrai vos , que sois mulher de barro,
e com os desenganos vos pago as lizon-
jas , e pois imitastes a esposta em naõ que-
ter manchar os pés , bom serà a imiteis
na emmenda , como na grosseria. Disse,
e embrenhada na confusaõ daquellas in-
trincadas

trincadas asperezas ; senão deixou mais ver , thesouro que sem tocar-se dezapareceo , e como as palavras , quando persuadem com o exemplo . tem mais força ; com as de Izabel , venceo a Peregrina a sua repugnancia ; seguindo sua via , calçada no lodo do caminho , e vestida no outo da fineza ; receava porrein o cahir mal seguros os pés no lodaçal , a cujo temor lhe respondeo do alto do monte hum Pastor , cantando assim.

Fermosa Peregrina

deste opaço paiz,
ermo com quem não parte
o Sol nem hum Rubi.

Deste monte te esperei
que te alcancey aqui
adonde o christal puro
calças no barro vil.

Os faunos te lamentem
quando notem assim
nos charcos do Janeiro
as flores do Abril.

Masinda assim
se cahires no lodo calies em tí.
Todos se admiraraõ

em tanto desmintir
vendo que pôde a alma
substituir o gris.

Busco a ver teu aceyo ,

E por mais que inquiri
olho que ja he mancha
o que antes foy jasmini.

Mas inda assim

se cahires no lodo cahes em tí.

He para reparar

ver que resolve em si
deitar liga na prata
quem naõ sabe mentir.

A pura Ninfa chore
que se magoa em fim
vendo à neve dos Alpes
ser a lama matiz.

Mas inda assim

se cahires no lodo cahes em tí.

Alva , e Aurora ambas

que te espreitaõ aqui
huma sentindo chora ,
outra zombando rí.

Tuas plantas dirão

aprendey flor de mim ,

Que hontem fuy Aslucena
e hoje sombra me ví.

Mas inda assim

se cahires no lodo cahes em tí.

Callou o Pastor, melhorou o caminho, continuou a Peregrina, e meditando nas presas da cantiga, se reclinou ao pé de hum tronco agreste, filho daquelle páramo, e alli a cobrio a noute com o seu manto, sem que Latona o bordasse de Estrelas, nem Diana o guarnecesse de prata.

C A P I T U L O III.

Em que a alma figurada na Peregrina sofre as injurias, e entra no lago das tribulações.

DEIXOU a Peregrina o duro tronco, não a branda pena, em que tinha feito arrimo para seu breve sono, se he que quem ama, dorme, e à escassa luz com que o paramo se despedia da sombra, continuou seu caminho acompanhada da esperança, que he temores, da saudade, que he magoas, do amor, que he disvelos. Mas neste labirinto de cuidados lhe dava sua fé o fio de ouro, a que se prendia segura: a poucos passos ouvio

*assim tra-
ta o mun-
do a vir-
tude.*

Ahi vay a louca

todos a ella :

digamos-lhe injurias,

tiremos-lhe pedras.

Olhou assustada , e vio que do caminho contrario sahiaõ muitos dos que conhecera no bosque , que com apudas, rizadas, e gritos a vinhaõ seguindo. Diziaõ huns , olhay , como vay ayrosa com o novo vestido ; outros , como vay asseada , cheya de lama ; outros , diz que vay em busca de hum Deos , porque he hipocrita ; outros , foge de nós , porque he liviana , e todos.

Ahi vay a louca ,

todos a ella :

digamos-lhe injurias,

tiremos-lhe pedras.

E pegando destas ameaçadas com o tiro , que naõ chegou à execuçao , ou detido de soberano impulso , ou confundido no seu sofrimento que he a melhor arma , com que se vencem os trabalhos

balhos , retiraraõ-se em fim deixando-a
timida , assustada , mas vencedora pois
naõ tornou por si , que he a mayor vi-
toria , continuou seu caminho cantan-
do o que chorava nesta lamentaçao.

Pédra levantada ,
vida ameaçada ,
injurias ouvidas ,
penas repetidas ,
o amor auzenite ,
a magoa prezente ,
quem tal sofre ? Quem ?
quem quer bem. *Reposta.*

Respondeo-lhe huma voz branda ,
que sahio de entre hum espinheiro esqui-
vo , e ella no extasi de suas magoas con-
tinuou sem fazer reparo.

Luzes apagadas ,
caindo as giadas ,
os ares arinados ,
cabelos voados ,
lagrimas nos olhos ,
os pés em abrolhos ,
quem tal sofre ? Quem ?
quein quer bem. *Reposta.*
O ca-

O caminho estreito,
suffocado o peito,
triste o coraçāo,
os espinhos à maõ,
a flor a morrer,
o Sol a naõ ver,
quem tal sofre? Quem?
quem quer bem.

Reposta.

Suspiros cançados,
eccos desprezados,
lagrimas vertidas,
glorias escondidas,
auzencia a ferir,
amante a naõ vir,
quem tal sofre? Quem?
quem quer bem.

Reposta.

Estrella embuçada,
sorte naõ achada,
caminho penoso,
passo rigoroso,
vergel escondido,
fonte sem ruido,
quem tal sofre? Quem?
quem quer bem.

Reposta.

Aqui chegava a Peregrina com a sua lamentaçāo, quando lhe sahio das coltas do espinheiro o oraculo das suas respostas,

postas, em hum moço de especioso semblante, ayrosissima pessoa, cuberto com huma capa encarnada, e na maõ huma bengala de soldado, e chegando a ella lhe disse: illustre Peregrina, que illustre he toda a que segue esta via pois nella perpetua a nobreza da alma, que naõ tem fim. Naõ esperdices tesouros, que mais que nas perolas que derramas, perdes no sofrimento, que arriscas. Naõ ha amar, sem padecer: o primeiro toque que dà o amor, he huma feta que atira, e huma ferida que deixa, e á causa haõ de corresponder os effeitos. O amor foy favor, o sofrer he obrigaçao; amor sem pena; he amor de meninos, que amaõ o seu mimo: amor de tribulaçõens he amor de grandes, que amaõ os seus trabalhos, e naõ os seus interesses, e este he o que te chama amor. Eu senhor disse a Peregrina, ja pelo que amo, deixey a patria, as galas, o calçado, os regalos, e todos os commodos que mais lograva. Iſſo Peregrina, respondeo elle, foy deixar o que tinheis de vosso, mas naõ foy deixar o que tendes de vòs, que saõ esses desafogos nas lagrimas, esse alivio nos suspiros, essa satisfaçao nos queixumes. Na patria largastes

largastes hum pedaço de terra , nas sedas huma tarefa de bichos , no calçado hum embaraço dos pés , nas joyas huma maõ cheya de pedras , nos regalos hum engano de innocentes , e isto foy largar nada que he o que tinheis de vosso; agora haveis de deixar o que tendes de vós , que he o que arrancaes do coraçao , e naõ o que largaes da pessoa. Vós senhor , disse ella , naõ me deixaes nem os sentimentos , e o Deos a quem busco quer aos que o seguem amantes , mas naõ insensiveis: na dor sim , tornou elle , mas insensiveis no desafogo , que assim se ganha o merecimento sem se arriscar a fineza ; as leys do amor saõ mui apertadas , e os seus nós mais fortes , que o gordio das da natureza , tornou elle , saõ mui largas , e por isso eu lamentey quando ví contra mim opprobrios gritados , e pedras levantadas: vós , respondeo elle , estaes ainda nesta via taõ tenra como flor , e eu ja vos queria taõ forte , como pedra ; e porque naõ presumais , vos arguo só com as palavras , vos quero convencer com o exemplo proprio que faz mais força. Eu sou Soldado de hum grande Rey , e pelo servir melhor deixey quan-

quanto possuhia, que quem ama naõ reserva. Tinha este senhor inimigos, os quaes se conjuraraõ contra elle, sem repararem em que era o seu Soberano; puzme em sua defensa, e fuy o primeiro que nesta derramey o sangue: prenderaõ-me os traydores, e com rogos brandos, e ameaços duros me fizeraõ ser do seu partido, ao que resisti leal, e por ultimo me intimaraõ que, ou havia de negar ao Rey, ou me havia de tirar a vida: naõ duvidey na escolha, que a ley he taõ preciaõ como a alma. Desenganados de que nem o que vivia daria pelo que amava, me atiraraõ pedras, naõ em ameaça como a vòs, mas em execuçao como a mim; bem apedrejado, e mal ferido levantey as pedras padraõ da minha constancia, e assim banhadas em sangue as fuy offerecer ao templo da lealdade; e ao deixallas, vi se tinhaõ convertido em preciosos rubins, dos quaes guarneci o vestido, que vedes. Este foy o gosto de meu Rey, que destruindo a seus contrarios, me deo o galardaõ de minha fidelidade, que logro em crecido premio. E desembuçando a capa deixou ver o vestido, em cu-

*Maria
de Rozas*

ja guarniçāo luziaõ os rubins taõ bri-
lhantes que substituirão duplicados sois
àquelle paramo por hum que lhe fugia.
A Peregrina se admirava, e elle lhe di-
zia, aquy vereis senhora como os tra-
balhos hoje saõ pedras duras, e a ma-
nhãa pêdras preciosas, e aos tiros que
dá o odio, os converte em rubins o
amor. Fazey paciencia se quereis fazer
premio, meditando em estas palavras,
q'a huma Pastora que hóje vive em o Ver-
gel se disserraõ, quem ama padece, quem
padece fofre, quem sofre espeça, quem
espera alcança: e seguindo estas verda-
des vio na presença do Pastor que vós
naõ erraréis se a imitares. Nobre Solda-
do, respondeo a Peregrina, as vossas
razoehs tem confortado meu desmaya-
do alento na exortaçāo, e vossos rubins
alegrado meus olhos, nos resplando-
res saõ pedras de virtude, cuja luz des-
terrou sua tibiaezas. Confesso meu erro
nos prantos de hoje, e prometo diffe-
rença na constancia de amanhãa. Per-
doay o que vos desgostaraõ meus quei-
xumes, que vós tendes valor de solda-
do, e eu estylo de mulher; e porque
quero saber o nome de quem me reno-

vou o espirito , pregunto como vos chamaes ? Estevaõ , respondeo elle , he o meu nome , e me aparto da vossa companhia levando-vos na minha saudade , e ainda que visto o peito de aço , não tenho o coraçao de ferro . Aquy vlm só a confortarvos , e me torno ao Vergel , adonde assisto , a pedir ao Pastor favores para vós , e a Deos atè que nelle nos vejamos . Assim se despedio tem que a Peregrina passasse a detello , que seu respeito desviou sua persuasaõ , e a nenhum dos que encontrou nesta via pode seguir por mais que o dezejava , sendo o caminho o mesmo , porque logo se faziaõ dezapparecidos , meditando nestas razoens que ouvira a Estevaõ , pedras tão preciosas como os seus rubins continuou sua carreira , e por alivialla , foy cantando , ja não queixas grosseiras , mas finezas amorosas .

Querido Pastor mio ,
que en esta soledad
te doy un Sur de perlas ,
de lagrimas un mar :
adonde estás ,
que te procuro , y no te puedo hallar .
Con

Con gemidos te busco,

y en tanta sequedad

si te llama el supiro ,

solo responde el ay;

adonde estás ,

que te procuro , y no te puedo hallar?

Las peñas enternelco ,

y tu por mas afan

quedas a resistir ,

y la peña a quebrar .

adonde estás ,

que te procuro , y no te puedo hallar?

A mis ojos te escondes ,

si me quieres matar ,

matame con tu amor ,

y no con tu残酷

adonde estás ,

que te procuro , y no te puedo hallar?

En esta amarga ausencia ,

que a mi pecho es puñal ,

ni puedo sentir menos ,

ni puedo sentir mas :

adonde estás ,

que te procuro , y no te puedo hallar?

Porque di te pergunto ,

respondeme ya:

muero de tu desvio

se vivo en tu beldad.

adon-

adonde estás ,
que te procuro, y no te puedo hallar?
De un coraçon que llevas
te pido la mitad ,
una quede a sentir ,
otra se parta a amar.
adonde estás ,
que te procuro, y no te puedo hallar?

Assim alegre seguia sua derrota , apressando o passo por chegar ao porto de sua felicidade , e quando mais anciosa de descubrillo achou hum grande obstaculo fazendo-a parar huim lago que se atravessava em o caminho de agoas escurias , e inquietas. Muito afflita se vio a Peregrina sem ter a quem recorter em seu favor , nem para o concelho , nem para o remedio: quando se lhe offereceo á vista hum Pastor de veneraveis cãas, alegre rostro , respectiva prezenga : este lhe disse, que he Peregrina o que aquivos tem suspenso , e parada ? Admirome , respondeo ella , de preguntáres o que sabeis, tendo à vista este lago taõ inquieto, como profundo ! A quem hides buscando ? tornou elle : Busco , disse a Peregrina , ao Pastor do Vergel , que he o meu

152 . . . Enganos do Bosque;
ó meu amante , e quando me cuidava
ja mais vezinha à sua presença , acho es-
te embaraço para correr a ella. Pois dis-
se o Pastor para buscar hum amante ha
embaraços ? Se vòs tivereis fé, naõ hou-
vereis medo , que o amor he taõ forte co-
mo a morte : lançayvos nesse lago , e pro-
vay a passar à outra parte , que quem
quer , naõ olha o que teme , se naõ o que
ama. Sim , respondeo ella , mas as finezas
naõ haõ de passar a loucuras. Sim , sim
respondeo o Pastor , que o sizo do amor
he naõ ter sizo , e hum amante fezido
he hum Cupido pasmado : arrojayvos
ao lago , e medi as forças com os peri-
gos , atè que vosso fogo vença sua agoa.
Bom velho lhe disse ella , vòs queréis a-
fogarme ? Eu tinha-vos para o remedio ,
e acho-vos para a fatalidade ? Mayor se-
rá a vossa ; respondeo elle ; senão passaes
o lago , porque sem isso naõ podeis che-
gar ao Vergel. Eu sou o Porteiro desse
Paraizo , e trago ordem de seu Sôberano
para naõ vos abrir a porta , em quanto
naõ venceres êstas agoas , que a menos
fineza naõ quer vendervos a sua vista.
Senhor respondeo l ella , eu a comprarey
a todo o custo , porém dayme vòs os
meyos .

meyos, com que vença taõ formidável encontro , que mizera de mim naõ sey achallos : sim darey respondeo o Pastor, porque me naõ torneis a dizer quero afogárvos, eu antes de ser Pastor de ove- Os Santos aju-
lhas fuy pescador, e ainda ahí teñho hu-
ma barquinha , que vos darey para pas- daõ aos
fares o lago. E vòs comigo , respondeo afflictos,
ella ; que as agoas estaõ inquietas , o
vento bravo , e eu sem experiençia. Tu-
do se fará bem , disse o Pastor , e antes
que entreis , vos quero animar com o
exemplo , que persuade melhor que as
palavras. Eu fuy pescador no mar de
Galilea , e dahi passey a Pastor de Ove-
lhas , tendo taõ copiosos os meus reba-
nhos na terra como haviaõ sido os meus
peixes no mar , quando pescador ; eu , e
outros companheiros do mesmo officio
amâmos todos huma rara fermosura,naõ
lhe chamo flor , porque he mais bella ,
naõ lhe chamo perola , porque he mais
preciosa; naõ lhe chamo estrella , por-
que he mais fixa; naõ lhe chamo Sol ,
porque he mais clara. Chamalheey di-
vindade, que he só o nome que lhe com-
pete; a esta pois buscavamos em paz que
nem todo o amor ha de ser guerra , sem
que

que o demonio do ciume se atravesse ao sagrado deste querer. Fez a dita belleza de nós huma breve auzencia, se para quem ama ha auzencia breve, e huma tarde em que no mar andavamos pescando peixes, e chorando saudades, nos appareceo na ribeira: alvoraçados todos de nos amanhecer o Sol quando ja nos ameaçaya a noite, apressaraõ meus companheiros as suas barquinhas a ir buscal-la, eu que não quiz fiar dos vagares do lenho as ancias do fogo, me arrojey ao mar por chegar mais depressa, o ir de outra sorte devi-o à minha obrigaçaõ, o ir desta à minha fineza; assim que entrey no mar, tocou a fogo, tal era o que abrazava meu peito. Cheguey pois primeiro que os mais aos pés da dita fermosura, e disse hum dos Deoses marinheiros aos outros, ja com esta fineza os nossos coraes, e as nossas perolas não tem preço. Neptuno me celebrou a acção, as Ninfas me envejataõ a galanteria, as Sereas me cantaraõ a gala, e os pescadores esta cantiga, que encomendey á memoria.

Pedro por chegar primeiro
aos mares se arrojou,

que

que vagares na fineza

saõ dezares no amor

pescador

sen do elle proprio a rede

huma fineza pescou.

Naõ quiz esperar o barco,

que a quem de veras amou,

hum instante de esperar

he hum segre de rigor

pescador

das perolas da fineza

naõ dos peixes de sabor.

Arrojouse ao mar galhardo,

nadou valente, e veloz,

que mais fizera hum Cupido

do que fez hum pescador?

pescador

que como tocou as agoas,

o mar a fogo tocou.

Aos olhos da fermosura

feito hum Leandro chegou

para merecer a luz

naõ para apahar a flor.

pescador

sahindo do mar molhado

se foy enxugar ao Sol.

Muito me divertistes , disse a Peregrina , com taõ galante cantiga , e tambem me admirastes com taõ galharda fineza , e creyo que a essa juntarieis outras de tanto nome : sim ajuntey , respondeo elle , que só por soldar huma desconfiança, que esta divindade teve minha em materia de fè , cheguey a chorar lagrimas de sangue por satisfazella , e em hum motim que certa noite se levantou contra ella , me meti so , e desarmado por esquadras de Soldados , e assim comoç cortey a orelha a hum despedaçara a todos , se o preceito da mesma offendida mo naõ embaracaçara . Por ella pois deixey barco , e redes , e sem ter busio , me fiz pescador de perolas , que ella muito estimava , e destas lhe ofereci muitos milhares , com que acrescentou sens cabedaes . Pergunto me hum dia se a amava , naõ por ignorallo , mas por ouvillo ; eu todo affervorado lhe fiz logo ali tres protestos do que lhe queria , e ao depois os assiney com meu sangue , offerecendo-me por ella à morte que quem ama naõ reserva a vida . Tæs forão os meus extremos , que me fizerão arrojar ao mar , e vòs temeis hum lago

lago? Ahi tendes barco; e remo, passay a elle, e offerecey ao Pastor a meya fineza, ja que a naõ quizestes fazer inteira, que eu sou em vossa companhia. Olhou a Peregrina, e vio a barquinha, na qual entrou, mas quando voltou o rostro a esperar o velho, ja era desapparecido. Chamou, naõ lhe acordio, chamou ao seu Pastor, naõ lhe respondeo, cada hñ deu vozes ao Ceo, cerrou-se, e só nete dezamparo, que naõ ha mayor dezam- ajudar paro que o que se passa só; vio que se asi alteravaõ as aguas, se desenfreavaõ os ventos, se desatavaõ as chuvas, e aquele palmo de lenho, que buscou taboa para a vida, o considerava, ja tumba para a morte! Nas verdeneiras agoas se lhe representavaõ disformes peixes para tragalla, no ar fogosos rayos para consumilla, nas sombras lutos para suas exequias, nos eccos vozes para seus responsos, ja para o remo lhe faltavaõ as forças, que quebradas na brabeza do lago donde sahiaõ humas vozes que cantavaõ repetidas

Plegue a Dios que te anegues

Nave inimiga.

A que lá do alto ouvio outra suavissima,

*Enganos do Bosque ,
ma , que respondia
eso nò , que me llevas
dentro la vida.*

Conheceo a Peregrina nesta voz a de seu amado Pastor , e fortalecida no favor presente alentou seus remos , que ja hiaõ descahidos , rompeo as aguas , despresou os perigos , e a pouco tempo embainhou a tempestade a espada , tocaraõ os ventos a recolher , ataraõ-se as chuvas , desembuçou-se o sol , serenou-se o lago , aclararaõ-se as aguas , correo a barquinha ligeira , e parou naõ em praya de feixos brutos , mas em porto de flores especiosas.

C A P I T U L O IV.

Em que a Peregrina entra no Vergel do Pastor , dando fim à sua peregrinaçāo.

VEncedora a Peregrina dos perigos de sua navegaçāo com o reino da paciencia , que he o com que dos trabalhos se triunfa , saindo das aguas se reclinou em huma alcatifa de boninas , com que a hospedou a terra , mais rendida à febre de seu amor , que aos quebrantos

brantos de sua peregrinaçāo , é vendo
a terra florida , o Ceo sereno, as luzes
desembuçadas , os ares fragrantes , en-
tendeo estaria muito vezinha ao Vergel,
e neste pensamento levantou os voos a
seu desejo , que nos pertos do logro saõ
mais altivas que nos longes da esperança,
e com voz desmayada, e coraçāo arden-
te glozava esta mais de todas as letras
deliciosa composta pela alma mais a-
mante.

Cobridme de flores
que muero de amores :
porque de mi aliento el ayre
no lleve el olor sublime
cobridme
sea porque todo es uno
alientos de amor , y olores
de flores
de asucenas , y jasmines
aqui la mortaja espero :
que muero.
si me preguntas de que ?
respondo , en dulces rigores
de amores .

Aqui deceu do alto hum^abando de
fer-

fermosíssimas Aveſ; taõ vistosas nias co-
res , que pareciaõ ramalhetes do ar ;
mais que viventes na terra : todas tra-
ziaõ flores nos bicos , e as deixavaõ ca-
hir sobre a Peregrina ; a quem em seu
desmayo deraõ esta Musica com suaví-
ſimas vozes humanas respondendo-se hu-
mas a outras.

desmayos de amor
ſon de flores ? nò ,
que las flores ſon desmayos,
y este desmayo es valor.

desmayos de amor
ſon de perlas ? nò ,
porque las perlas ſon agua ,
y este desmayo es ardor.

desmayos de amor
ſon de alvas ? nò
porque las alvas ſon riza
y este desmayo es dolor.

desmayos de amor
ſon de ays ? nò
que los ſuspiros ſon ayre,
y este desmayo es priſion.

no ſon perlas , que es agua ,
no ſon alvas , que es riza ,
no ſon ays , que es ayre ,

no son rosas , que es flor
son amor

que ni es agua , ni es ayre , ni es riza ,
ni es flor.

desmayo de amor divino
del mismo amor se forjò ,
sin mescla que amor es uno ,
y con mescla fuera dos .

de amor la essencia es tan pura ,
que ensi propio no admitio
entre el amor , y el efecto
lo que va de affeto a amor :
no son de amor les desmayos ,
mas el amor mismo son ,
porque distincion no quiso
entre su essencia , y su ardor .
desmayos de amor disidme
como han de sofrirse oy
si en cada desmayo està
toda la fuerça de un Dios ?
no son perlas , que es agua ,
no son alvas , que es riza ,
no son ays , que es ayre ,
no son rosas , que es flor
son amor
que ni es Agua , ni es Ayre , ni es Riza ,
ni es flor .

Cessou à Musica, voaraão as Aves,
 e tornando a Peregrina de seu desmayo
 para todos fatal; para nenhum escusa-
 vel, se achou em hum delicioso Vergel,
 reverdeceo o celeste Paraíso, nova esfera
 de luzes, raro labyrinto de flores, lu-
 gar de que só era digna a admiraçao: alli
 toda a vista era graça, toda a flor ma-
 ravilha, toda a planta esmeralda, as
 fontes eraõ perolas líquidas, os ares
 flores sem cor, pela fragancia, as res-
 piraçoes alentos divinos, e nada pa-
 recia do ser humano, os cravos bro-
 tavaão incendios, as rozas não padecia-
 ão delmayos, os jacintos padeciaõ ciu-
 mes, as muitas não significavaõ dor,
 a belleza das flores correspondia a fer-
 mosura das arvores de pomos, de ne-
 nhuma parecia máy a terra, de todas simi-
 creador o Sol, e as maçãas, que no
 primeiro jardim foraão discordias, aqui
 eraõ amores: as aves vestiaõ de pena,
 e cantavaõ de gloria; estavaõ paradas
 porque não tinhaõ padonde levantar o
 voo, o cristal que a pedaçõs se via,
 brilhava ouro, o ouro nos pomos trans-
 parente como o cristal: as ruas deste
 paraíso calçavaõ pedras preciosas, as

portas adornavaõ pérolas finas , os mu-
ros alabastros superiores : no meyo se
via huma fonte de vida ; a cujas águas
corriaõ as almas sendo seu ruido mais
suave que de docé citara a brända voz; e
naõ continue minha ignorancia esta pin-
rura , porque já ouço que nella todo o
homem mente. Dizia a Peregrina mui-
tas vezs admirada , adonde estou eu,
que ja sou outra? Que endezada roupa
hè a que visto? que preciosissimas joyas
as de que me adorno? que novo ser o
que me vivifica? que esfera he esta adon-
de me vejo possuidora de glorias ? que
Paraíso he este adonde estou Hor? que
Ceo he este adonde vivo estrella? que
nova patria adonde ja naõ sou Peregrina?
Se he o Vergel do Pastor com sua vista
premiarey meus trabalhos , e segurarey
minha felicidade. Aqui lhe responderão
Musicos instrumentos que em mãos de
huma tropa de bellissimos Pastores , e
Pastoras entravaõ a darlhe as boas vi-
das ; todos com preciosos vestidos, uns
carmesins , outros brancos , dando o
ouro cores , e elles luz ao ouro , co-
roavaõ de flores as cabeças , as mãos com
palmas , e todos com vozes divinas,

164 *Enganos do Bosque;*
cantaraõ este alegre festejo.

Sea bien venida

bien venida sea

a tomar la esclava

Corona de Reina.

Nora buena a este Vergel

lleges Peregrina bella

que en este Vergel no ay

hora que nò sea buena.

Mira en sus flores hermosas

quales son las primaveras

adonde tiene una roza

todo el valor de una estrella.

Aqui serás coronada

de tan Augusto diadema,

que si otra pudo igualarla

ninguna puede excederla.

Será el oro cristalino

clara Alfonbra dè tus huellas

oro con quien el de osir

es carbon, y nò riqueza

En sus arboles tendras

frutos de tal excelencia,

que no ay planta en el Vergel

que arbol de vida no sea.

Sus riquezas, y tesoros

son de tan alta grandeza

que

que una Margarita sola
pudo formar una puerta.

Tan claras corren sus aguas,
tan transparentes ; tan tersas ,
que conceptos de cristal
fueran mancha a su pureza.

Son deste Vergel las Aves
Angelicas filomenas ,
sirenas que con su canto
golfos de luzes navegan.

Los amores de tu esposo
seran en castas finezas
la corona destas dichas ,
la palma destas grandezas.

Y hallaras al fin pastora
en toda tu corté excelsa ,
dias sin noche ,
gloria sin pena ,
año sin nieves ,
amor sin venda.

Callou a alegre melodia por dar lu-
gar a outra superior entrando hum bel-
lissimo Pastor o mais fermoso de todos
os filhos dos homens , quando menos ,
fermosura de Deos , quando mais : sua
endeosada vestidura só no Sol tem com-
paraçao , despedindo luzes como Deos ,
can-

cantando finezas, como homem, se encaminha com esta musica à Perégrina, que nelle conheceo ao seu amado cheya de admiraçao, e alegria, fazendo aqui a vista mudas operaçoens, depois da fe ter feito declaradas finezas, achou que em tudo o que esperara, naõ cabia a menor parte do que via, cantava assim o divino Orfeo.

Peregrina la dichosa,
en claro punto nacida
debaxo de las estrellas
que influen mayores dichas :
Tan hermosa como amada
siendo tu la beldad misma ,
pues solo un cabello tuyo
ha sido una herida mia :
Tu que entraste en el Vergel
donde su Rey te convida
con flores que son estrellas
frutos, que son Ambrosias.
Tu que del bruto dezerto
venciste tanta fatiga,
tierna flor al encontrarlas
dura peña al rezistirlas.
Tu que al Jupiter divino
mesclando la Essencia diva
hizi-

hiziste un Jacob amante
y siendo su Raquel querida
bienvenida feas
feas bienvenida.

Deificada a amante Peregrina nestas
glotias, absorta na vista do Pastor, disse
a seus pés prostrada.

Soberano Pastor, amante fino,
de Ceo, e terra, e mares dominante,
que no Ceo onde assistes uno, e Trino
fixa puzeste a estrella errante:
tu que sem respeitar o ser Divino
do ser humano te fizeste amante,
ardente amor me tens na clara Esfera
que ja hoje sou luz, se hontem flor

(era.
Levantou-a o Pastor a seus braços
respondendo:

Querida minha, que do hermo agreste,
te elevaste às boninas superiores,
e nesse bruto páramo Terreste
pizando espinhos seimeaste amores:
havendo ja trocado no celeste
por luzes firmes as caducas flores,
chég a meu peito donde fique unida
alma

Deste colloquio passaraõ a outros mais intimos, de quem só o amor pôde ser lingua, e alli deu o Pastor à sua amada a coroa de Rainha, cõm as honras de Esposa, e recebendo de todos aqueles assistentes soberanos festivos parabens, ficou a lograr glorias a quem os seculos naõ podem dar fim, nem a lingua humana explicação. Este foy o premiõ de seus trabalhos, o fim de seu caminho, o porto de sua navegaçã, o achado de seu amor, e quem seguir a mesma via para a virtude, descobria à o mesmo Vergel para a eternidade; e em quanto o naõ achamos, louvemos ao Senhor, que para elle nos convidá a todos, sem exceptuar ao peccador por errado, ao infiel por cego; ao incognito por barbaro, ao tibio por vagarofo, á todos quer, a todos chama, a todos busca.

Loente Pastor divino
 con los mas, que el Cielo encierta
 el Querùb que alcança tus luces
 Serafin que en tus rayos se queria.
 Loente, en el firmamento
 amio Cielos,

Cielos , Sol , Luna , y estrellas ,
cón los austros que influen las pazes ,
Con el Iris que aparta la guerra .
con todas sus producciones
te loe la verde tierra
desde el cedro más alto del monte
hasta en campo la flor más pequeña .

loente todas las aguas
mas que otras veces parleras
los arroyos con lengüas de plata
y las fuentes con gracias de perlas
dente loores los mares
contados por sus arenas :
las sirenas con voces canoras
hasta el pez , sin voz , y con lengua :
loores tambien te de
el fuego en su ardiente esfera
con las llamas que acuerdan tu amor
siendo cada memoria una hoguera .

loete señor el ayre
que alienta las flores bellas
con fabonio que son sus alientos ,
con las Aves que son sus sirenas :
el arbol te loe todo
por los bosques , y las selvas
con las flores que son esperanças,
con los frutos que son providencias.
loete todo viviente ,

y por

y por su creador te tenga
desde el hombre que adora tu ser,
hasta el bruto que ignora tu essencia.
Angeles, Serafines,
Cielo, Sol, Luna, estrellas,
austros, luces, y signos,
ayres, mares, y tierra,
arboles, plantas, flores,
hombres, brutos, y fieras,
fuentes, aguas, y fuego,
prados, montes, y peñas
de aquel que los criò,
loores sean.

REPREZENTACIÓN
DE
S. ALEXO,
INTITULADA
MAYOR FINEZA DE AMOR:
Personas que hablan en ella.

Celia Princeza.
Sabina Dama.
Lizes Criada.
El Amor,
Pedro Principe.

Estevan Principe.
Antonio Principe.
Alexo Cavallero.
Dragon Criado.
Sabio Cavallero.

Sale Celia, Sabio, y Damas.

Sab. **L**os Príncipes gran señora,
solo para entrar, aguardan
tu licencia.
Cel. Ya la tienen,
personas son soberanas,
llegad sillas.

Salen los Príncipes.

Ped. No llegueis :
que todos de vuestras plantas,
venimos a ser alfombras.

Eft.

Eft. Porqne pizeis sublimadas
tres Coronas.

Ant. Y aun es poco
si vuestr̄os pies las estampan.

Cel. Levantad, tomad assiento,
que ann que suprema me llaman;
a tales sujetos debo.
este honor, con que se esmaltan.

Todos. Señora!

Cel. No porfieis.

Sientanse.

Ped. Vuestro imperio todo manda:

Cel. Ilustres Príncipes, que
me veis oy en este alcasar,
flor celeste, en verde esfera:
adonde mi Deidad rara,
propiedades de Divina,
toma apariencias de humana:
saber intento el motivo,
que a mi Corte, y a mi casa
os trae; porque no es justo
que tenga vuestra esperanza,
si bien fundada, suspensa:
y viva, si mal fundada.

Ped. Ya nuestra voz:

Eft. Nuestro aliento:

Ant. Pues tu piedad nos dà alas:

Cel. Hable Pedro que os prezide.

Los 2. Confessamos su ventaja.

Sale Alexo, y Dragon à parte.

Al. Aqui retirado quieres
atender a lo que tratan
los Príncipes con la Reyna.

Drag. Y si a palos te lo estrañan ?
aun tendras mas que contar
del suceso.

Al. Escucha , y calla.

Ped. Princeza ilustre del orbe ;
pues tu Monarquia abarca ,
desde la torrida zona ,
hasta la region elada :
de tantas coronas Reyna :
y no digo bien de tantas ,
que de tus Augustas Sienes ,
es una corona el mapa.
Monarca de todo el orbe ;
porque el universo mandas ;
desde el Indo adonde nacé ,
hasta el Tajo , adonde acaba ;
y en todo este anfiteatro ,
sin tu permission sagrada
la dura fiera no gime :
el Ave dulce no canta ;
la fuente clara no corre :
el ayre veloz no pàra :
la flor hermosa , no vive :

el azul Aspid no mata :
la planta al Cielo no sube :
la piedra al centro no baxa :
como en esse mar inmenso
gigante , ò monstruo de plata
no navega el duro leño :
y el pez mudo no nada :
el rudo Titon no anima :
la Ninfa bella no encanta
sin tu voluntad ; porque estes
en tu celestial alcaçar ;
el movil, que en esta esfera
todo con querer lo mandas :
no solo de lo terrestre
dueño ; de la esfera alta
pues mandas en el safir ,
assi como en la esmeralda ;
siendo tu corte suprema :
siendo tu insigne morada
cabeça de siete Cielos ;
donde tus flores se estampan ;
Divina hermosura , digo :
y esto a lizónja no passa ;
porque aqui , tu proprio ser
viene a ser tu antonomazia :
en la alegoria Celia ,
y es poco nombre a tu fama :
que aunque Celia explica Cielo ,

tu dizes cosa más rara ;
y solo quando dixistes ,
en la egniima de una çarça ;
yo soy , quien soy ; solo entonces
quedaste bien explicada :
divina beldad , en cuya
luz , son para mayor ventaja ;
el Serafin , mariposa ;
el Querube , salamandra ;
en cuyos rayos hermosos ;
en cuyas ilustres llamas ;
vive , aun despues de la vida ,
el que dichoso se abraza :
donde quando te compite
belleza atrevida humana ;
queda , una sombra que huye :
una flor queda , que acaba :
una de milerias summa :
como en sus lamentos canta ,
aquel de pacienza exemplo ;
que para mayor hazaña ,
en el Oriente fue Rey ;
y en su dolor fue Mónarca .
siendo pues esta que digo :
ya adviertes como a tu casa
el rendimiento nos trae ,
y la adoracion nos llania .
Yo Pedro que del Imperio

de la Monarquia Magna
 de Roma , ciñó en mis sienes
 la Corona , ó la Tiara ;
 y de alli rindo a tu culto ,
 de alli consagro a tus plantas ,
 desde donde el Tibre riega ,
 hasta donde el Nilo baña .
 Estevan Principe ilustre ;
 a tu favor , de las armas
 fuerte caudillo ; de aquellos
 que tiñen en tu campaÑa ,
 las Vitorias de laureles ,
 con la sangre de escarlata :
 Antonio , Rey soberano
 que en su Imperio la Tebaida ,
 te ha dado tantos Vasallos :
 que duda esse verde mapa ,
 si son mas sobre su esfera ,
 (en contingencia tan rara)
 ó las flores que produze ;
 ó los hombres que te aclaman ;
 oyendo los tres que una
 mentida estrella , que vana
 a las sombras de su ser ,
 oculta en su luz opaca ,
 una efimera inconstante ;
 que sobre la verde estancia ;
 quando un Sol la mira roza ,

otro Sol la mira nada :
una centella , que breve ,
mal segura en su inconstancia ;
despues que en las llamas vive
en las cenizas acaba :
la hermosura humana al fin ;
que es centella que se apaga ;
que es roza que se marchita ;
resplandor que se desmaya ;
sabiendo que esta belleza ,
que la alegoria llama
Sabina ; aludiendo al dia :
atrevidamente ufana ,
oza a llamar a su culto ;
los que en tus dichozas aras ,
son racional sacrificio ;
llevando a si gentes tantas ,
que no perdona su brio ,
(en aquesta empreza ingrata)
ni al Joven, que flor piza :
ni al Varon que peina canas :
devirtiendo asi soberbia ,
de tus ilustres campañas
los esforçados guerreros :
y de tus insignes cathedras ,
los mas scientes Varones ;
porque su lizonja arrastra
al sabio ; por mas que sepâ :

178. *Engaños do Bosque* ;
al fuerte ; por mas que valga:
nosotros pues , como somos
de tu Imperio las tres bazas ;
que ya Atlantes lo sustentan ;
ya Colones lo dilatan ,
tan amantes de tu honor ,
que por el , y su importancia ;
daremos todos la vida ;
y es poco , aprecio del alma .
como de nuevo venimos
a tributar á tus plantas
nuestro valor , y poder ;
reynos , Vasallos , campañas ;
porque sepás que en Sabina ,
ni su lizonja nos llama ;
ni nos echizan sus ojos ;
ni su beldad nos encanta :
y solo de tus luzeros
maripozas voluntarias
buscamos la luz que dà
rayos al sol , a amor llamas .

Cel. Principes ; vuestra atencion ,
en mi mente soberana
halla el aprecio que devo
a su valor ; concervadla ,
sin vera Sabina el rostro :
porque es sirena que encanta ,
tanto al fuerte , que confia ;

como

cómo al floxo , que desmaya.

Al. Sobre fé le da advertencias.

Dr. Es que el gallo, quando canta ;
de uno de los tres amantes ,
cierto delito le parla.

Ant. Si vuestra belleza adoro ,
gran señora en tal ventaja ;
teniendo empeños divinos ,
no temo gracias humanas.

Eſt. No os rezeleis Celia hermoza ,
de Deidad caduca , y vana :
que ninguno de la estrella ,
a buscar la flor se arrastra.

Ped. Si en vuestras luces divinas
vivo , y otro fuego acaba ;
despues de renacer feniz ,
como he de ser salamandra ?

Cel. Bien hareis , que desta fé
es mas vuestra la importancia ,
que mia , yo estoy de buelta
a mi Corte soberana.
buelbo a deziros , mireis
como os portais ; que se os halla
comprehendidos mi deidad ;
no digo yo , ni en palabras ,
ni en pensamientos , ni en obras :
mas ni en una simples cauza ,
de que el afecto no sabe :

una respiracion vana,
 que se dezhaze en si misma ;
 un suspiro , que se vaga
 por el ayre , sin objecto ;
 porque para mi esto basta :
 contra aquel que de mis nupcias
 aspira ala soberana felicidad ; porque soy
 tan zeloza , tan estraña
 en tal punto : que a pensarlo
 luego en el ayre bolaran
 (como la flor del almendro)
 vuestras altas esperanças.

Dr. Fuego de Dios con la bella!

Al. Quien avra que oze a enojarla?

Ped. Con que de mi fé señora
 aun temeis que sea vana?

Cel. Es fé de hombre , y algun dia
 me faltó.

Ped. Que dezis?

Cel. Nada ,

mirad por vuestro valor:

Ped. Pues dudais de tu constancia ,
 hade salir mi fineza ,
 contra tu desconfiança ,
 hede convertirme en piedra.

Cel. Vos en piedra :

Ped. En piedra rara ,

me

me hede bolver ; porque siendo
muda , sorda , dura , elada , la
piedra ; sepais señora , que
que estoy sordo a las palabras
de Sabina ; a sus respuestas
mudo ; duro a sus aljayas ;
sin calor a sus afectos ;
y alfin de piedra , a su gala ;
todo el tiempo que viviere ,
(en esta inferior estancia)
auzente de vuestros ojos :

Cel. Admito-os accion tan rara.

Drag. De piedra , y cal , la fineza
està ; no ay que rezelárla.

Al. Ni que embidiarla.

Dr. Porque ?

Al. Porque ay finezas mas altas.

Cel. Sè que la transformacion
en vuestra scienza , no van
serà , mas una gran duda ;
os propongo .

Pe. Declaradla .

Cel. Como me amareis a mi
siendo piedra ? quando blanda
materia busca el Amor ?

Ped. Piedra seré ;

Cel. Cosa estraña .

Ped. Para otras , en la dureza :

para vos , en la constancia.

Dr. Digo que el Pedro es un bobo ;
pues se convierte en estatua ,
podiendo en bota,

Al. Que vino

mas dulce , que el que amor gasta.

Sab. Pareceme que esta piedra
de tu edificio la baza
hade ser !

Cel. Assí lo entiendo.

Sab. Sus enigmas solo alcança
el amor ; y yo que soy
tu sciencia.

Cel. Bien decifrarlas
podras ; pues Sabio te nombras ;
aunque van tan remontadas.

Ped. Vereis señora esta vez
si huvo fuego , que en elagoa -
se guardò ; que ay tambien fuego ;
que en una piedra se guarda ;
sin ser la del pedernal.

Cel. La seguridad me agrada
yo la fineza os aceto.

Ped. Yo me parto a executarla. (Vase.

Cel. Vòs Estevan , que dezis ?
con que hareis rostro a la magna
accion de Pedro ?

Eft. Viviendo ,

(el tiempo que no me llama
vuestro favor a la corte), obviando
entre las sangrientas armas
del inimigo : y allí
encontraré en cada lanza
un peligro ; en cada choque
un riesgo , y una amenaza ,
teniendo expuesta la vida ,
a la merced de la saña ;
siendo mi veste la sangre ,
mi meza la hambre , mi cama
el yerro ; porque al llamarme
de Sabina la voz falsa ,
quite de mi oydo el ecco ,
el estruendo de las balas .

De polvorá el humo ciegue
mis ojos : si a su luz clara
llegare , de hazero , si es
que quiera pretender blanda ,
mi voluntad : y al fin que
a sus dulces consonancias ,
responda el guerrero parche ;
si como sirena canta .
con que a mi fé sacrifico
mi vida .

Cel. Y en lid de Palas ,
conservareis las ternezas
del amor ?

Eft. Con mas ventaja ,
teniendo de azero el cuerpo ,
al tener de cera el alma .

Cel. Esta bien , quedo por todo .

Eft. Pues a Dios ; que ya me llama
esta sangrienta pelea ;
esta inimiga campaňa ;
donde por huir de Venus ,
busque de Marte la saña .

Cel. Que dizes Sabio ?

Sab. Que Estevan
hade ser quien por las armas ;
las primicias de rubies ,
a tu imperio dé por parias :
y su generosa sangre ,
por tu imperio derramada
ha de ser dichoza al riego
con que crezcan tus siaras .

Cel. Que Soldado tan valiente .

Dr. Y tan loco ; que a prendadas
hade andar por esas calles .

Al. Son exeslos de quien ama

An. tambien de mi fe , señora ,
rezelos teneis ?

Cef. Se halla

la misma razon en vos ,
pues con ellos en los Mapas
Quedaes , adonde Sabina

con

con otras hermoxas Damas,
(vandoleras de las vidas)
son delas almas piratas.

An. Pues yo aun que a la vista estube
de finezas tan bizarras ;
tanbien resuelvo la mia:
y asi me parto mañana
a un retiro tan ignoto ;
que alli no de humana planta
aya vestigio ; si no
de dura fiéra que brama :
de cruel leon que ruge :
de ozo tirano que espanta :
porque entre brutos sylvestres ;
y entre fieras de zhumanas ;
de humana beldad no pueda
ver , ni el favor , ni la cara ,
dando este firme seguro
a vuestra desconfiança ;
todo el tiempo que estuviere ,
auzente de vos , (mi

Cel. No es cara , la prueba ; siendo por
con que a un yermo la Jornada
mañana hazeis ?

An. Si señora
a las peñas solitarias.

Cel. Son muy hermosas las flores ,
y me dan zelos sus gracias.

An. Pues yo señora os prometo,
en aquella verde estancia ;
quando encontrare las rozas ,
bolber el rostro alas ramas.

Cel. Cantan las aves muy dulces ,
y su armonia arrebata,

An. En todo quanto encontrare ,
(como la llevo en el alma)
tu imagen contemplaré ;
miraré tu semejança ,
que aunque nada te afigura ;
mis memorias te retratan .

Cel. Id con bien , y el Cielo os guarde .

An. Si os llevo en mi , ya me guarda . *Vase*

Dr. Raros están los amantes :

uno hermitaño ; otro estatua ;
otro bronze ; y tu , que eres ?

Al. Egnima de amor mas rara .

Cel. Que te parece de Antonio ?

Sab. Que en la dezierta montaña ,
adonde va solitario ,
levantara su eficacia ,
tantos cultos , tantos templos ,
a tu Deidad soberana ,
que sea el fruto muy dulce ,
de su soledad amarga .
siendo estos hombres cabeça ,
de tres hierarquias altas ,
que

que de la tierra conpitén,
alas quē en la region clara
en tu palacio de estrellás,
el Santo a voces te cantan,
y por hir a cortejarlos
me dispido de tus plantas, vase.

llega Alexo, y Dragon.

Cel. Quien sois vos? que aqui quedasteis?
o quien os ha dado entrada?

Al. Soy señora, un estrangeiro,
que en la comitiva hidalga
de los principes entré.

Cel. Y de que nacion?

Al. Mi patria es Roma.

Cel. El nombre?

Al. Es Alexo.

Cel. Vuestra persona gallarda,
dize que sois Cavallero.

Al. Si no lo fuera, no ozara
a entrar aqui; y aun con serlo
otro impulso me dio alas.

Cel. Atendistes las finézas,
que en acciones tan estrañas
los Principes por mi intentan?

Al. Fue forçoso el escucharlas,
estando aqui.

Cel. Pues dizid,
que os han parecido?

Al.

Al. Nada.

Cel. Nada dízis ? quando son
sus finezas remontadas ?

Al. Cobardias de quien teme ,
por excessos de quien ama

Dr. Diò la sentencia de baque ,
matando de una pedrada
tres finezas gigantinas.

Cel. Y tu , tambien de ellas hablas ?

Al. Este señora , es un loco.

Cel. Mas locura en vos se halla ;
pues desdeñais tres finezas ,
que hazen al amor Monarca .

Al. Repetidlas : que haze Pedro ?

Cel. Convertido en piedra elada ,
hay e a Sabina al incendio ,
guarda para mi las llamas ?

Al. Que haze Estevan ?

Cel. Por no oir
de Venus las voces blandas
entre los azeros duros
busca los riesgos de Palas ,

Al. Que haze Antonio ?

Cel. De un desierto
pizando sombras opacas
si va a vivir con las fieras ,
por no encontrar con las Damas .

Al. El que en piedra se convierte ,

nos

nos dà a pensar, cosa estraña,
que hazer no pudo, a ser hombre;
lo que puede, a ser estatua;
el que de Marte se vale;
nos dice en tan corta hazaña;
que para guardar su fé,
hà menester tantas armas,
el que a las demás bellezas
huye en un monte la cara;
mal seguro en su firmeza,
se teme de su inconstancia.
Y assí que las tres acciones
que aqui teneis sublimadas;
son excessos de amor niño:
no de fineza gigante.

Cel. El prevenir los peligros,
siempre es prudencia, en quien ama.

Al. La prudencia no es amor;
porque llega à ser templanza.

Cel. Quien huye por no dar celos;
mas en su firmeza pàra.

Al. Quien no se fia de si,
vuelve al riesgo las espaldas.

Cel. Que harieis vòs se me amaseis?
que teneis tan ultrajadas
estas acciones?

Al. Yo os amo,
que aunque Reyna soberana,
quando,

quando , yo , si.

Cel. No os turbeis :

que como a mi Deidad sacra
es deuda el amor ; quien cumple ;
antes obliga , que agravia :
pues todos nacen a ser
sacrificio de mis aras.

Al. Mas adonde tantos Cetros
estan ?

Cel. Que no es de importancia ;
porque amor no en las Coronas
vive ; que vive en el alma ,
que fineza pues hareis ?

Al. La que fineza se llama ,
que las otras son desayres
a vuestra belleza rara ,
destos Principes , señora .
Se cifran las tres hazañas ,
solo en huir de Sabina ?

Cel. Es assi , por no mirar ,
ni verla.

Al. Pues yo al rebes
tengo de verla , y hablarla ,
dentro de su casa misma
hede vivir ; y la llama
de vuestro amor , en mi pecho
a su luz hede aleantarla :
sin que la imagen Divina ,

con-

confunda la vista humana
para que sepais , y todos ;
(con distincion entre ambas)
que es una cosa el huirla ,
y otra cosa el despreciarla ,
y que el que a vòs os ha visto ,
no importa ver otra Dama.

Cel. Si resiste a los peligros , à parte .
que fineza tan bizarra :
y aveis de assistir con ella ?

Al. Dentro de su misma casa .

Cel. Sin perderos ?

Al. Sin perderme .

Dr. Como un perro , y una gata .

Cel. Pues yo la palabra os tomo .

Al. Yo no os la doy .

Cel. Porque causa ?

Al. Porque fio de mi fé ,
aun mas que de mi palabra .

Cel. En todo es raro este hombre ,
distinto a los mas se halla ;
mas advertid :

Al. Ya os atiendo ,

Cel. Que sin duda .

Al. No hagais pauza .

Cel. Os hede quitar la vida ,
se dais a Sabina el alma .

Vase.

Dr. Señor , quitate los ojos ,

des-

despues de aquesta amenaça ,
que el Demonio es muy sutil.

Al. Tu cobardia es villana ,
y es hidalgia mi fineza:

Dr. Con esa señora hidalgia ,
puedes quebrar ; que eres hombre ,
y ella muy delicada.

Al. Voy a buscar a Sabina.

Dr. Para darla en horas malas.
mas mudando de opinion ,
aun que sea tal su saña :
señor si quieres valer ,
convierte-te en patarata ;
que finezas verdaderas ,
siempre fueron desdichadas.

Al. Estas son de amor terreno ;
mas la imagen soberana ,
de mi amor , no es de la tierra.

Dr. Luego convierte-te en rana ;
si tu amor no es de la tierra
porque son cosa del agoa.

Al. Yo intento quedar mayor ,
en fineza que no igualan.

Dr. Converte-te en San Christoval ,
y passarás de las marcas ;
mas yo , se voy a medirlas ;
siendo todas soberanas ,
Estevan es quien mi admira ?
o que excesso Dios me valga!

Al.

Al. Pues porque si le prefieres,

Dr. Porque yo seré fantasma ;
seré piedra ; seré plomo ;
seré ironco ; seré rama ;
seré lobo , seré cuervo ;
seré hormiga , seré araña ;
seré sierpe ; seré Drago ;
seré bruxa ; seré hada ;
seré como soy gallina ;
seré lapa ; seré rana ;
y todo lo que quizieren
antes que verme entre espadas.

Al. El discurso es como tuyo,
como mia accion rara ;
sepan todos ; sepa el mundo ;
como Alexo en gloria tanta ,
por la Divina hermosura ,
comprende la heroica hazaña
de entratse dentro en la hoguera ,
sin que le toquen las llamas ,

Dr. Sepan todos ; sepa el mundo ;
el villano , el rey ; el papa ;
como Alexo , la hermozura
busca , para despreciarla ,
sale Sabina , y Lizes.

Liz. Señora ; quien el farol
de tu dichosa alegría ;
converte en melencolias .

quién ha visto triste al Sol? q 2909 D
no eres tú en gracias hermosas; q 2910 D
{ sin mudanza al posseerlas} q 2911 D
toda una rísa de perlas; q 2912 D
un abril todo de rozas; q 2913 D
pues como a oras ofendida; q 2914 D
triste, quecosa, turbada; q 2915 D
traes la color mudada, q 2916 D
y la alegría perdida; q 2917 D

Sab. No es mucho, no, que mi vana
beldad, tenga quexa dura: q 2918 D
porque aun que soy la hermozura,
la hermozura soy humana; q 2919 D
y porque de mi passion, sin omiso
no te oculte los desvelos; q 2920 D
yo estoy enferma de celos; A q 2921 D
o doliente; de ambicion. q 2922 D

Liz. Como Sabina podrás
imbidiar nada que vieres; q 2923 D
si dueño de todo eres; q 2924 D

Sab. Escuchame, q 2925 D
y lo sabras; q 2926 D
aquel prodigo soy, q 2927 D
y ya lo era oír d el, q 2928 D
que hizo baxar los Dioses; q 2929 D
de su esfera, q 2930 D
pues no desdénia Jove; q 2931 D
peregrino, q 2932 D
de adorarme muger, q 2933 D

siendo Divino, y Apolo luminoso , i en no me parecer en mis ojos se mira mas hermoso.
Marte, y Cupido, por mi amor severo
uno el arco rendió , otro el azero.
tan alta nacií , tan arrogante,
que uno y otro Dios, tube por amante,
digalo en su bondad (pues no se escusa)
Siquis, Climene, Dafne, y Aretúza,
laquella roza soy , mas mal respiro,
porque roza no más , solo es suspiro,
laquella estrella si , pero mas bella ,
q quien excede al Sol, no es solo estrella,
laquella perla ; me desdigo luégo ;
porque la perla es agua, y soy fuego,
aquel diamante soy; mas he mentido;
q yo nunca tolca fui, y el bruto ha sido,
aquel brillante Sol ; necio capricho,
soy la hermosura humana ; ya lo he di-
cho:
porque solo excedió miluz hermosa,
perla , Diamante , estrella; Sol , y rosa,
y en esta alegoria peregrina ;
emblema me introduzen , de Sabina;
yo soy aquella joya ,
que a Espana cantibò, y abrazò Tróya,
y a Cleopatra, y Lucrecia, puze en echo
el Alpid al brazo, y el puñal al pecho,

la vencedora soy de Hercules brava;
 por quien en faldelin mudó la clava.
 del nazareño fuerte, Sansón digo;
 quien dio la fortaleza a su inimigo,
 soy en tanta perfia,
 desvelo de Jacob; celos de Lia:(tante;
 soy, quien solo aun mirar, vencio al inf-
 (al que sin lança derribó un gigante,
 de adonde ha resultado,
 aquel pequén bien nunca decantado,
 pues con ser esta, o Lizes, que publico,
 y aun assi no me explico, o mal me ex-
 plico;
 un desayre padesco, o una guerra,
 que con todo mi ser va dando en tier-
 (como pensar podrás en tal desvelo;(ra:
 q̄ haya quien por la tierra, prostre el
 Cielo,
 y quando todos Diota me salidan;(dá:
 tres hombres que me faltan me cōfun-
 bien creerlo podias, se advertieres
 en el lance que oyeres,
 que aquien todo lo quiere, poco valgo,
 todo le falta, si le falta algo.
 Pedro, dueño de Roma generoso,
 António, de Tebaida Rey famoso:
 Estevan, de las Armas Dominante,
 de mi hermosura burlan el semblante:
 llevan-

llevandome estos tres, q̄ me han huido
mas que valen, quantos me han segui-
a Celia augusta uno y otro adora? (do,
del orbe todo la mayor señora,
en cuyas luces, por tan altos fines,
no matiposas, arden Serafines:
a sus plantas llevando por despojos,
los que son matiposas de mis ojos:
y a su lequito influyen,
quantos a su obediencia de mi huyen:
dexando mi belleza en sus anelos,
con la mancha indecente de los zelos,
a Celia preferida,
yo dellos ultrajada: ella querida:
y si arguirlos (quando assi sucede)
puede la imbidia, la razon no puede,
porque he de confessarte (aunque tan
vana),
que ella es deldad Divina, y yo humana,
mas con todo, no sufren mis enojos,
el aver, quien se livre de mis ojos:
ni templa mi sentido,
saber q̄ otros mejores se han rendido:
antes assi, crecieron mis desvelos:
que zelos con razon, son mas q̄ zelos,
no he de sofrir que al Sol, que en mi
retratan,
solo tres coraçoens no idolatran,

otiquándó a sus luces con adoraciones,
 indianas miro todas las naciones,
 así intenta mi brio,
 arrastrar de los tres el aluidrio :
 sin perdonar en este empeño loco,
 possible alguno (pero digo poco)
 pines por rendir sus seños invencibles,
 hede pisar hasta a los impossibles,
 y rezuelta a seguirlos,
 hede buscarlos , hede perseguirlos :
 ya en persona , ya en sombras , ya en
 figura ,
 que en todo hede enseñarles [mi her-
 mosura] ,
 y al fin veran vencida su fiereza ,
 que es en vano el huir de la belleza .
 Este es o Lizes el cuidado justo ,
 q me altera el sosiego , y roba el gusto ,
 y en colores hermosas ,
 aviva brazas , y delmaya rozas .
 esta la causa justa ,
 que viviendo Deidad ; muger me asusta :
 esta la dura quexa ,
 que siendo singular , comun me dexa ;
 esta mi rabia , mi dolor , mi furia ;
 mi pena ; mi rencor ; mi mal ; mi injuria ,
 estos mis zelos , si (sin mas desvelos)
 que adonde zelos ay ; basta aver zelos .

Liz. De tu mal la calidad
entendi por conjetura:
porque quien dixo hermozura,
tambien dixo vanidad,
que impórta, siendo tan pocos;
tres hombres te ayan huido;
si tienes a tu partido,
un mundo todo de locos?

Sab. Y que à Alejandro importava
(quando este mundo rendio:) el llorar.; porque entendio:
que otro mundo le faltava
pues assi yo, que mas alta
que este Monarca a ser vengo;
no me alegra lo que tengo,
y lloro, lo que me falta.

Liz. El juízio a mi parecer
(y no me causa estraneza;) porque soberbia, y belleza;
paran en enloquecer, mas que Joven es aquél,
que entra al jardín;

Sab. Le divizo, para las fuentes, Natcizo,
para las rosas, clavel, tan galanes: y otro viene
en su compañía.

Al. Aqui, segun las señas que oy
mi vista a Sabina tiene.

Dr. Santiguate, antes que dehito,
la mires.

Al. Con que ocasión?

Dr. Porque es señor un Diabron,
en forma de un angelito.

Al. Aunque a sus ojos llegado,
miro a otros Divinos fines.

Sab. Quién sois vos? que a estos jardines
atrevido hâveis entrado?

Al. Ha Celia; que no me asombra
este aparente farol:
pues la que piensa ser sol,
mirada contigo, es sombra;
soy señora un estranero
(mejor digo peregrino)
que por los informes, vino
a buscaros: si grosero
os offendí, perdonad.

Sab. Piedad me deve el estraño.

Al. Tratado os he sin engaño.

Sab. Que notable ceguedad!

Liz. Retorica no ha estudiado
el hombre.

Dr. Si vas assí;

a palos

a palos te hechan de aquí.

Sab. Que informe de mi os han dado?

Al. Dixeron me (esta es la fama)

que vivia aquí una Dama ,
de gran nobleza , y estado ;
en cuyo valor podria
(fuera de mi patria) hallar
favor.

Sab. Que espera alcançar
vuestra pretencion?

Al. Pedia ,
un rincon en vuestra casa ;
en quanto de mi destierro
dura el rigor : y no es yerro
pues vuestra sangre lo harà.

Sab. Me respondeis no doble ,
antes que os defiera aquí ,
y no os dixeran de mi ,
mas que ser grande , y ser noble?

Al. Mas dirian ; mas mi oido
lo que me importa escuchò.

Sab. Sin escucharlo , sé yo
que aun haria mas tñido.
que mi casa soberana ,
mi belleza peregrina.

Al. Enseñado á la Divina ;
no atiendo a belleza humána.

Sab. Que grossera necedad !
aunque

- 202 . Enganos do Bosque ,
aunque locura parece ,
quién mejor que yo merece
el título de Deidad ?
Al. La que mi fé no desdice .
Sab. Tu ignorancia es bien me asombra
Dr. Mi amo señora es hombre ,
que no sabe lo que dice .
Liz. Bien lo muestra en este rato ,
Sab. Con mi respeto infiel .
Dr. Que no oy hazer caso del
porque es !
Sab. Dilo .
Dr. Un insensato .
Sab. Con que aquí vos , por aora
quereis por cierta razon ;
quedar mas el coraçon
dexais alla ?
Al. Si señora .
Liz. Vé si lo quieres mas claro .
Sab. Pues yo (aunque tan dezatento)
en mi casa un aposento
os doy : que mi favor rato
no se niega al peregrino
mi nobleza he de enseñaros ,
mas el tiempo ha de mostráros
no aver objecto tan digno ,
que se haga acordar , a quien
queda a assistir a mis ojos .

Al.

Al. Perdonen vuestros enojos : como
no haveis discursado bien.

Sab. Haveis llegado a izentaros : mas
mas no intentais despidiros.

Al. Tengo gusto de serviros ,
mas sin intencion de amaros ,
y por el favor que hazeis ,
rendido a vuestra piedad ;
las plantas os bezo.

Sab. Alçad : que aun mui mal me conoceis ,
pero vuestra tema vana
cederà , que en esto estoy .

Al. Yo no soy diamante oy ,
para ser hombre mañana .

Sab. Pues el tiempo ha de mostrarte .

Al. El tiempo ha de responderme .

Sab. Que no ay verme sin quererme .

Al. Que puedo verte , y no amarte .

Sab. Tu porfa ha de ceder .

Al. Viva de quien amo el nombre .

Sab. Valgate el Cielo por hombre .

Al. Valgate Dios por muger . Vanse .

Liz. Tu tambien das malas hadas
andas como tu señor ?

Dr. Y aun peor , porque al amor
doy cozes , y bofetadas .

Liz. Dexasme en esta pelea ,
como

como el a Sabina itoza.

Dr. Si esto passó por la hermosa,
que puede esperar la fea.

Liz. Ay desverguenza tan rara,
fea, villano inimigo?

Dr. Como yo, que se lo digo.

Liz. Estas manos, esta cara:

que aun sin tener fé, menguado;
sirve al gran Turco de Iman:

Dr. Si se llamó Soliman,
yo lo creo de contado.

Liz. Sabes porque no es tu intento
rendirte a mi amor fiel?

Dr. Porque!

Liz. Porque no es la miel
para boca del juamento.

Dr. Aunque el juicio me quitas,
no haré por ti dezatinos,
ni aun muy dotada.

Liz. Cochinos,
no son para margaritas.

Dr. Seré cochino; mas ella
en mi pila no ha de entrar.

Liz. Dime villano sin par;
aguardas mejor estrella?

Dr. De mi fortuna fue gala,
la dicha con que naci:
assí que no es para mi,

tener estrella tan mala,
con que el tiempo ha de mostrarte.

Liz. El tiempo ha de responderme.

Dr. Que puedo verte, y molerte.

Liz. Que hede verte, y escalabarte.

Dr. Arrebientes en su passion.

Liz. Me sorbo una, y otra basca.

Dr. Valgate Dios por tarasca.

Liz. Valgate Dios por Dragon.

Sale Celia, y Sabio.

Cel. Ya sabes como a honor
de sus empresas,
a executar partieron
sus finezas,
los quatro amantes
ende mi luz hermosa :
yo me hallo deceosa,
de mirar del amor estas batallas :
y pues sabio te hallas,
y en esta alegoria que presentas,
a mi ciencia Diuina representas ;
y nada se le esconde a su luz dina ;
a los lexos me corre la cortina ;
muestrame luego aqui
los quatro amantes ,
(aunque todos te miran tan distantes :)
veamos el exceso que los labra ,
como dan cumplimiento

a su

a su palabra.

Sabio. A tu voz no replico,
y mi obediencia a tu importancia apli-
ca Pedro el primero ; (co;
(quando por su valor nunca es postre-
ha del alto edificio, luces bellas. (ro)
que calça flores, y se toca estrellas ; (A
de ese que tanto sube, (englo. (A
que nace piedra, y se remata nube ; (A
del que en tanto desvelo ; (A
empieca en tierra ; quandó acaba en

Cielo ,

a mis ojos se muestre en tanta medra
con Pedro aqui , que es su primera
piedra.

Descubre-se la forma de un edificio, como
puerta de Iglesia, y Pedro a su pie in-
móble. (issi es la forma del edificio
Que aqueste es tu edificio, lo confirme
Pedro, que en su cimiento (aq y
es piedra firme. (C aq y q
Cel, Marmol constante se halla
en su fineza. (1103 Sis vuol 201
Ya cumplio la palabra a mi belleza
y por mayor primor en su exercicio,
de mi casa sustenta el edificio. (107)

Dentro Sabina.
Sab. Pedro ; Pedro.

Sa. Esta voz es de Sabina,

que en su fineza quiere ser ruina.

Sab. Pedro ; Pedro : responde mi her-

a tu renombre ; hoq espresas tu nombre.

mira que no eres piedra, y eres hom-

Cel. Sordo ; y mudo se queda la surre-
clamo :

veré se a mi responde ; yo le llamo, y

amasme Pedro ? piedra se a quedado ?

Sa. El bolbero por si , mas han tocado.

Dentro Musica.

Mu. A la hermosura Divina

responde ; aunque piedra elada ;

que hasta una piedra responde,

quando la hermosura llama.

responde en tu calma ,

que eres piedra ; mas piedra con alma,

Cel. Amasme Pedro ?

Pe. Tu Deidad Divina,

bien sabes que te amo.

Cel. Peregrina :

transformacion !

a mi responde luego.

Sa. Para Sabina es piedra,

y a ti fuego.

Sab. Hablame Pedro ami ; seré tu escudo,

responde, que eres hombre !

Cel. Ya está mudo.

Sale Sabina.

Sab. Mira mi rostro bello;
ve mis enojos;
porque aunque piedra seas, tienes ojos,
habla, piedra con lengua,
en tal terneza,
tambien las piedras hablan:

Sa. Que enteresa!
Cel. Amasme Pedro, dilo.
Ped. Tu señora
bien sabes que te ama quien te adora.

Sab. Responde piedra dura:
mira que quien te llama es la hermosa
Cel. No responde!
Sa. Es piedra, y está constante:
buelva-se el edificio,
allo distante,
há del sangriento campo;
há de sus balas;
tronco de Margé,
habitacion de Palás:
há de la fuerte campaña,
y sus horrores;
donde rebientan lanças
como flores:
a mis ojos se muestre
en tanto anelo;
de lo lexos rompiendo

el

el basto veld, Estevan al instante ;
blando Soldado si, robusto amante.

Tocan caxas, y dizén dentro
Dent. Muera Estevan,
Eft. Tiranos : aunque herido me veis ,
a vuestras manos : la hermosura Divina ,
confieso por Deidad , unica , y trina.

Sale Eft. Viva pues Celia hermoza ,
su honor defiendo en esta lide furiosa ,
aunque montes de azero
me sigan a matar :

Cel. Fuerte guerrero !

Sa. Bien su fineza en la ocasión severa ,
le acréedita fiel :

Dent. Estevan muera :

Sale Sab. Desvia-te a esta parte
valiente Adonis ; apazible Matte
donde hallarás mis armas a tu lado
pues viene denodado , un exercito todo en tu ruyna .

Eft. Ya te conozco , y sé que eres Sabina
y ni

y ni tu favor quiero, ni tus armas
huirte si.

Sab. Tu mismo te desarmas,
y en las manos daras de tu inimigo.

Eſt. Ya por huir de ti,
mi riesgo figo.

Sab. Pues tu daras villano,
en tal tibieza,
con la muerte vengança,
a mi belleza.

*Entraſe, y buelveſe aſalir Eſtevan riñien-
do con otros, y tocan caxas.*

Dent. Muere, acaba infiel.

Eſt. Esſo no, quando muera por fiel,
pues por la fé
de la Deidad que figo,
la sangre vierto, y el amor abrigo
Recogense riñiendo.

Cel. Caya herido en el suelo.

Sa. Su peligro no cueſte tu desvelo,
porque hade renacer en esta hazaña,
y buelbaſe a ſu puesto la campaña,
ha del paramo incierto;
solitario lugar, yermo dezerto,
incognitas eſferas,
donde vive el amor entre las fieras:
a mi imperio propicio,
nos mueſtre aquí,

de Antonio el exercicio.

Descubrese un monte , y Antonio en el acostado a un arbol.

Ant. Hermosura Divina ;

Deidad suprema, Celia peregrina ;

en este yermo esquivio ,

muero de amor , y de memorias vivo:

contemplando tus gracias superiores,

en la hermosa prezencia de las flores

mirando tu pureza en las corrientes,

del cristalino objeto de las fuentes ,

tus graciosos desvios ,

en la fuga corriente de los rios :

tus musicas suaves ,

en la dulce armonia de las aves :

tu estable ser mi enseñas

en la dura firmeza de las peñas ,

a la esperanca, con que me adelantas,

en lo verde de ojas, y de plantas:

con que en este retiro ,

te miro en todo , quando no te miro.

tan ufano te adoro ,

que altivo triunfo quando te adoro,

amote tan rendido,

que el ser tu esclavo es mi mayor par-

amo te tan constante , (tido,

que el diamante me embidia , mas

Diamante;

O ii

y sigo-

y sigote tan fino ,
 que al girasol le dezo en el camino ,
 aguila remontada ,
 tus luces bebo , en ellas inflamado ;
 porque fue mi destino soberano ,
 Divino objeto para ser humano.

Dent. Music. Entre las fieras de un monte.

Antonio vive insensible ;
 si aquél que vive entre fieras ,
 se puede decir que vive ,
 ay infelice ,
 de aquél que hombre nace ;
 y bruto vive.

Ant. Ay infelice :

de aquél que hombre nace ,
 y bruto vive ,
 que voz es esta , que en distancia tāta ,
 me trata amarga quando dulce canta ?

Cel. De Sabina es la voz ,

que solo intenta
 conducirlos a si .

Sab. Accion violenta.

Mus. Es su palacio un dezierto ,

donde como fiera gime ;

si habla ; el echo le responde :

si escucha , el viento le dice :

ay infelice ,

de aquél que nace hombre ,

y bruto vive.

Ant. Otra vez buelvés ó voz,
a turbar mi paz serena?

Sale Sahina.

Sab. Si otra vez , y otras muchas ,
pues en tan porsiada tema ;
bello garçon de las cortes ,
te hazes fauno de las selvas ,
buelbe Antonio a los poblados ;
dexe , dexe tu innocencia ;
lo irracional a los brutos ;
lo incontrastable a las peñas ;
no trüeque tu acción indigna ,
(en esta inutil fineza)
el docil , por el peñasco ;
el palacio , por las breñas :
mira generoso Joven ,
(en esquivez tan grossera)
que ya se quexan las Damas ,
de lo que logran las fieras :

Ant. Quien eres muger? quien eres?
que en esta occulta aspereza ,
con belleza peregrina
pareces flor estrangera ?
quién eres tu , que prezente ,
en esta ignota maleza ;
el coraçon sobresaltas ,
quando los ojos recreas ;

quién

quién eres ? que en este yermo ;
 tan instantanea te muestras ;
 muy viviente para flor ,
 muy hermosa para fiera ;
 quién eres tú ? que tan sola
 discurriendo en esta esfera ,
 por lo solo , y por lo bello ,
 pareces única perla ,
 quién eres ? digo , que ozas
 por estas opacas tendas ,
 sin temor a los peligros ,
 armada toda de flechas ,
 quién eres ? di , que al mirarte ,
 aun siendo a los ojos esta ,
 el coraçon se estremece ;
 el alma se desalienta ;
 la vista , quasi se ofusca ;
 las palabras titubean ;
 con que , si no eres peligro ,
 estás de serlo muy cerca .

Sab. Sabina soy , que al informe
 de tu acción .

Ant. Calla la lengua ,

que ni he de verte , ni oirte .

Sab. Hasde oírme , aunque no quieras .

Ant. Para huir de tus encantos ;
 alas me dé mi fineza .

Sab. Metiose por la espesura :

mas

mas contra su ligereza,
y una inconstancia de hombre,
que dará con el por tierra. *Vase*

Sabio Antonio ha vencido huyendo,
como los demás.

Cel. En estas ocasiones, el que huye
es quien vence.

Sabio Assí lo prueban,
ha del palacio soberbio;
donde la mortal belleza,
se finge Deidad mentida;
naciendo flor verdadera,
muestre a mi voz imperiosa,
(y en la prezençia de Celia)
Alexo, y Sabina, uniendo
a los lexos con los cercas.

Sale Sabina, y Alexo.

Sab. Alexo cruel, inumano
villano,

que en tanto desden,
la hermosura maltratas, y tratas
de la aborrecer:
a mi casa llegaste, y enemigo
mendigo:
y as llegado a ser,
tan señor, que del dueño, sin señor;
ya señor te ves:
a mis ojos estas fementido,

atre

atrevido : y burlas mi fe ! quien la beldad delprecio, que aprecia si el Cielo no es ? a mi llanto de perlas precioso ,

alevoso , le dexas correr . quien las perlas no coje , ó recoje , insensible fue a mis quexas resistes de azero ,

grossero , como puede ser ? que teniendo de hombre el renombre , qual piedra te estés ? tan cruel que me quitas la vida ,

homicida ; y tan cierto que ; que no sé , si respiro , ó espiro , en tal padecer .

41. Sabina: en vano procuras , con tus elegantes quexas ; que sea culto a tus ojos ; siendo de otro amor ofrenda ; a la Divina hermosura (aqui bellissima Celia) adoro ; y no es justo que en mayoria tan cierta ; de ver preferido el Cielo ,

se pueda quexar la tierra.

Sab. Pues porque a mis ojos vives,
quando en los tuyos te quemas?

Al. Por mostrar, que ni tus ojos
me olvidan de sus estrellas.

Sab. Y se mi llanto te busca?

Al. Echas a perder las perlas.

Sab. Ni mis suspiros te prenden?

Al. El ayre no dà cadenas.

Sab. Con que a Celia quieres?

Al. Si.

Cel. O que bien esto me suena.

Sab. No basta que en este alcasar,
há tantos días me veas,
por las mañanas aurora,
por las tardes primavera:
no basta que a tu regalo,
te embie desde mi meza,
los banquetes de los Dioses,
en Ambrosias, y nectar?
no baste que a tu cortéjo,
en attencion tan discreta,
tengas todo lo que valgo,
en todo lo que desprecias?
no basta:

Al. No basta no,
antes sobra a mi entereza,
tener el querpo assistido,

teniendo el alma violenta.

Sab. Dexáme llorar mis males. *llora*

Al. Lagrimas ablandan peñas ;
mas no a mi , que soy Alexo.

Cel O que invencible firmeza !

Sab. Como villano atrevido
me assistes , y me desprecias ?

Al. Como desta accion
mi constancia se alimenta ,
que te vea , y no te mire ,
que te sirba , y no te crea ,
que te oiga , y no te escuche ,
que viva lexos , y cerca .

Sab. Yo vengaré mis injurias :

Al. Yo burlaré tus cautelas.

Sab. El Cielo me dè vengança.

Al. Deme el Cielo fortaleza. *vanse*

Sa. Qual de los quatro señora ,
vence en la fineza oy ?

Cel. No digo quien ha ganado :
mas Alexo no perdio ,
y pues ya de sus finezas ,
me han dado prueba el valor ;
de ellas , cada qual defienda ,
a cuya definicion ,
los llame la voz suave ,
y no el aspero atambor.

Musica Al certamen , certamen de amor:

que a su primor,
la hermosura Divina,
luz peregrina,
te llama en rigor.

Al. Certamen , certamen de amor.

Van saliendo los Principes , Alexo, y Dragon.

Pe. Desta Musica atraydo ,

Eſt. Llamado desta cancion.

An. Conduzido destos eccos.

Al. Obligado desta voz.

Todos Venga con alados passos.

Muz. y ellos. Al certamen , certamen de

Sa. A tus plantas , gran señora, (amor

adonde el Sol se humillò ,

y para estar a tus pies ,

aun es poco todo el Sol ,

a tus ojos , donde el Cielo

sin tener de tu esplendor ,

llenos de galas , y plumas ,

adonde n mejor ,

por suair ntes , sus finezas ,

por bri , su pundonor ,

Ante , Pedro , y Estevan ,

Principes que invictos son ,

de todo el mundo objeto ,

de todo el Orbe el honor ,

triunfantes llegan , porque

en este certamen de oy ,

hemos

hemos de ver que ha excedido
su valor a su valor; si
con ellos Alexo viene;
nada a su ser inferior,
tan galan, que con Cupido,
imbidia queda de un Dios.

Cel. Príncipes, Alexo ilustre;

porque ya sé que el blazon
de tu sangre, en toda Europa
a los ceptros no cedió:
el certamen a que os llama,
el problema es superior,
de vuestras mismas finezas:
y como mi estimación,
la dà el valor que merecen:
quiero que en breve question
se juzgue aquí, qual ha sido
entre finezas mayor:
para que el laurel invicto
del dichoso vencedor,
sean mis nupcias, que assí
en tan alto galardon;
mi Deidad paga que solo
es Deidad la que pagó.

*Dr. Encomienda te a la classe
de los Dotores.*

Al. Dragon; quanto confío en mi fé,

vermali

desconfio

desconfio en mi valor.

Cel. No respondeis?

Tod. Gran Señora.

Ped. El que escucha.

Eft. A quel que oyo.

Ant. Los possibles de tal dicha.

Al. La luz de tal possession.

Ped. Que mucho que aborto quede.

Eft. Sin si.

Ant. Sin abla.

Al. Sin voz.

Cel. Esta bien : empiece Pedro.

Dr. Y sea breve el sermon.

Ped. Los tres, en tanto querer
con las finezas que hizieron;
a su ser no deshizieron;
y yo divize mi ser,
marmol fui , y es de creer
(cosa que jamas se oyo)
el mundo piedra me viò :
luego en tan constante medra ;
hecho mas en ser piedra ;
porque dexè de ser yo.

Eft. El que füe piedra en su intento ,
huyendo fue del dolor ,
y aquel que estima su amor
estima su sentimento ,
pero yo que mi tormento

aprecié

apreciè mas que la vida ,
 en la ocasion offerecida ;
 he vencido a los tres fuerte :
 pues huy para la muerte ,
 por ser la mayor herida.

Ant. El que muere en su penar ;
 luego acaba de sentir :
 mas vivir , y no vivir :
 es mayor arte de amar ,
 yo que en dezierto lugar
 entre las fieras passé :
 no vivi , porque penè :
 y vivi , porque sentia :
 con que la corona es mia ,
 pues vida , y muerte tragué.

Al. Todos en tanto rigor ,
 (los tres que me estais oyendo)
 al amor servis , huyendo
 a los peligros de amor ,
 mas yo con mayor valor ;
 mi fineza , y su firmeza ;
 assentè con entereza ,
 sobre el peligro que vi :
 y pues el riego venci ,
 esta es la mayor fineza.

Ped. El huir a los peligros
 no es desayre , es atencion :
 y en su amor , lleva muy poco

a aquel , que arriesga su amor.

Al. Siendo fé la confiança ;
y sospechoso el temor :
como tiene menos fé ,
el que en si mas confiò ?

Eft. Buscar el riesgo , no es fé :
antes presumiendo estoy ,
que es bizarria del genio ,
a hurto de la razon .

Al. El que con su razon mide
su affecto ; muy poco amò ,
que esto de arder con cordura
es prudencia , y no es ardor .

Ant. Amor , y razon unidos
estan en el coraçon :
que el amor consigo lleva
la parte mas superior ,

Al. Amor es sola una essencia ,
que en si no admite otra union :
y dexará amor de ser ,
si huviera en el mas que amor .

Ped. Mi fineza es la suprema .

Eft. Mi exceso ha sido el mayor .

Ant. Mi hazafña ;

Al. Mi valor :

Cel. Basta ,

ya veo en vuestro calor
que ninguno ha de ceder :

y pues

y pues tan sublimes son
vuestras finezas ; las mismas
hablaran por su valor :
sin que vòs las diffinaes ,
de-se un juez , sin question
que recto las sentencees.

Todos. El juez solo sois vòs.

Cel. No lo aceto ; que no quiero
en tan fuerte lance oy ;
que lo que fuere justicia ,
se sospeche inclinacion.

Ped. Pues quien el juez será ?

Eft. Quien ha de juzgarlo ?

Sale el Amor coronado de laurel.

Am. Yo ,

porque solo el Amor puede
dar sentencia en el amor ,

Ped. Vengais soberano Rey.

Eft. Llegueis ó clemente Dios.

Ant. A nombrar nuestra fortuna.

Al. A partir nuestra question.

Dr. Basta que el amor es hombre
como los mas :

Al. Tu aprehension ,
que era ?

Dr. Un compuesto , no de uno , mas de
porque buela , y porque traga ; { dos:
medio ave , medio leon :

Al. -

y por

y por divino , y humano ,
medio hombre , y medio Dios ? P

Am. Princeza ilustre ;
muy poca
queda vuéstra obligacion
a estos amantes ; pues veo
en sus finezas , que son
mucho , para ser por ellos ;
poco para ser por vòs .

Cel. A lo menos ya de duda
me escuzais en esta accion :
pues vòs el juez supremo ,
en ella estais .

Am. Justo soy .

Cel. Sabed que :

Am. No me informeis
en ello prezente estoy ,
pues por mi mente Divina ,
todo el suceso passò .

Ped. Amante Dios .

Eft. Numen bello :
piedad .

Ped. Justicia .

Ant. y Al. Favor .

Ped. Yo fui piedra .

Eft. Yo fui victimá .

Ant. Yo fui fiera .

Al. Yo fui yo .

Dr. Yo fuy Dragon, y yenci:
que a todo traga un Dragon.

Am. Levantad invictos hombres,
y socegad, que en tal don,
aunque uno lleve el laurel;
a todos queda el valor,
yo las finezas jusgué,
con justicia, y distincion;
no con el juicio de hombre,
mas con el pezo de Dios;
ya la sentencia pronuncio,
recto, justo, en mi opinion,
la final: porque de mi
no ay apelar, ni a otro yo.

Mus. La fineza mayor,
es buscar los peligros amor:
porque no vence, el que vence,
sin tener oposicion.

Am. Esta voz de mi influyda
la sentencia pronunciò,
con que de Alexo es el lauro;
pues en tan costola accion,
el que es dueño del peligro,
queda dueño del amor.

Dentro caxas, y voces.
Viva Alexo, Alexo viva,
de finezas triunfador.

Mus. Porque no vence, el que vence,
sin

sin tener oposicion.

Sab. Ciento , que aqui la fortuna
lince , que no ciega , cuando
Pedro no lleve la palma , supo
no lleve Antonio .
El blazon ,
Estevan no lleve el vitor ,
en este dia de oy ,
porque no vence , el que vence ,
sin tener oposicion.

Cel. Que bien esta voz me suena ;
porque açà en mi coraçon ;
lo nuevo , desta fineza ;
mi cariño arrebatò .

Dr. Vitor , vitor ; que mi amo
la polla te llevò .

Al. No sé amor , no sé Princeza ;
(en gloria tan superior)
por qual de los dos empiece ,
a rendir mi obligacion .

Am. A mi no : porque fue deuda ;

Cel. No a mi ; que amor lo jalgó .

Dr. A mi si que a Dios rogué :
aunque humilde peccador .

Ped. La dicha há sido de Alexo .

Eft. Secretos son del amor .

Ant. Es Dios , y no ay qué arguitlo .

Al. Prostrado , humilde , a los dos ;

a cada uno partido,
rindo entero el coraçon.

Am. Levanta ilustre Romano,
por quien Roma en tal blazon,
(aun mas que por sus victorias)
del mundo señora es oy:
pues por tu hazaña ha olvidado,
que fue de esfera mayor
el triunfo ; que a tantos hijos
por sus calles paseo ;
aqui te doy de mi mano ;
la mas alta possession
en la hermosura Divina,
a Celia hermosa te doy ,
de mi esfera mejor luz ;
de mi jardin mejor flor :
de mi arco mejor saeta ;
mejor flecha de mi arpon ;
para que en Talamo putó ,
para que en dichosa union
logrés ; én ser de un hombre ;
toda la dicha de un Dios.

Al. Son los terminos humanos
tan cortos ; que no hay razon
con que me pueda explicar ,
en tal lance.

Cel. A tu valor
esta fortuna corona ;

tan singular galardon
si ha sido para alcançado;
para merecido no.

Am. Principes; vuestras finezas,
con que mi laurel creciò,
muy en mi mente las tengo.

Cel. Y en mi Corte adondé voy
hallaran vuestros servicios,
digno premio a su primor;

Ped. Adonde vos sois juez;
no ay quexa.

Los 2. Ni disabor.

Sab. De vuestra nobleza es deuda
esta paz.

Ped. Por todos yo
doy el parabien a Alexo.

Al. O' Principes, vuestro soy:

Dr. Yo nò, que quiero ser mio:

Am. Justamente en este honor
la en ora buena le dais:
porque corriendo veloz,
el velo a la alegoria;
Alexo, ha vencido oy
al Apostol en la fé:
al Martyr en el valor:
al Confessor en el zelo;
assì se reprezentò
en Pedro, Estevan, y Antonio:

y en

y en sombras do mismo son
como aquio Sabio os enseña
ya en luces, y ya en borron;
esta culta alegoria,
cuyo titulo, y lecion;
(qual es la mayor fineza)
os dice; y dando el perdón
a la autora de sus yerros;
buelva el belico atambor
(de las voces assistido)
diziendo en aclamacion,

Caxas, y voces.

Viva Alexo, Alexo viva:
de finezas triunfador.

Cel. Y la musica repita,
en consonancia mejor:

Mus. La fineza mayor;
es buscar los peligros amor,
porque no vence, el que vence;
sin tener oposicion.

ALE-

ALEGORIA POETICA
 A
 S. ALEXO,
 INTITULADA
 LAS LAGRIMAS DE ROMA.

Personas que hablan en ella.

<i>Jerusalen Princeza.</i>	<i>Cezar Cayallero.</i>
<i>Roma Princeza.</i>	<i>Marco Gracioſo.</i>
<i>Alexo Cavallero.</i>	<i>Un Soldado.</i>
<i>Constantino Cavall.</i>	<i>Musicos.</i>

Dentro Vozes , y Caxas , y a otro lado Muſica , y Instrumentos : salen Constantino , y Cezar , y Roma de luto con baston , y corona de laurel.

Vozes.  Iva Roma.

Music. Roma viva.

Vozes. Triunfe altiva.

Music. Reyne fiel.

Vozes. Vença brava.

Music. Cante dulce.

Junt. Que todo el Orbe ciñe
en su laurel.

Rom. Callad el marcial aplauso

la sonora salva que
 à vista de mis ultrajes
 no me suena mi poder
 porque este luto que arrastro,
 este semblante que veis,
 no son insignias de un triunfo,
 señales son de un desden:
 laurel baxad, qué no es justo
 que mis sienes coroneis

Arroja la corona.

quando la suerte de oy
 olvida el triunfo de ayer
 baston cortado en pedaços,
 quedad, pues que no podeis, *arrojale*.
 con todas vuestras vitorias
 recuperar mi plazer.

Const. Roma hermosa.

Cez. Roma augusta.

Const. Quien ha trocado esta vez
 por las sombras de esta noche
 tu Aurora de rosicler?
 tu de luto?

Cez. Tu agraviada?

quando en vinculado ser
 desde el Tiber hasta el Indo
 besa tu sagrado pie.

Const. No eres tu la que triunfante
 sin soçobra; sin baiben,

desde

desde el Europa hasta el Asia
dilataste tu poder?

Cez. No eres tu, la que señora
de quanto los ojos ven,
todo el mar serà tu espejo,
todo el mundo tu vergel?

Conſt. No sabes que el echo bravo
de tu trompeta fiel
hizo al politico huir,
y al barbaro estremecer?

Cez. No sabes que de tus caxas
al roido, si se cre,
los mismos exes temblaron,
y estuvo el Cielo a caer?

Conſt. A tus Aguilas soberbias
no ves ò Róma, no ves
sobre los ilustres, sobir,
y hazia los septros decer?
pues si esto es así señora.

Cez. Si esto ò Reina verdad es,
que te falta?

Conſt. Que te aflict?

Cez. Que en tan nuevo proceder.

Conſt. En tus insignias arrastras
de todo el mundo el laurel?

Rom. Primero que a responderos
me obligue; dizirme aveis,
que es lo que merece un hombre,

que

que huye de una muger,
que le ama ?

Const. Y quien ha sido
aquel barbero sin ley ,
que huye el amor de quien tantos
adoran hasta el desden ?

Cez. Quien el billano grossero ,
que pudo ultrajar sin fé
el sexo , que tantas veces
tuvo el amor a sus pies ?

Const. Quien en una dama huye
rustico , indocil , cruel
la belleza de la rosa
que tan celebrada es ?

Cez. Quien al amor tan ingrato
tan desconocido fue
que paga con un puñal
adonde deve un querer ?
que vive Dios !

Const. Vive el Cielo
si lo llego a conocer !

Cez. Que por mas duro que sea ,

Const. Por mas de azero que esté ,

Cez. He de embainar en su pecho
mi espada .

Const. He de verter la sangre
hasta que sus venas ,
el ultimo licor den .

Los 2. Que esto , y mucho mas merece
el que huye de una muger.

Rom. El comprehendido es Alexo.

Conf. Pues muera.

Sez. Muera empuñan

Rom. Tened.

no le mateis , ay de mi
porque me matais en el.
su nombre os é manifiesto,
en lance tal attended
no para que le offendades
mas para que le busqueis.

Alexo aquel joven bello
que en aquesta Corte fue
cuidado de tanta Roza
zelos de tanto clavel :
aquel que sabio , y galan
juntar supo de una vez
las dulçuras del oir
con las delicias del ver:
aquel de cuyas virtudes
si referirlas quereis,
toda Roma es poca pluma ,
Italia corto papel:
a Alexo digo el Romano
a este amè como sabeis
que siendo el sogeto tal
y mi decoro fiel

ni para el Cielo es agravio,
ni para el setro es desden ,
antes como, a la razon
la voluntad acosté
cosa tan poco encontrada
saber sin cegar querer
entre todos mis trofeos
el rendimiento conté
amando al merecimiento
vivo izenta de otra ley
que lo mas es querer mal
esto se lo es querer bien
mi destino es su virtud,
mi estrella su proceder,
mi cadena su valor,
su entendimento mi red:
Sabina , y Roma le amo ,
porque en esta idea es
Sabina , y Roma lo mismo
correspondiendo el cortez
a mi afecto para esposo
humana le destiné ,
y lo hize anunciar ó Cielos
se aqui alabara el papel
de mi relacion , ó si
al repetirla fiel
su istoria , y mi vida aun punto
fenequieran de una vez .

al tiempo pues que esperava
que Alexo fino a merced
tan alta correspondiesse
su esclavitud a mis pies ,
desaparecio de Roma
sin que se sepa el porque:
quando el ignorar mi agravio
mi mayor agravio es:
los excessos en su busca
no me an valido, bolbed
los dos a salir de Roma
puesto que oy llegado aveis
de dilatar mis trofeos:
bolbed en su busca , y vedo
en el llanto de sus padres
el claro Tiber crecer,
las flores mustias , y tristes
en uno , y otro Vergel ;
la nobleza con la plebe
como sin luz , y sin bien
la brava Roma llorando
ayer Palas, oy muger.
Conf. Señora vuestro dolor ,
que a quexa pase no sé ,
que Alexo es tan Caballero ,
tan Principe, tan fiel ,
que no es posible auzentarse .
sin causa, le buscare ,
y quan-

y quando mi opinion mienta ; la
uestro agravio vengaré con su muerte

Cez. Si mi azero os dieré lugar.

Rom. Tened no le mateis, ay de mi ! porque me mataes en el.

Los dos Es lo que merece un hombre,
que huye de una muger como vos.

Tocan dentro.

Rom. Mas que ruido !

Cez. Un atambor viene a ser,

que echa bandos

Rom. A no ser yo , quién tan atrevido es que ose echar bando en mi Corte.

Const. El te llégaria responder.

Sale el Soldado , y tocando dize a voz de

oyd, escuchad, attended

el mandato de amor ,

que es Dios , y Rey , contra el hombre

que huye de una muger

oyd, attended:

manda que desterrado

de su Patria, su casa , ly vergel
por las tierras agenas
se trage la hambre
se sufra la sed
no le conoscan sus padres , ni amigos
llegandole a ver,
porque es bien conocido no sea
el que ingrato es:
sus siervos le baldonen
con afrentas,injurias,desden
no dè piedad ninguna
al que hasta con su esposa fue cruel
mirara las quebrantos de Roma
por mas padecer,
y aunque facil pudiera valerle,
no podra valer,
oyd, attended
al decreto de amor
que es Dios , y Rey
contra el hombre que huye
de una muger : vase
oyd, attended.

Rom. Pues amor le castigò
culpado, ay del, ay de mil
de mi porque le perdi,
y del, porque me perdio
contodo: vuestro valor
le siga firme , y ozado

por

porque a pesar de su hado
ha de buscarle mi amor.

Conf. Y al hallarle siendo cierto
su delito en lance esquivo.

Rom. Me le aveis de traer vivo,
que no quiero verle muerto.

Cez. De amor llega a castigarle
el decreto en tal rigor.

Conf. Ay de aquel que contra amor
delinque que à de pagarla

Sale Alexo, y Marco de peregrinos.

Alex. Que hermosa que recreò
mi vista esta selva bella,
cada flor es una estrella.

Marc. Las estrellas miro yo,
mas son las de medio dia.

Alex. Las aves en cantileñas
divierten sentidas penas.

Marc. Antes que a su melodía,
yo las mirara cozer
en la olla.

Alex. Necio, alientas.

Marc. Mas necio eres tu que intentas
poder vivir sin comer.

Alex. Si por amor peregrino
que me alimentan veran.

Marc. Y tambien entenderan
que amor nò dà pan, ni vino

Alezó

Alex. Amor con su esclavo

mete en la adega el amante.

Marc. Siendo a si de oí en delante,

yo soy del amor el clavo

Alex. Entráne la pena mia

en ti Marco essa dolencia

pues quando peno de ausencia,

penas tu de grosseria,

quien curará mi dolor?

Sale Jerusalen con un volante en el rostro,

quien curará mi dolor?

Cant. Jer. Amor.

Alex. Quien me dará tal belleza?

Cant. Jer. Fineza.

Alex. Quien me enseñará el camino?

Cant. Jer. Destino.

Alex. Ya dichoso me adivino,

pues contra tanto rigor

estoy viendo en mi fabor

amor , fineza , destino,

quien eres dulce desbelo ?

Cant. Jer. Cielo.

Alex. Como es tu nombre en verdad?

Cant. Jer. Deidad.

Alex. Sepa tu esfera enproviso.

Cant. Jer. Paraizo.

Alex. No en vano mi anelo quiso

averiguar la verdad,

pues te encierra en tu beldad.

Cielo, deidad, paraizo.

Marc. Quien será que tanto ayulta
esta luz en noche oscura?

Alex. Aparte de tu hermosura
esta nube que la oculta.

Và a quitarle el velo, y retirase
cantando.

Jer. De tu intento liviano
te aparta ó peregrino,
que no es rostro divino
para vista de humano.

Alex. Que cruel llegais a estar
para mi vista esta vez?

Jer. Ereis atrevido pues
tanta luz ozais mirar.

Marc. La hambre siempre à dexado
intervalos al sentido,

Jer. Antes essa al entendido
le ha dexado mas delgado.

Marc. Malo ! entendido los quiere,
y no harto.

Alex. Con razon
me admiras muger!

Marc. Vizion
parece a lo que se infiere.

Alex. Deidad que admirando vas
por estos campos amenos.

si como ninfa , ella es menos
si como flor , tu eres mas,
pues que profetiza rara
estas contra mi de/dicha
quando me anuncias la dicha Y
porque me occultas la cara?
porque nube en caso tal
dime oraculo divino?

Jer. Porque estas muy peregrino

Marc. Y ella muy desnatural

Jer. Mi beldad , que assi lo veo,
no es tiempo que averigueis
algun dia la vereis,
antes oyros deceo
vuestra peregrinacion
adonde se ha destinado.

Al. A buscar quien sin cuidado
me ha robado el coraçon.

Jer. Aclarad vuestro conceto ,
que me importa oirle bien.

Al. A mi me importa tambien
no revelar el secreto.

Jer. Bien podeis fiarne aqui
vuestro secreto escondido ,
que no os ha de ser vertido

Al. Mi secreto para mi.

Jer. Ya me llegais a offendier.

Marc. Con tanta curiosidad

pensava que erais deidad,

mas ya se que erais muger.

Jer. Mano, y palabra en verdad
os doy de callar no en vano.

Al. Yo os tomo palabra, y mano

Jer. Dizid pues.

Al. Pues escuchad:

En la cabeza del mundo

del orbe laurel, y espada

Corte adonde beza el pie

la purpura a la Tiara,

emporio a quien el Tibe,

que sus altos muros baña

ò cinta que los guarnece,

ò espejo que los retrata:

Romano, y noble he nacido

de soberbio tronco ramia

grande, y ya para ser grande,

el sex Romano me basta,

Aglaes, y Eufeminiano

me dieron su sangre clara,

cuyo lustre a las estrellas

compite, si no avantaaja:

Alexo es mi proprio nombre

cuya interpretacion cara

auzencia dize, y ha sido

vaticinio que a mi patria

hize al nacer, quando de ella

divino influxo me aparta:
crieme amado de Roma
la Princeza soberana
de las gentes , cuyos triunfos
cuyos lauros , cuyas palmas
en el teatro del mundo
fueron assunto, no farça:
en este de amor trofeo ,
me portè con tal templança ,
que la amè como Señora ,
y no la amè como dama,
porque acà en mi coraçon
vivia una occulta causa ,
que sin mirarla, ni oirla,
era entre confusion tanta ,
estrangera a los sentidos ,
siendo natural al alma :
diziame el pensamiento ,
ves esta Roma gallarda ,
ves ese compuesto hermoso
de belleza, brio , y gracias ,
de tantas coronas dueño ,
de tantos Reynos Monarca ,
laurel de tantas vitorias ,
destroço de tantas armas ?
esa que hermosa , baliente
se mira en accion contraria
en el espejo del Tiber

Venus fuerte, Pálas blanda :
pues con todo esto, ay otra Corte , digo dama
mas hermosa , mas Señora
mas soberana , mas alta,
mas sublime, mas triunfante
pues la triunfante se llama,
que excede sin duda a Roma
lo que va de plomo a plata,
lo que va de flor a estrella,
lo que va de cuerpo a alma,
lo que va de tierra a Cielo,
que hasta aqui no he dicho nada.
Esta aprehension generosa
en mi pecho fomentava
un calor, que occulto ardía
unas escondidas asquosas
entre compuestas cenizas,
bien como el Etna disfraça
que primero enseña nieve,
y despues vomita llamas:
assí para mayor gloria ,
cierta deidad me enseñavan
unos divinos escuros
ni bien luces, ni bien brazas:
quando en este tiempo un Juan
valido del gran Monarca
que sobre Roma domina .

no digo mas , esto basta,
que en dizir que manda a Roma ,
digo que todo abasalla ,
me diò un retrato , y me dixo
esta es la divina Infanta
Jerusalen celestial
hija de mi Rey , o quanta
admiracion a mi idea
cauzò beldad tan estrasia !
vila perla , y no era perla ,
esmeralda , no esmeralda ,
vila oro , es mas preciosa ,
vila diamante , mas rara ,
vila safira , es mas Cielo ,
vila cristal , es mas clara ,
que sera yo me dizia
belleza tan soberana ,
que siendo todo lo bueno ,
sobre todo esto se exalta ?
quando David me respondé
no procure tu ignorancia
alcançarlo antes de verla ,
pues su hermosura es tan alta ,
es su beldade tan divina ,
que llegando a retratarla ,
todo hombre miente hasta Juan ,
que Evangelista se llama ,
por su verdad , hasta el digo

miente quando de ella habla
por ser sobre todo quanto
puede dizirse; ya el alma
a este retrato, a este informe
era un vezubio de llamas
que rompiendo tibia nieve,
su misma essencia abrazava.
Enamorado del Cielo,
que en Jerusalen estava
a Roma aborreci, que es
para quien muda de dama
primer paso aborrecerla
siendo el segundo dexarla:
luego peregrino huy
de mis padres, dama, y patria,
porque quien no dexa todo,
pienso que no dexa nada:
corri veloz alexarne,
y sin duda me anegara
a no ser assi, porque
me seguia en pena tanta
un mar de llanto, que al viento
de sospiros que arrojavan
de ayre blando, y llanto tierno
hazian tormenta braba
encamineme ala Corte
del gran Rey, a cuya amada

hija , dizia mi afeto
entre soledades , y ancias:
dime divino portento
en esta cara distancia
si de tan lejos te miro
como tan cerca me matas ?
si una pintura , un bosquejo
tuyo qual flecha me passa
dime que harás con las luces
si con las sombras me abrazas?
llegue el dia en que te mire
en esse Celeste alcaçar:
mas oy que aun que sea el de oy
moriré de lo que tarda;
no es justo que mas te espereidmo
porque temo que en tal causa
como á otros , el dezengaño
me mate a mi la esperança ;
mireme a tu vista yà ,
y tenga tu esfera rara
si en ti un prodigo de luces
en mi un portento de llamas.
Assi la dizia , quando
mis passos endereçava
a la Cotte de su padre
passando en esta jornada
vartos climas , conculcando
por entre rosas , y garças

ya lisonjas a los ojos,
 ya rigores a la planta,
 assi hiré asta que llegue
 a la soberana estancia
 de su deidad , que la jusgo
 tan alta, tan remontada,
 tan augusta , tan sublime
 que era imposible intentarla
 a nò esperar que el amor,
 propicio con los que ama
 despues de darmel sus flechas
 nò me retire sus alas.
 Esta ha sido ilustre dea
 egnima desta montaña
 emblema destos deziertos
 la peregrinacion vaga
 en que me allais , y assi hiré
 hasta que el cielo a mis ancias
 rompa el velo , que interpone
 entre mi vida , y mi alma.

Mar. Mi amo ; y los papagayos
 si menos comien , mas hablan.

Jer. Con atencion os oy,
 y pensareis que admirada
 me tiene vuestra fineza ,
 y es al revez , que por dama
 tan sublime , tan augusta
 aun muçho que hazer os falta

para que podaes quedar
digno objeto de sus plantas.

Al. Pues mi patria no dexé?

Jer. Nò dexastes vuestra patria,
que uno no es de donde nace,
solo es de donde aima.

Al. A mis padres no olvidé?

Jer. No ay padre donde ay amada.

Al. Tanto fausto , tanto honor
no he dexado de mi casa?

Jer. Honor , y fausto son ayre ,
y el ayre a prender nò basta.

Al. De Roma a los desposorios ?
no he buelto fiel las espaldas?

Jer. Y si vos no la querieis
que hizistes pues en dexarla?

Mar. De aquél que su galan fuere
que querrà questa fantasina :

Al. Y el dolor de imaginar
de mi esposa , padres , patria
tanta lagrima vertida
derramada por mi causa
no es sacrificio ?

Jer. Nò Alexo
que lagrimas no quebrantan
de tan lexos, vos cobarde
hurtais al dolor la cara
quando mirar esse llanto ,
y re-

y rezistirlo , le falta
 a vuestra fineza , assi
 no queda plena su hazaña,
 que quien no sufre , no vence,
 y quien no vence , no alcança:
 bolbed a mirar el llanto
 que contra vos se derrama
 quiebre en vuestro pecho el golpe
 que embota en vuestras espaldas.

Al. Y si me conoce Roma?

Jer. No ha de conoceros hasta

que lo diga porque amor
 esto en su decreto passa :
 assi presente estareis,
 y ignorado; luego vaya
 vuestro valor a traermee
 esas perlas derramadas ,
 y pues que Roma las llora ,
 bolbed a Roma a buscarlas ,
 que las quiero para hazer
 una suprema grinalda ,
 y las doce que me adornan ,
 no me daran gloria tanta.

Al. Quien sois vos , que mandais tanto?

Jer. Yo soy quien todo lo manda

Jeruzalen celestial

hija del grande Monarca

Al. Aguarda divino assombro . *va a irse de*

de mis altas esperanças,

espera

Jer. Nò , nò me sigás,

Nò es tiempo de vér mi cara,

en Roma te buscaré

que è baxado de mi alcaçar

solo a ablarte al coraçon,

no passes de aqui

Al. O' cara

obediencia, pues me obligas

a cortar de amor las alas!

Mar. En las del viento bolò,

y si una liebre encontraras,

no la vieras mas ligera.

Al. Bolbamos pues a mi patria

a dar alma a sus precetos,

pues es tuya toda el alma.

Mar. Al fin de los años mil

se dezandaràn las aguas:

valgate Dios por deidad

si no eres mari de manta.

Vanse , y sale Roma passeando , y cantando

Rom. El buelo despedido

que mi dolor repara

pàra pàra.

allevo a mi gemido

que al oir mi tormento

se yela el Sol, arde el ayre

para el viento

mis ojos a buscarte

despiden su corriente

tente tente

que puedes anegarte

porque mi llanto fragoa

viendo de ay, mar de fuego

monte de agua

muda tu pecho elado

alo que amor sospira

mira mira

que todo se ha mudado

se a mi dolor le enseña

firme flor, blanda roca;

tierna peña

buelbe Alexo tirano,

ò mi muerte resuelbe

buelbe buelbe

a mi dolor humano

pues dexas en tu huida

ciega fe, viva parca,

muerta vida

porfia tu dureza

en esta auzencia grave

sabe sabe

que tan fiera estrañeza

oy, siente, murimura

mudo amor, sordo escollo

piedra dura
a las luces mas puras
quando de huirme tratas
matas matas
todo dexas a escuras
dexando en este buelo
nube el Sol, noche el dia,

sombra el Cielo.

tu coraçon elquivo
el amor sin que estudie

mude mude

que puede hazer altivo
en su encanto no floxo
campo azul , Cielo verde

jasmin roxo

mas ay que a amor burlado

en han tus iras constantes

antes antes

que tu pecho mudado

verè en este oriente

fiera dulce, ave queda,

movil monte

aprisionese layoz

que metricas consonancias

son señales de quien vive,

no indicios de quien acaba ,

dime adonde estas Alexo

si has de venir a que aguardas

aver-

a verme morir , ya muero
 sea que muera , estoy sin alma:
 buelbe buelbe , mas en vano
 te llamo aun sin la distancia
 que no es sordo el que está ausente
 solo es sordo el que no ama

Sale Alexo

Al. Ya llego a vista de Roma
 donde de amor la batalla
 me ha de dar el mayor triunfo
 que ya mas vieron sus plazas:
 el cansancio , y sed me astigén,
 ay quien compassiva, y grata
 un bucaro de agoa dè
 a un peregrino ,

Rom. Demandas,
 lo que allarás en mis ojos
 porque dos fuentes derraman

Al. Valgame el Cielo! esta es Roma!
 dissimule mi importancia
 que estas las perlas que busco
 son para sacrificarlas
 a la Deidad , cuyo imperio ,
 hasta la piedad arrastra.

Muy liberal dama hermosa
 os miro aqui quando grata
 me dais dos fuentes de perlas
 pidiendo un bucaro de agoa,

però

però si bien considero ,
aun despues de gloria tanta,
yo me quiziera sediento,
por nò veros contristada ,
mas porque tanto dolor
no olvidaes?

Rom. Amor le causa ,
y segùn dize el adagio ;
mal olvida quien bien ama.

Al. Si lloraes ingratitudes.

Rom. Esso lloro.

Al. Pues dezaga ,
la piedra de la cruedad ,
la piedra de la inconstancia.

Rom. Ay que una auzencia padesco
tambien , y es de mayor ancia ,
que una esquivez padecida ,
una auzencia tolerada ,
imposible es a mis ojos ,
aquel por quien vieron , basta . *llorar.*
porque adonde sobra el llanto ,
luego las razones faltan.

Cant an dentro.

llorava la braba Roma ,
de Alexo la auzencia estraña ,
que ya se precia de tierna
la que presumio de braba ,

llorava.

R y su

y su llanto sus armas ablanda.

Rom. Ya la musica os ha dicho,
lo que mi altivez recata,
que no ha de callar la voz,
adonde las piedras hablan.

Al. Si hablaran dixeran que.

Rom. Dixeran que? que se partan,
que como ay almas de piedra,
ay tambien piedras con alma,
y llegando a mi dolor
su naturaleza pasan.

Al. Gran Señora el olvidarlo
os es aqui de importancia.

Rom. Ay Alexó conio me yeses.

Al. Ha pecho como te ablandas?
que compassion!

Rom. Que pezar!

Al. Que terneza!

Rom. Que delgracia!

Mus. El fuerte Romano llora
viendo que Roma llorava.
porque es hombre en el dolor
aunque piedra en la constancia,

y su llanto sus armas ablanda.

Al. Admirado estoy Señora,
viendo en vuestras perlas caras,
que tan tiernamente llora,

quién tan duramente mata.
La triunfadora del orbe
haveis sido , solo os falta,
de vos misma el vencimiento ,
intentad aquesta hazaña ,
que es mas venceros a vos ,
que vencer a todo el mapa.

Rom. A estar capaz de consejo ,
de vós solo lo tomara ,
y mas quando en vuestras ojos ,
veyo qué mi pena amarga ,
acompañais compassivo ,
mas ay que en terneza tanta
no es mucho que llore un hombre
adonde una pena ablanda ,
en mi palacio os quedad ,
hasta que prosiga vaga
vuestra peregrinacion ,
que no sé que en vós se halla .
que hazeis mas blanda herida ,
quando no curais la llaga :
y pues agoa me pedisteis ,
en esta texida olanda ,
en bucaro de asucenas ,
os ofresco un mar de agoa .
tomad en mi lienço el llanto ,
que quiero offreceros magna
pedaços del coraçon .

no sé porque oculta caula,
porque la razon la duda
quando la conoce el alma.

Al. Mil veces quedo deudor
a vuestra accion soberana ,
pués la entrega que me hazeis,
es de tan grande sustancia ,
que un sur de perlas en ella
es lo que menos se halla :
a descansar de mi afan
en vuestra augusta morada ,
me quedare.

Rom. Soy contenta
de que os abrigue mi casa,
entrad pués.

Al. Ya llevo amor ,
por sacrificio a tus aras ,
estas perlas que a mis ojos ,
o se affinan , o se esmaltan ,
por ellas he buelto a Roma
era precizo llevarlas.

Vase.

Rom. No se que este hombre se tiene,
que mas me enternece el alma. *Vase.*

Sale Marco.

Marc. Aunque mi Señor lo siente ,
entró en Roma denodado ,
que no fuera yo Criado
si fuera mas obediente ;

man-

mandò por mas se esconder,
que en Roma no andasse vago,
mas yo quando sirvo, hago
jura de no obedecer,
no oygo que Roma le cobre,
serà que en tanto ruido,
lo dexò por escondido,
o le perdonò por pobre,
es un loco, y lo parece
en dexar tal occasion,
todo por una vizion
que habla, y desaparece,
una fantasma, o encanto,
que le manda si se tema,
que vaya de Edessa a Roma
para que le traiga llanto,
como quien perlas le pide,
y el lo caso sin mas ver
echando luégo a correr
de todo mas se despide.

Sale Cezar.

Cez. No es possible hallar de Alexo
nueva alguna que me importe,
assí me buelbo a la Corte,
mas el que en sus puertas dexo;
no es Marco de Alexo si

Criado.

Marc. Hame reparado.

Cez.

Cez. No sois de Alexo Criado?

Marc. Yo jamas le conoci.

Cez. Esta repuesta, o su gala,
pagareis a vuestra cuesta.

Marc. Si San Pedro esta repuesta
diò, como puede ser mala?

Cez. Dexad locuras que aqui
de Alexo haveis de informar.

Marc. Desde que le di a criar,
Señor Cesar no le vi.

Cez. Pues muera , y sepa el palacio ,
lo que a sua muerte me atiça.

Marc. Señor no me dè tal prissa ,
que quiero morir de espacio.

Cez. O me hasde hablar , o si mientes,
la muerte en mi azero vè.

Marc. Dexe primero que dè ,
luto a todos mis parientes.

Cez. O de Alexo hasde dizir ,
o el pecho te hede clavar.

Marc. Ostèd no puede matar ,
a quien nò quiere morir ,
mas ya digo lo que inquiere.

Cez- Donde está Alexo ? responde.

Marc. Digo que Alexo está.

Cez. Donde?

Marc. Estará donde el quisiere.

Alex. Pues ya tu muerte decreto

en la occasion offerecida. *Empuña.*

Marc. No me mate por su vida ,
que es contra el quinto preceto.

Sale Roma.

Rom. Que es esto Cezar ?

Cez. Es que en tal fortuna
no trahiendo de Alexo
nueva alguna ,
este Criado suyo ,
hallo Señora , e como tal arguyo ,
que del sabrà ,
quando fu tema , e impuesta ;
se finge loco , por no dar respuesta.

Rom. Es Marco , mas tan poco
loco se finge ,
que en verdad es loco ,
y Alexo que es discreto ;
nò fiara a tal hombre
tu secreto ,
mas con todo prendedle
y dadle tratos .

Marc. He llegado al pretorio
de pilatos ,
à secretillo , como estas doliente.

Rom. El cordel nos dirà , se acaso miente.
Señora , ha tal porfia ,
porque tales albrisias perderia.

Sale Constantino.

Rom.

Rom. Que trayes Constantino?

Conſt. Gran Señora ,

vengo annunciar el Sol ,

sin ser Aurora ,

una muger , grossero aora estubé ,

una dama , aunque es flor ,

muy corto andube ,

una estrella, que poco lo encaresco ,

un luzero, a dizirte mas me offresco ,

una ninfa , estoy loco ,

un portento, un prodigo, todo es poco

una deidad: aora si; prosiga ,

que despues de deidad no ay mas que
diga ,

de luces tan sublimes adornada ,

de tal farol cercada ,

qué si mas no la viera ,

ya por hija del Sol la conociera ,

por tal la tube luego que la vi;

mas quando llegò Febo a tal zení

en su compuesto trae tal tesoro ,

que dòs veces con el es tierra el oro ,

quando el de que se adorna es luz tan

pura ;

que le sirbe de espejo a su hermosura ,

y el cristal que se trae tan lúzido .

que le sirbe de gala a su vestido ,

siendo , que assí lo dexos

guarni-

guarnicion el cristal, el oro espejo,
dizir de su tocado en tal desbelo,
es subir mas alla del intimo Cielo;
quando sus plantas bellas
me parece que asientan sobre estrellas
por entre perlas que su ropa muestra,
otra ueste mas rara nos demuestra,
cuja luz no diré,
porque al ir la a mirar luego cegé,
mas quando su esplendor aqui con-

quistó,

yo bolbiera a cegar de haverla visto,
su calçado a mis ojos lo perdono
de piedras preciosíssimas compone,
y en esfera tan alta,
ay safira en que el Cielo se retrata
mirando mas de espacio,
al Sol vi convertido en un topazio,
y porque a sus pies siempre esté cons-
tante,

el amor transformado en un diamante,
estos pues en adorno prodigioso
son los cimientos de su cuerpo her-
moso,

su gracia, su donaire, su hermosura
será hecharlo a perder con la pintura,
diganlo, quando al verla si lo aprue-
yan,
los

266 *Enganos do Bosque,*
los ayres paran , fy los montes mue-
van,
esta pues rara idea,
prodigiosa muger, hermosa dea,
dize que hablarte quiere, este es su a-
nelo,
dichosa tu pues que te busca el Cielo,
no es la primera vez como imagino ,
que el Cielo annuncia a Roma Con-
tantino.

Rom. O estás encarecido en lo pintado,
o alguna diota a verme se ha dignado
buelbe a dizirle que entre , y luego
sea.

Marc. Y quanto va , que con todo esto
es fea,
con galas, oro, si , piedras preciosas
hasta las fregonaças son hermosas.

Llega Constantino a la puerta.

Const. Entrad Señora q ya Roma espera.

Cez. Todo el sol ha baxado de su esfera.

Sale Jerusalen.

Rom. Que divina beldad, mirar meresco!

Const. Ya gran Señora veis que no en-
caresco.

Rom. Antes muy corto has sido ,
que solo assi tal diota no ha excedido.

Jer. Salve o Roma del orbe militante.

sol

Rom.

Rom. Salve beldad celeste, la triunfante,
de humanos gloria.

Jer. De guerreros norte.

Rom. Vizion de paz.

Jer. Espada de mavorte.

Rom. Que ocasion a mi Corte os ha tra-
hido?

Jer. A buscar un amante aqui he venido
que en vuestra casa està.

Rom. Esto me assombre,
porque a tanta deidad, no miro hom-
bre,

aunque a los grandes mi palacio acoje.

Jer. En tu mismo palacio te récoje.

Const. Quien es Señora el dueño ventu-
roso,

que tiene al mesmò Jupiter zeloso?

Cez. Quien es dizid, porque el amor
lo cante,
el dueño amado , el venturoso a-
mante.

Jer. Es el dichoso que adornò sus sie-
nes,
un peregrino que en tu casa tienes,
es mi amante , y mi esposo sin reparo,
te vengo a pedirte.

Rom. Caso raro !

Cez. Cahí de mieesperança en lo profun-
do, *Const.*

Const. Aqui de todo el Cielo , y todo el mundo.

Marc. Juegan al renegado,
mas Alexo la polla se ha llevado.

Rom. Esse que es tu demanda,
en mi palacio, entre mis siervos anda;
no tengo duda alguna en entregarle,
por piedad le ampara, puedes llevarle,
però de tal fortuna no diò seña.

Const. Sin duda es mucho mas de lo que
enseña.

Rom. Olà llamad al peregrino luego.

Cez. En aquestos jardines con losiego ,
le vi al sueño rendido

Const. Entre estas ramas se quedò dor-
mido.

Apartan las Ramas , y aparece Alexo
dormido.

Rom. Quien serà Cielos este peregrino,
que de tanta hermosura se hizo digno?

Alex. Por sueños soy Alexo Romano,
el hijo de Aglaes , y Eufeminiano.

Rom. Que es lo que oygo, ya mi pena es
muchá,

a mi amante te he dado.

Alex. Roma escucha,
y veras tus passiones moderadas.

Rom. Ay prendas mias por mi mal hal-
ladas!

Cez.

Cez. Entre sueños hablò, mas quien di-
xera

si no es por sueños , que este Alexo
fuera?

Rom. Por decreto de Amor desconocido,
però ya por mi mal le he conocido ,

Alex. Que es esto esto adonde éstoy dul-
ce desvelo , *despierta.*

en tierra me acosté,despierto en Cielo?
Jerusalen no es?

Rom. Dime inimigo.

Cez. Calla Roma,que yo soy el que digo,
que aquel que te offendiere,
aunque por su favor el Cielo viere
mi azero passará de parte a parte.

Jer. Tente Cesar q aqui no vale Marte,

Alex. Valdré yo para mi.

Marc. Texido éntablo.

Jer. Todos me escuchen, que yo soy
quien hablo:

Jerusalen Celestial,
augusta Princeza soy ,
hija de un Rey quando menos,
quando mas hija de un Dios ,
este de Reyes Monarca ,
el hermoso ser me diò
encerrando alma de gloria
en cuerpo de admiracion

criome pues tan altiba,
con tanta pompa , y honor ,
que ojos no vieron, ni oidos oyeron lo que encerrò ,
de grandeza en mi , y es tanto ,
que puzo por galardon ,
mi assistencia al que en sus lides ,
valeroso campion ,
a mi casa lleva el triunfo ,
que sin esto no triunfò ,
por esso la antonomasia
assilo acertò tu voz ,
la triunfadora me llama ,
y a tan sobido esplendor
apellida como puede ,
però como debe nò ,
que mi devido epiteto
no cabe en la explicacion ,
supo pues mi inuito padre ,
como Alexo , esse garçon ,
cuyas prendas , cuyos lustres ,
cuya virtud , y valor ,
despues de nacer un hombre
le fizieron un Semidios ,
supo como enamorado ,
de copia mia dexò por buscarme , y por servirle ,
padres , patria , estado , honor ,
y le

y lo que mas fuè tu mano ,
en tan generosa accion
hecho un pobre peregrino
aquel sogeto mayor ,
que vio Roma , y obligado
el Monarca Superior
de tan heroica finéza ,
nò quizo tu estimacion ,
hazer del amor delito ,
quando es merito el amor ,
antes al contrario viendo ,
que en quanto rodea el sol
no ay igual a mi persona ,
a Alexo feliz nombrò
para mi esposo , queriendo ,
en tan suprema occasion
fuese el merito el que diese ,
lo que el possibile no dio
a su preceto rendido
no digo a mi inclinacion ,
que adonde està su precetor ,
solo el està , me ordenò ,
venga buscarle a esta Corte ,
quando mi astucia dexò ,
en sus burgos alojada
la comitiva que al sol
desprecia la luz , adonde
vienen por mayor blazon ,

millares millares digo,
 que hazen escolta a mi honor,
 y hande bolber con Alexo
 a mi Corte, adonde amor
 oy celebra el mayor triunfo,
 a tu vista Roma estoy,
 ya me has dado lo que es mio,
 no ay violentar la passion
 del hombre, Alexo me adora,
 y nunca a ti te lengañò,
 y no puedé haver i grabio
 adonde no huvó traicion;
 si le amas, vencerè,
 pues no conviene en tal voz,
 a una muger con corona,
 un hombre sin coraçon,
 quando tus hazañas cuenten
 no repitan por baldón,
 que quien ha vencido un mundo
 yaze prostrada aun dolor,
 y mas quando tus grandezas
 en este lance de oyse
 han sobido hasta los Cielos,
 pues todos tus triunfos no
 te han dado nombre tan grande
 como te ha dado el honor,
 de tener vassallo tal,
 que mi mano mereciò.

Alex. Dexad Señora que humilde
indigno de tal fabor,
vuestra planta adore.

Jer. Alçad
incompatible amador,
pues del amor el laurel,
vuestra fineza ganò,
y en mi Corte os corona.

Conſt. Que arras dime a tal blazon,
a desposorio tan alto,
Alexo dà.

Alex. Ya las doy
en este lienço de perlas,
que por mi Roma llorò,
venciendo al verlas correr
mi piedad, y obligacion,
aqui Señora os offresco
de la hermosura, y amor,
el llanto a que resisti,
quando las piedras partiò.

Jer. Eſſas arras te he pedido,
por el mas precioso don,
porque no vence el que huye
ſi no el que mira.

Alex. Perdon
me has de dar hermosa Roma,
quando reparares oy,
que la razon me detculpa,

y no ay culpa con razon.

Marc. Perdonarà se quiziere,

y si no quisiere nò,

porque es mucho perdonar.

Rom. Valgaine aqui mi valor,

para que el ardor del alma,

no le me asome a la voz,

y se vença assi quien supo

domar el belico son,

desde la cuna de febo

hasta la urna del sol,

de Alexo la ingratitud,

para todos

de mi brio el pundonor,

el decreto de tu padre,

el pezo de la occasion,

de mi coraçon hizieron

otro nuevo coraçon,

mayor si acaso es possible

ser mi coraçon mayor,

pues es coraçon que solo

supo domar vencedor

en el mas remoto clima,

en la mas clara region

del barbaro la fieraça,

del indomito el ardor,

enmendose mi fortuna

advertiendo que no son

para el pecho de Belona

los rendimientos de amor
passe por ayre el suspiro,
passe por susto el dolor,
passe por cristal el llanto ,
y pues que todo passó ,
passe yo de ser quien fuy,
para que quede quien soy:
assí quedad persuadidos,
los que vistéis mi passion ,
que llore como Sabina ;
però como Roma nò ,
a Venus le postre Marte;
a Dalida si , Sansón ,
a Antonio rinda Ceopatra ,
tanto azero en una flor ,
y aquella ilustre matrona
que mis huestes invistió ,
cara a cara , brio a brio ,
dexé vencer tu tezon
de mi triunfo en la cadena ,
mas yo vencedora yo ,
lo que rendí por mi affecto ,
cobre aqui por mi valor ,
porque la fama ligera
cante en sonoro pregon ,
que quien ha vencido a tantos
tambien assí se venció ,
Jerusalen con Alexo

logre el sceptro superior
de triunfante , porque a mi
me basta para blazon,
que diga uniforme el orbe
en una , y otra region.

Dentro Caxas , y Vozes.

Viva Roma, Roma viva,
que tal bassallo crio.

Jer. Dizid tambien, porque escuche
entre el belico rumor.

Caxas , y Vozes.

Viva Jerusalen viva ,
que tal esposo eligio.

Musica.

Jerusalen , y Roma,
vivan las dos ;
pues de Alexo los triunfos
de entrabbas son.

F I M.

ACTO ALEGORICO
 A
S. ALEXO,
 INTITULADO
AMOR ES FÉ.

Personas que hablan en ella.

Alexo Principe.	Gloria Princeza.
Remolo Principe.	Roma Dama.
D.Falanjes Principe.	Sabina Dama,
Guion Gracioso.	Aglaes Dama.
Mirlina Sabia.	Musicos

Sale D. Falanjes.

D.Fal **G**racias a Dios Chipre hermosa
 patria del Amor serena,
 que ya tu alegre marina
 pizan mis plantas soberbias.

Sale Alexo.

Alex. Ya buelbo a ti Chipre ilustre
 a ver si dichosa encierras,
 aquella gloria con que
 suba al Cielo tus Almenas.

D.Fal.

D.Fal. Como eres del amor patria,
quien duda que a gloria tengas,
porque donde el amor vive,
alli la hermosura reina,
mas nò es Alexo el que miro?

Alex. No es el Principe de Creta,
el que veo?

D.Fal. Como aqui,
tu propria Corte passea
si tan auzente dizian
que estava.

Alex. La en ora buena,
a mi amistad doy de veros
en mi Corte.

D.Fal. Y yo de en ella hallaros,
tambien la quierò,
que me dizian que fuera
de vuestro Reyno a gran tiempo,
andaveis sin que mas nuevas,
de vos supiesen.

Alex. Fue assí,
mas ya precisa la buelta
ha sido, y en este instante,
dezembarco adonde encuentra,
con un amigo fiel,
una amistad verdadera,
para que a mi ilustre Corte
den esmalte vuestras huellas.

D.Fal.

D.Fal. De aquel tiempo que assisti,
por vuestro huesped en ella,
con las causas que sabeis ,
tanto os ama mi fineza,
que con vos partiera el alma,
caso que la dividiera,
en esta verdad fiado,
espero que de la auzencia ,
que de vuestro Reyno hizisteis ,
la causa me digais.

Alex. Fuera

desdoro de mi amistad,
hazer del secreto tema,
y mas quando por la misma
oy todo el orbe se inquieta ,
la fama , o la admiracion ,
aunque en si son tan diversas ,
que una en los portentos pasma ,
y otra en los prodigios buela ,
a Chipre mi heroico reyno ,
la feliz noticia lleva ,
de la belleza de gloria ,
ilustriSSima Princeza
de Jerusalen, de quién
los que la han visto me cuentan ,
que queda como en el Cielo ,
aquel que la vè en la tierra ,
entrò amor por el oydo
sin mirarla, porque fuera ,

yà

Enganos do Bosque,
ya despues de haverla visto
obligacion la fineza,
el conceto hizo la Fé,
la Fé el Amor, porque sea
amada como deidad ,
quien de muger se desdeña,
luego olvidè la attencion ,
que dava a tres damas bellas ,
agradecido, no amante,
sin que las constantes veras ,
con que me amavan pudieslen ,
romper mi heroica fineza ,
dentro en mi Corte vivian ,
porque mas cerca murieran ,
tan ilustres, que a mis nupcias
aspirava su soberbia ,
Sabina de clara estirpe ,
Roma de regia ascendencia ,
Aglaes mi misma sangre ,
ha dado esmalte a sus venas ,
todas tres se competian ,
ilustres , sabias , honestas ,
que aunque olvidè su hermosura ,
no puedo negar sus prendas ,
era mi gloria mi gloria ,
y si possible me fuera ,
partiera luego a buscarla ,
a tanto el amor empeña ,

mi pecho , quando a este tiempo ,
su ilustre padre que oy reyna ,
manda convocar el orbe
para que en su busca sea ,
porque un encanto la oculta ,
muy pocos a la palestra ,
salieron , porque quedaron
suspenso en su pereza ,
en los lexos de un encanto ,
la puzo mi estrella adversa ,
con que de mi triste amor
el primer passo es la auzencia :
quedè qual dia sin luz ,
quedè qual concha sin perla ,
quedè qual campo sin flor ,
como noche sin estrellas ,
luego a buscarla sali
occulto , que esta cautela ,
a muchas causas devia ,
corri la estendida Grecia ,
el undoso Archipielago ,
dexando para prostera ,
mi patria donde fali ,
sin registrarla , porque era ,
si acaso en ella estubiesse ,
desdoro de mi fineza ,
quando la busco , el andar
tan pocos passos por ella ,

toda

toda la Grecia inquiriendo,
gruta a gruta, peña a peña,
a mi Reyno buelbo adonde,
en su marina serena
me hallais, si acaso le corro,
sin hallarla con presteza
le dexare discorriendo,
por ayres, mares, y tierras,
desde la zona que abraza
hasta el tropico que yela,
por hallar mi gloria amada,
y aunque el mar en sus horrendas
cabernas la oculte, adonde
escondida ninfa sea,
aunque la tierra en sus senos
la guarde, y alli se vea
a competencias del oro,
aun sin tener competencia,
y aunque los Cielos la suban
a su cristalina esfera,
para que añada gloriosa
el numero a sus planetas,
aunque el horroroso abismo
la encierre en su llama misma,
y en ella, y en el compitan,
las luces con las hogeras
aunque en su guarda se mire,
aunque sea en su defensa,

la que el tebaño rindiò
hidra de siete cabeças,
la sierpe que Libia cria,
en sus arenas dezertas,
el indomito Leon ,
a quien el Africa engendra ,
aque'l pès del mar gigante ,
que en fus senos se passea ,
y es promontorio de lexos
siendo ballena de cerca,
aque'l escamoso monstro ,
que en el Nilo se alimenta ,
y llora como muger ,
para tragar como fiera,
aque'l disforme gigante ,
que en los campos de Judea,
siendo su altura seis codos,
fueron su estrago tres piedras ,
aque'l espin que en su boca,
a Calcedonia amedrenta ,
pues cada diente que esgrime,
es una parca que lleva:
aque'l horroroso monstro ,
que en labirintos de Creta ,
acabò del valor triunfo,
siendo del amor afrenta ,
de Roma todas las armas ,
toda la astucia de Grecia ,

del Tonante tanto rayo
 de Marte tanta brabeza
 tengo de verme a sus ojos ,
 porque todo 'el orbe sepa ,
 como Alexo por la gloria,
 en y tantos riesgos se empeña.

D.Fal. Y que me direis amigo,
 si la misma causa es essa ,
 que oy peregrino me trae?

Alex. No me admiro , si por ella,
 tantos Principes del orbe,
 han salido de sus tierras.

D.Fal. Pues quien por la libertad
 de una tan alta Princeza ,
 no aventurara su vida ,
 que lo demas fuera affrenta ?
 yo tambien tu fama adoro
 aunque con menos terneza ,
 que vos mas con tanto enpeño ,
 al fin como fuere sea
 hira como obligacion ,
 quando no como fineza.

Alex. Pues discurremos los dos ,
 aunque por diversas sendas ,
 competidores , y amigos ,
 en su busca , porque sepan ,
 que ni siempre dissensiones ;
 engendra la competencia

y si

y si acaso.

D.Fal. Y si por dicha.

Alex. El honor de aquesta empresa
fuere vuestro?

D.Fal. Vuestro fuere?

Alex. Coronare mi cabeça
con vuestro laurel.

D.Fal. Por mia
tendré vuestra gloria misma.

Alex. Aunque el amor lo lamente.

D.Fal. Aunque los zelos lo sientan,
mas como tan solo os hallo?

Alex. Es porque occulto en mis tierras,
quiero andar, y no ay ninguno
que de mi venida sepa.

D.Fal. Pues a dios hasta mas veros.

Alex. El os guarde,

D.Fal. El os defienda. *Vanse.*

Sale Remolo, y Guion.

Rem. Sin duda en Chipre està que por
grandeza,
corona amor su patria en su belleza,
la que cuna de amor fue por ventura
el throno deve ser de la hermosura,
con que aqui espero hallarla
despues de tantos dias de buscarla.

Guio. Tu empreza es loca dando al or-
be bueltas,

si han-

si andan ahí tantas mugetes sueltas
porque en acción errada,
corres el mundo por una encantada,
a los Cielos plugieran,
que todas encantadas se estuvieran,
y que mi dama quando pide tanto,
el no poder hablar fuera su encanto,
dexate ya Señor de esse desbelo,
y quedese la gloria para el Cielo.

Alem: - **D.Fal.** Rara está su simpleza
como puedo dexar tan alta empreza,
quando el que la ganare en tal re-
nombre,
inmortal con su fama hará su nōbre?
mi nobleza para ella me llamará
aunque su raro objeto no obligara,
pues me dicen que ha sido gloria her-
mosa,
del campo astro, si del Cielo Rosa.

Guio: Y si un Jayan descomunal la gu-
arda.

Alem: - **D.Fal.** Este inimigo ya mi braço agu-
arda,
porque menos contrario en la aven-
tura,
ni viene a mi valor, ni a su hermo-
fura.

Guio: Pues Señor solo queda, y sin soc-
corro,

porque yo con gigantes no me corro.

D.Fat. Porque cobarde vil son tus rece-
los.

Guio. Porq̄ quizieron escalar los Cielos,
y Dios no ha de querer aunque te as-
fombres,

que yo mire la cara a tales hombres.

D.Fat. Su cobardia al fin es de billano.

Guio. Tu mas hidalgo aqui , yo mas
christiano.

D.Fat. Aunque de un Rey hermano no
me viera,

con en el meſmo ardimiento proce-
diera,

porque este brio que mi fama escribe,
no es sangre, es alma que en mi pe-
cho vive ,

mas en un bosque opaco nos entra-
mos,

labyrintho de flores , y de ramos.

Guio. Que bellas cidras aquél Arbol
cria ?

D.Fat. Tres son , y yo las cojo.

Guio. Bobaria ,
será dexarlas, una me consiente.

D.Fat. Todas hande ser mias.

Rey. Va a cogerlas , y sale Mirlina.

Mirl. Tente, tente,

Caballero arrogante, e destimido,
no toques esas Cidras atrebido.

Ram: - *D.Fal.* Quien eres dime tu, deste terrestre,

si ay sylvestre deidad, deidad sylvestre,
que mi accion quitas? pero no es bas-
tante.

Mirl. A las Cidras no toques loco an-
dante,

o contra ti veras dar en delmayos,
los Cielos Aspidis, y los campos rayos.

Ram: - *D.Fal.* Quanto mas me las veda tu de-
seño,

en apurar su enigma mas me empeño,
y he de dexarla clara

Mirl. No sabes que de un Dios soy hija
cara,

y en estos Orizontes,
puedo mudar las peñas, y los montes,
y te hare sepultar si me desdeñas,
debaxo de los montes, y las peñas.

Guio. Señora bruxa dexe essas porfias,
no comeremos Cidra en nuestros dias
lo jura mi develo,
por alma de Mirlin su quarto Aguuelo.

D.Fal. Hè de cogertlas aunque mas me as-
fombres.

Mirl. Há de essas espesuras brutos hom-
bres

salvages fieros deste passo guardas,
en rielgo estan las Cidras.

Guio. Te presguarda Señor, que yo me
presguardo.

Salen los Salvages.

Rem. Calla villano, que en su muerte
tardo.

Guio. No quiere que te ayude nò.

Rem. La empreza
no reparte a ninguno mi brabeza.

Guio. Obediente naci,

Rem. Solo de ver sus gestos vrou temblan-
do.

Guio. *retirase.*

Rem. Morid satiros viles.

Mirl. A su braço,
ni el fuerte salvagino haze embaraço
há del León, que en África nacido,
en el bosque de Chipre tiene nido.

Guio. Leon Leon muger que has pro-
nunciado?

Mirl. Indomito feròs, sal a mi brado.

Guio. Señora echisera duelase de mí,
que soy niño, y solo nunca en tal
me vi.

Rem. Aunque llames las furias del Abil-
mo.

Mirl. La fiera llamo que ha de ser lo mismo,

sal Leon , y defiende en tal discordia.

Sale el Leon.

Guio. Señor Señor pequè, misericordia.

Rem. Llega fiera a mis braços,
que en ellos te he de hazer dos mil
pedaços.

tu cerbiz pize aquí mi planta altiba.

Guio. Estás vivo Señor?

Rem. Mi valor viva,
que ya la fiera he muerto.

Mirl. El hombre es Marte.

Guio. Aqui Señor estoy para cajudarte a
su entierro

lo mas fuera locura ,

Mirl. Pues ya que tu constancia siem-
pre dura ,

burlo las guardas desta fruta hermosa
a pezar mio deste campo Diosfa

pagarás tu locura destimida,

en la fortuna , quando no en la vida.
yo te hado

caballero atrevido , y denodado,

que en las Cidras que han sido tus
desbelos ,

pruebes lo que es amor , y que son
zelos,

y la

y la gloria que buscas tan subida,
no alcances ni en la muerte, ni en
la vida,

por mayor desbentura,
por tu culpa no logres su hermosura,
este su hado sea,

los Cielos lo confirmen, yo lo vea.

Rem. Escucha, aguarda, espera.

Guio. En la espesura te emboscó ligera.

Rem. Pues ya verla no ay,
corto las Cidras con la daga.

Ya a cortar las Cidras, é dízen dentro las tres.

Dent. las tres. Ay !

Rem. Parece que del Árbol respondieró.

Guio. Que son Cidras con alma nós di-
xeron.

Rem. Quien habla en tu corteza,
Árbol que siendo tronco das terneza,
y a mi toque que ya suspender házes
vida respondes, quando leño yázes.

Rom. por detrás del Árbol.

Rom. Somos de amor las Cidras desdi-
chadas,

que en esta fruta estamos encantadas.

Rem. Pues las Cidras de amor ya no pa-
saron ?

Guio. Son sus nietas Señor que aquí que-
daron. *T ii* *Sab.*

Sab. Somos las verdaderas,

que las ya decancadas son quimeras.

Guio. Assi se lo adivino,

pues murieron por agoa, y no por
vino.

Rem. Que el suceso digais aqui pedimos.

Aglaes. Hablar mas no podemos, ya dormimos.

Rem. Deidad que en aqueste pomo
el condes tantos mysterios
haciendo Altar de una Cidra,
quando hazes templo de un leño,
sal perla que ya mi daga
corta tu concha con tiento.

Saldra Aglaes por detraz del Arbol al cortar la Cidra.

que bella, que ayrosa Dama!

Agl. Dame a Alexo si no muero.

Rem. Alexo el Principe?

Agl. Si.

Rem. Anda auzente de su Reyno,
no es possible le veas.

Agl. Dame a Alexo si no muero.

Guio. Pues buelba a vivir de Cidra,
para no morir de extremos.

Agl. Dame a Alexo, ay infelice!
aunque Cielo, y tierra atiendo,

que

que miro si no le miro ?
que veyo si no le veo ?
auzente està , que del mayo !
muerto estarà , tambien muero ,
que como por el vivia ,
ya sin el viver no puedo ,
ya voy perdiendo el sentido ,
mas es tan fino mi empleo ,
que aqui el no haver de sentir
es solo lo que mas siento .

Canta con voz desmayada.

Los pulsos languidos ,
el pecho asperrimo ,
el cuerpo frigido ,
el pasmo autentico ,
muero , acabo , feneço .

Cae.

Guio. Fuese como un pajarillo ,
y lo ha sido hasta en los quiebros ,
Cidra en vida , Cisne en muerte .

Rem. Muerta està , valedme Cielos ,
para ver tanta hermosura
malograda en tanto excesso .

Guio. Pudiera morir por mi ,
hallarà aqui su consuelo .

Rem. No estoy para gracias loco ,
a la segunda passemos ;
que no es posible que a todas
predomine un mismo affecto .

con

con temor o ninfa hermosa
rompo el verde tosco seno,
donde saldras como luz,
si esta infeliz como fuego.

Guio. Salga de Cascara el pollo.

Saldra Sabina de la misma suerte.

Sab. Dame a Alexo si no muero.

Guio. Yo soy Alexo Señora.

Rem. Quita loco, aparta necio,
la segunda no me engaño,
primera en beldad la veo,
mas del mismo dolor muere,
templar su passion pretendio,
Señora Alexo está cerca,
y de traerlo prometo
a tus ojos.

Guio. Tente niña.

Sab. Dame a Alexo si no muero.

Rem. A su tiempo le vereis.

Sab. Ay que no llega ese tiempo
para quien promete cerca,
para quien aguarda lexos,
Alexo, mas no responde,
mas distante segun pienso,
le tiene su ingratitud,
que le tiene su destierro,
saca mi dançado aliento,
no vengas ver como vivo,

mas llega a ver como muero ,

Cantado.

el rostro palido ;
el mal acerrimo ;
la vista funèbre ,
los passos tremulos ,
muero , acabo , feneço , cae,

Ren. Ay malogradas bellezas!

Señora , Señora , ha muerto.

Grio. Señota Cidra de Amor,

ya se ha hido para el Cielo,
si acaso fue Cidra dulce.

Ren. De las passadas dixeron,
que agoa pedian , y aquestas
diferentes piden fuego.

Guia. Si yo en limon me convertiera ,
no me engaño en lo que pienso
dixerá en saliendo a voces;
dame vino si no muero.

Ren. dexar de ver la tercera
serà perder mi ardimiento ,
el fin de aquesta aventura ,
ninguno sabe de Alexo
para traherle si acaso
esta ninfa ama lo mismo
y creendo que esté en ella
otro mis alto mysterio ,
con todo temo el cortarla.

Grio.

si acaso a Alexo pidiere,
en este instante me acuerdo,
que tengo en la fralda quera
un retrato suyo , y cierto ,
que tan parecido está ,
que engañar a su dezero
podrá , yo me lo guardava ,
ya no sé para que intento .

Rem. Bien dizes aunque tardaste .

Guio. Bien digo , y te doy exemplo
en la fabulosa historiá ,
era Rey dizia el cuento ,
que de su gloria ambicioso ,
partió dexando su Reyno ,
a buscarla en aventuras ,
y despues de heroicos hechos ,
halló las Cidras de amor ,
las dos primeras hiriendo ,
salen dos Damas hermosas ,
clamando agoa si no muero ,
como en efecto acabaron ,
el entonces mas atento ,
a la tercera partio
junto a una fuente ; y bebiendo ,
quedó a sus piedades viva ,
quando el a sus ojos muero ,
tu que el caballero hazes ;

applicandose este cuento ,
que mi Aguela me contava ,
quando iba a hazerla pucheros
abfela junto al retrato
pues que su sed es de Alexo ;
y tendras la dama viva .

Rem. El dichoso pomo hiero
caxa de la mejor joya
pues toda un alma es su precio
Saldra Roma.

valgame Dios que prodigo !

Rom. Dame a Alexo si no muero .

Guio. Señor o dale el retrato ,
o dale los sacramentos .

Rem. Como he de dar el retrato ,
si estoy en sus ojos prezo ,
y en un instante de amor
corri mil siglos de zelos ,
Señora no sé que diga .

Rom. Dame Alexo si no muero .

Rem. No está aqui Alexo Señora .

Rom. Ay infeliz que feneço .

Rem. O le he de dar el puñal
o he de tomar el veneno .

Guio. Quieres hazer esta selvas
de las Cidras cimenterio ,
dale el retrato .

Rem. Le doy ,

mas

mas como si adora a Alexo ,
 le he de dar? quien se avra visto,
 en lance de mas aprieto
 desde que el mundo fue mundo,
 desde que el Cielo fue Cielo,
 que haré ? que resloveré ,
 en tan arriesgado empeño ?
 o ella hade morir de amor ,
 o yo he de morir de zelos.

Rom. Ya va faltando la vista ,
 ya va cansando el aliento ,
 el coraçon palpitante ,
 el discursio como ageno ,
 al fin ya la vida falta .

Rem. Parcas suspended un tiempo ,
 y la dé espacio Laquesis ,
 Atropos tu rigor fiero
 nò corte , que desta vida ,
 pendientes van dos aientos .

Guio. Buena fineza de amante ?

Rem. Bien dizes , yo me resuelvo ,
 viva ella , y muera yo .

Rom. Dame a Alexo si no muero .

Rem. Aqui está Alexo Señora .

Rom. Que dizes que no lo creo ,
 Alexo , hablame Señor , *dale el retrato* .
 mas ay que es sombra , y no cuérpo ,
 y aun assí respira el alma ;

cuando su retrato veo.

Rem. y no solo su retrato ,
mas a el vereis muy presto ,
que està vivo aunque estè auzente
yo mismo añado mis zelos.

Rom. En vuestras voces revivo
mas quien lo figura

Rem. Remolo,
ayer Infante de Tebas ,
y oy mas por elclavo vuestro.

Guio. No vi Cidra tan hermosa.

Rem. Ya que mi nombre os he dicho ,
assi pudiera mi affecto ,
saber el vuestro quisiera ,
y deste encanto tan nuevo
la causa.

Rom. Si me atendeis ,
decifraré sus mysterios.

Rom. Mi nombre es Roma , mi principio
nada ,

aunque ya de laureles coronada ,
se mira mi ascendencia prodigiosa ,
con que naci tan noble como hermosa
mi cuna Italia , quando ya crescia ,
a Chipre me passé donde vivia ,
mas aqui me engañava ,
en Chipre no vivia porque amava ,
reynava en ella Alexo generoso ,

galan

galan Adonis , Marte belicoso ,
 que en su braço , y su gesto ,
 Marte, y Adonis hazen un compuesto
 a su brio , a su gala, a su cordura,
 se inclinò mi altibez , no mi locura,
 porque amar un sogeto quando es
 digno ,
 mas parece razon que desatino ,
 al fin tanto le amé .

Rom. Yd adelante .

Rom. Perdona el ser muger , que soy a-
 mante ,
 estas dos hermosuras malogradas ,
 que Aglaes , y Sabina son nombradas ,
 en su Corte vivian ,
 y en su Corte tambien , por el morian ,
 haziendonos assi vuestra fortuna
 en destino , y nobleza todas una ,
 Sabina que en estrella tan dichosa
 nonbrada estava ya para su esposa ,
 aunque el joven Señor de su alvedrio
 burlava su esperança en el desvio ,
 Aglaes que tan dulce le queria ,
 que mas madre que dama parecia
 desta passion passavamos flechadas ,
 todas tres bien heridas , mal curadas
 quando impensadamente ,
 Alexo de su Reyno en un repente

desa-

desaparece , y luego claro estava
el espejo en que Chipre se mirava
a búsquarlo partieron ,
y aunque mil diligencias pretendieró
descubrirle , se dio por impossible
ni traherle quedaya muy posible ,
porque tanto lloraron nuestros ojos ,
y tanta es su crudeldad , por mas eno-
jos ,
que entre nos otras , y el ya con es-
panto ,
ay monte de crudeldad , y mar de lláto .
passaranse de tiempo en tantos daños ,
diré si mido el tiempo , que dos años ,
dos siglos fueron , mas que digo : mien-
tò ,
que ya mido el dolor , y no hallo cuen-
to ,
y en una triste ausencia ,
el relox corre traz de la impaciencia ,
una mañana pues desengañadas ,
ya de nuestro dolor exasperadas
hablando del , llegamos con desbelo
a este bosque , de flores verde Cielo ,
tanto nos embebimos ,
en el dolor de quien asunto fizimos ,
que sin hazer reparo , en tal trespasso ,
en un rio cahimos , que haze paso ,
a este

a este lugar adonde caso extraño,
ya quasi somergidas en tal daño,
este arbol se inclinò que aqui es su
orilla,

y se abrieron, ò rara marabilla!

las tres Cidras que viste, y en sus se-
nos,

nn tres recogieron no te informo menos
adonde nos quedamos recogidas ,
o mal vivas infante , ò bien dormidas
que mas compassion tiene en tanta

calma ,
leño sin vida si, que hombre con alma.

el tiempo que aqui estube , no el que
lloro,

Cipre siempre te lo dirà, que yo lo ignoro,
mas solamente sé que agradecida
la libertad te devo con la vida ,
que esta si la de un triste assi se nom-
bra ,

su luz restituyó con esta sombra ,
piedad que Alexo en el retrato ha
hecho ,

porque tiene su rostro, no su pecho,
pues caben en su esfera.

semblante de hombre coraçon de sie-
ra ,

y aun de su sombra la piedad no a-
precio , pues

pues la vida me da que ya desprecio,
este el successo ha sido ;
que a tan estraño encanto me ha tra-
hido,
y en el tu braço fuerte
a las guardas presumo diò la muerte,
y estas dos hermosuras macilentas,
rosas ya desmayadas no sanguinetas, mas,
estas infiustas damas, mas,
que oy son cenizas si ayer fueron lla-
muertas a su passion quando salieron,
de amor vivian, y de amor murieron
porque claro se infiere,
que no vive de amor el que no muere:
quedarán por exemplo a lo futuro.
de constancia segura de Amor puro,
y tu que en estos pomos por acierto
tal secreto de Amor has descubierto
bien puedes publicar joven osado.
que las Cidras de amor tienes hallado.

Rem. Por muchas causas señora
admiro el discurso vuestro ,
de quien estubo pendente
mi attencion , digo mis zelos, ap.
dizidme aora hasta adonde
me mandaes os yá serviendo.

Rom. Hasta una casa de campo,
que por este sitio tengo ,
y des-

y despues , a dios Infante.

Rem. Esse a dios está mui lexos.

Rom. Porque?

Rem. Porque nò se aparta
el que se ha dado por preso.

Guio. Como eres fruta de espino,
no hasde delazirte presto.

Rom. Y las damas? mas que miro
ya la espesura en sus senos
a poco a poco las recoge.

Rem. Pues assi se las dexemos ,
que entre su vida , y su muerte.
ay aqui grande mysterio.

Guio. Muy aspera es la mortaja.

Rom. Pira de çárças , y leños,
en un verde mausoleolo ,
ya nos esconde sus cuerpos.

Guio. Delpues de Cidras de amor,
en carrascos se bolbieron.

Rem. Yo os voy siguiendo Señora ,
y porque una empreza, *tergo*,
que me quitò de mi patria
por acabar no me queda
en esta Corte a serviros ;
però bolberè de presto ,
girasol de vuestras luces ,
a vivir de sus reflexos.

Rom. Para que , si no soy mia ?

Rem.

Rem. Para que porque soy vuestro.

Rom. No bolbais que es deflatino,

Rem. Bolberé porque es acierto.

Rom. Y se quedais desdeñado?

Rem. Tan poco son vuestros seños:

Rom. Si los quereis os aguardo,
mas tan poco no es Alexo, *os Alexo*
ò bolbais o nò bolbais.

Guio. Ya la Cidra habla en concepto.

Rem. Bolberé a vivir de amor,
aunque me mateis de zelos ,
o hados los de Merlina.

Rom. O' ingratitud la de Alexo ,
como te convences tarde!

Rem. Como me alcançais de presto.

Sale Gloria con volante en el rostro , y entan-
to que suena la Música se pasea.

Mus. La Señora de las gentes ,
reyna de Jerusalen ,
se oculta en estos jardines ,
porque la busquen por fé ,
ay de aquel ,
que su rara beldad no llega a ver.

Glor. Ay de aquel ,
que mi rara beldad no llega a ver ,
ay de aquel que en tal desmayo ,
llamado de mi belleza .

se queda como pereza,
y no corre como rayo,
a muchos miro, y incluidos,
pues me buscan tan pezados,
que siendo tantos llamados,
pocos seran escogidos,
dichoso aquél joven si,
que en occasion que se offrece,
si dese de quererse,
solo por quererme a mi.

*En tanto que la Musica suena, irá saliendo
 Falanges, y passeando Gloria.*

Mns. Sus bellos ojos esconde,
hasta su tiempo porque
pretende que ame Jacob,
antes de ver a Raquel,
ay de aquél,
que su rara beldad no llega a ver.

Fal. Pues no ay de ini porque ya
vengo a quitar con desbelo,
esta nube que a tu Cielo,
la luz ocultandò està.

Glor. Quien eres joven contrario
a mi respeto constante,
pues veo que de arrogante,
te pasas a temerario,
quién la gruta, que haze puerta,
a este jardin te enseño?

Fal. Mi deligencia la hallò,
para mi fortuna abierta,
por mas que occulta se estava,
mi valor la hizo notoria,
mas si acaso sois la Gloria,
que peregrino buscava,
dexad vuestro Cielo ver,
aunque hombre humano me hallais.

Glor. Primero que me veais,
teneis mucho que saber,
mi pecho he de relataros
antes que eche el velo fuera.

Fal. Solo escuchandoos sofriera,
el tiempo de no miraros.

Glor. Pero primero dizid
quien sois que así se decreta.

Fal. Soy el Príncipe de Creta
Falanges.

Glor. Està bien oyd,
mi padre El Rey cuyo Imperio
no se limita en la tierra,
pues estiende su dominio
sobre las mismas estrellas,
criò para su palacio,
una habitacion tan nueva
que por no tener color,
sus noticiás son emblemas,
esta Ciudad pues criò,

tan magnifica , que de ella
 siendo quatro los que escriven
 queda ninguno el que cuenta:
 a sus cimientos levantan
 Diamantes por la firmeza ,
 Safiras por la color ,
 Esmeraldas por la prueba ,
 por el esplendor topacios ,
 Jardines por la pureza ,
 Amatistos por lo roxo ,
 Jacintos , nò por la quexa ,
 que de su raro edificio
 estas han sido las piedras.
 este soberbio obelisco
 contiene en si doze puertas ,
 a que componen preciosas
 tanta Margarita bella ,
 y las tiene como énigmas
 aun que viven como perlas :
 de Cristal sus pavimientos
 oro sus murallas regias
 del mismo metal las calles ,
 del mismo espejo las tejas
 siendo el cristal tan brillante
 de esfera el oro tan tersa
 que el cristal , parece al oro ,
 el oro al cristal remeda ,
 en fin para referirte

sus esmaltes, sus riquezas ;
aun siendo su lengua yo
patece no tengo lengua :
mi padre, que a su desbelo
mira la ciudad perfecta
de sus grandesas en medio
me puzo a mi por lumbre
que aun que su compuesto ha sido
de tanta estrella en las piedras
de tanto Sol en el Oro ,
de tanta luz en la esfera
sin mi divina hermosura
sin mi singular belleza
era tierra lo precioso
eran las luces tinieblas
viendo que sus ciudadanos
quedan pagos solo en verla
de quantos servicios deve
la corona a su nobleza ,
y alli en repetidos tonos
todas mis gracias festejan
si es que ay sirenas divinas
con muzicas de sirenas
no quiero que los estraños
los Estrangeros tubieran
de balde , lo que a los proprios
les fue mucha recompensa ;
y assi despuzo que aquel

que

que desta inferior esfera
deste desigual terreno
quisiera ver mi belleza
no lo alcancé, sin que antes
a precio de sus finezas
compré la indiozada vista
para cuya accion suprema
me oculta en estos jardines
donde de mi Corte mesma,
soy assistida porque, se nombra en señas diversas,
paraizo quando aqui; Jerusalen quando en ella
dandome por encantada,
todo su designio era,
hiziesse el merito digno
el que hizo incapaz la essencia.
luego el pregon de la fama
diò por el orbe la buelta,
con la nueva de mi encanto,
a cuyos eccos se alteran,
para salir a buscarme,
los jovenes de mas prendas,
mas como el camino yerren,
yendo por ignotas sendas,
unos se pierden confusos,
otros pezados se quedan,
tu pues joven alentado,

que

que

que en estos jardines entra, que si
de mi deidad verde Cielo,
de mis pies celeste tierra,
tu que aunque a mi vista no
has llegado a mi presencia,
sin meritos de encontrarla,
con presunciones de verla,
si acaso si de mis ojos,
en cuyas luces se quema,
el Querube quando para,
el Serafin quando buela,
en cuyos luzeros raros,
sin tener noches opuestas,
para vestir tanta luz,
aciende el Sol siete hogeras,
quieres ver la beldad prima,
has de renunciar a Creta,
primero todo tu reyno,
todo tu fasto, y grandeza,
tu vanidad, tu tesoro,
que en tan feliz recompensa,
todo has de dexar por mi,
y en tener bien pago quedas,
una silla en mi palacio,
y en mi Corte una assistencia.
Fal. Sus propuestas son increibles,
quien tal disparate oyó,
yo dexar mi reyno, yò!

312. *Enganos do Bosque;*

la muger pide imposibles.

Glor. Parece que os suspendeis?

Fal. Vòs me haveis dado occasiōn,

pues vā fuera de razon,

lo que aqui me proponeis ,

si sin ver vuestra beldad,

diere por ella mi ser,

que me queda ya que hazer,

despues de verla ?

Glor. Es verdad,

mas para alcançar mi vista ,

con que meritos llegais,

si es que tanto no dexais ?

Fal. Estraña es vuestra conquista,

buscarla,que esta es mi quexa,

no basta,tu vòz me offusca ,

Glor. Nò , que no busca el que busca ,

y solo busca el que dexa.

Fal. Pues ha de dar su valor

antes que àme , el que nò vé?

Glo. Si si porque aqui la fé

es que haze paso al Amor

Fal. Con que me hallare si ozado,

doy mi estado sin mas còrte?

Glor. Con un lugar en mi Corte

que es mas que todo tu estado.

Fal. Que diran si mi grandeza

dexo los que me veran?

21

Glor.

Glor. Diran, mas nada diran
que no ay voz contra fineza.

Fal. Por un capricho que está
en un ver, y en un nò ver
he de pizar mi poder
y olvidar mi magestad.

Glor. O como ya a mis sentidos
dizen vuestros tristes hados,
que aun que sois de los llamados,
no sois de los escogidos.

Fal. Yo mi Reyno a tal cruidad
donde al sol los rayos peiró.

Glor. Pues quedad con vuestro Reyno.

Fal. Quedad con vuestra beldad.

Glor. De todo aquell que infiel
desprecia en culpa notoria
por la banidad la gloria
será metafora el.

Mus. Ay de aquell
que mi rara beldad no llega aver.

Va saliendo Remolo, y Guion.

Guio. La cueva por puerta alli
jardin Muzica extremada,
Señor, Señor la encantada
pienso que anda por aquí.

Rem. Sospecho que aqui la halle,
y una muger que a veroso
tiene la noche en su emboso,

bahiedas 739 2015 y el

34 Enganos do Bosque;

y el dia trae en su talle
que airosa que se pasea ?
serà entre tantos abriles
la flora destos pensiles
quando la gloria no sea
mas si a caso Gloria es.

Glor. Quien me nombra?

Rem. Ella es , señora
un feliz que llega a ora
al trono de vuestros pies
despues que en buscaros hecho,
peregrino en cierto modo.

Glor. Aun no lo aveis hecho todo.

Rem Porque?

Glor. Porque os falta mucho.

Rem. No sois vos la Gloria bella,
que en encanto aqui occultò ,
y el que primero la hallò .
la dezencanto en su estrella
dando al mundo esta vitoria ,
y viendo por cosa rara
vuestra belleza preclara ?

Glor. Es verdad que soy la Gloria ;
mas tambien es verdad si ,
que mi rostro no vereis
ni el encanto acabareis
sin hazer lo mas.

Rem. Dejid.

Glor. Antes de ver mi beldad

pa-

para tanto merecer
haveis de dexar por ella
todo quanto en vos teneis.
estado, pompas, riquezas
porque si lo hazeis despues,
todo es nada, que la vista
quita el merito a la fe.
de otra suerte, es imposible
que singular alcanceis
ni la gloria de mis ojos,
ni de mi encanto el laurel.

Guio. Hasta las entrañas pideor
valga-te Dios, por muger!

Rem. Si assi la ventura dexo
sin la acabar perderé
el honor que en ella gano,
todo condescenderé
con ella, y mi braço queda
para conquistar despues
mil Reynos, que a los pies pongan
de Roma.

Glor. No respondeis?

Rem. La repuesta gran Señora
vuestro valor os la dé.

Glor. Como?

Rem. Porque siendo tanto,
todo con vos nada es,
solo siento el ser tan poco.

lo que por vos dexaré
 hijo segundo naci,
 de Agamon de Tebas Rey
 con que mi estado es muy corto,
 pero deseara ser
 para dar a vuestras plantas,
 y poner a vuestrros pies
 Señor de quanto ilumina
 el delfico Rosicler
 quando en su cochē pasea
 los quatro polos que ve.

Guio. El hombre perdio el sentido.

Glor. Aun mas por me conocer
 tenieis que dexar.

Rem. Dezildo.

Gluso. Recelo que desta vez
 hasta el vestido le quite.

Glor! La dama a quien pretendéis
 que con medio coraçon
 ninguno me llega a ver.

Guio. Esso serà lo que yo
 de mejor gana daré.

Rem. La hermosura, aquien adoro.

Glor. Poco en dexarla perdeis,
 pues comigo queda Lia
 por mas que sea Raquel.

Rem. Mirad que el hombre en sus ojos
 llega Salamandra a arder

Glor

Glor. El serafin de los mios
es quien mariposa fue.

Rem. Señora Amor es distino,
yo adoro , yo quiero bien,
y ninguno a su destino
puede olvidar, ni vencer.

Glor. El que os criò , para mi os criò
mas vòs troceis,
en el passo de elegir,
el destino de nacer,

Rem. Ni todos a lo que nacen
viven Señora.

Glor. Ay de aquel ,
que por seguir su alvidrio ,
dexò burlado su ser ,
y ay de vòs que enigma sois ,
de los que en tanta esquivez ,
por seguir un amor loco ,
la gloria quieren perder.

Rem. Si mas dexar lo que vi ,
por lo que nò vi?

Glor. Sabed ,
que teneis de vuestro amor
irritada a vuestra fé.

Rem. Dame un instante si quiera ,
a pensar.

Glor. Pensadlo bien.

Glor. Todo han de dexar Señora.

Glor.

Glor. A nada reservaré.

Guio. Y si un pobre pescador,
de buen gusto os pretender,
que averes ha de dexar?

Gloo. Dexará barcos, y red.

Gnio. Y si fuere un hortelano?

Glor. Las flores de su vergel.

Guio. Un pastor con una oveja?

Glor. Ha de dexar está rez:

Guio. Si es Escriviano?

Glor. La pluma.

Guio. Siendo pintor?

Glor. El pincel.

Guio. Pues yo Señora resuelvo,
en dexar todo mi aver,
por mirar vuestra hermosura.

Glor. Y todo tu aver que es

Guio. La hambre quando no como,
y quando bebo el plazer.

Glor. Y tambien la dama dexas?

Guio. La dama no puede ser.

Glor. Porque?

Guio. Porque es la taberna,
y amola con tanta fe,
que si no miro tu ramo,
luego tendre mi cipres.

Rem. Señora aunque mi discurso
porque en vuestro favor es,

a vuef-

a vuestra oculta beldad,
singular llega a creer,
ya mi alvidrio no es mio,
y assi todo dexarè,
comó no sea la dama.

Guio. Con ella no me vereis.

Remi. Quedad con vuestra belleza.

Glor. Ydos con vuestro querer.

Mus. Ay de aquel, *Vase.*
que tu rara beldad no llega á ver

. *Sale Alexo.*

Alex. Por una escondida gruta,
a estos jardines me entrè,
y ando siguiendo una voz,
todo mysterios se ven,
y instrumento en lo escondido
puerta de Abril lobregues,
si estarà en este penísl ,
que encanto parece, ó fuè,
la rosa que ando a buscar,
mas amante que el clavel
mas que miro no está solo ?

Glor. Passos siento, si es por bien,
que galan, que bello joven!

Alex. Que ayrosissima muger !

Glor. En los jardines entrò,

Alex. Passea en este vergel ,

• su sol grosera nube,

un velo delgado es,
quiçà no querrà luzir ,
solo por no verme arder ,
si acaso gloria serà ?

Glor. Yo soy Gloria, que quereis?

Alex. Ya no puedo querer mas,

Señora pues os hallè , *de rodillas.*

Glor. Porque no quereis mi vista?

Alex. Fuera el dezitlo altivez,

yo no lo puedo explicar ,
vòs si lo podeis saber.

Glor. Y si no quito el reboço.

Alex. Ya por mi gloria tendre,
si no fuere a vuestrós ojos ,
el quedar a vuestros pies ,

Glor. Levántaos ,
que respectivo !
bien distinto està de aquel ,
que al primer passo de entrar ,
pidiò la gloria de ver ,
quien sois joven ?

Alex. Soy Alexo .
de Chipre Princepe que
peregrino en vuestra busca
ando ha mucho , ha poco entrè
en mi patria de quien vos
por mas dicha Cielo haseis.

Glor. Principe heroico que entraste

flor deste jardín a ser
dando a la Roza desmayos
dando zelos al clabel,
donde tú atención constante,
tu discreta sencillez
enseñá al jasmin verdad,
a la Clisie acuerda fé,
aunque medroso, o valiente,
porque esto mas proprio es
nò te atreves a mirar,
y te atreves a creer,
yo que de mi vista gusto,
que logres el alto bien,
aunque para merecerla
no haya caudal en tu ser,
quiero proponerte aquí,
las condiciones con que,
si es que aspiras a mi vista,
te has de introduzit.

Alex. Tened, ya yo por todas estoy,
sin oyrlas.

Glor. Las diré.

Alex. Porqué, si ya las concedo,
sin escucharlas.

Glor. Porqué, al examen queda mal,
aunque a la fè quede bien,

primeramente tu Reyno
tu estado, fausto, y plazer
has de renunciar por mi,

Alex. Parece no os conosceis
adonde un mundo era nada
dezidme una Chipre que es?

Glor. Tambien haveis de dexar
le belleza aquien quereis.

Alex. Eso solo no es posible.

Glor. Como dezid?

Alex. Como fiel
ni por ver vuestra hermosura
dexare vuestro querer.

Glor. Que discreto que advertido?
vuestro alvedrio tambien
haveis de dexar por mi,
y alfin todo vuestro ser
sin excusa, sin reserva
que de Amor en esta ley
el que me tubiere a mi
ni aun a si se hade tener.

Alex. Tiempo ha bellissima Gloria
que por vos de mi no sé,
si soy vuestro que pedis?

Glor. Con que en todo concedecis?

Alex. Es afrentar mi fineza
el repetirlo.

Glor. Esta bien

ya hallé el hombre q̄ buscava,
aya Musica , y plazer
que oy Alexo generoso
es despojo de la fè:
corra mi belleza el velo
para que tenga esta vez
la fortuna de lograr ,
el valor de merecer.

*Quita el volante , y suenan dentro
los instrumentos , y Musica.*

Musf. Parabien , parabien
Alexo te den
las flores hermosas,
clabeles , y Rozas,
las esferas bellas,
luzes , y estrellas,
las perlas corrientes,
luzeros , y fuentes,
los aytes suaves,
Zefiros, y Aves,
los hombres tambien
parabien , parabien.

Glor. No hablais, no os parecso hermosa
que dezis?

Alex. Me arrebate
absorto en vuestra hermosura
adonde dezir no sé
si os veo en tierra deidad

si os miro en Cielo muger.

Glor. Parabien me den las flores
joven en este vergel
del triunfo que a mi hermosura
ha consagrado tu fe.

Mus. Parabien parabien.

Alex. Parabien me den los Cielos
de altivo llegar a ver
sin emboso lo divino
lo bello sin esquivez.

Mus. Parabien parabien.

Glor. Parabien me de la tierra
viendo que en ella encontre
un mortal sin inconstancia
un hombre sin interez.

Mus. Parabien parabien.

Glor. Parabien me den los hombres,
puesto que el tesoro hallé
que qual descubiertó Cielo
en campo escondido fué.

Mus. Parabien parabien.

Glor. Eya valeroso joven
veni a donde logreis
a vista del Rey mi Padre
la Magestad sin desden:
Jerusalen os aguarda,
y en ella que justo es
el laurel de vencedor

con la corona de Rey.

Alex. Aunque todo el Cielo halle
en vuestra Jerusalen,
despues del bien de miraros
ya no me queda otro bien.

Glor. Vamos porque logreis todos.

Alex. Todos en este se ven.

Glor. Y digan flores , y estrellas.

Alex. la tierra , y Cielo tambien
para celebrar mi dicha.

Glor. Para aplaudir vuestra fe,

Ellos, y mas. Parabien parabien. *vanse.*

Sale Remolo , y Roma.

Rem. Como os cuento Roma hermoza
por vuestra belleza rara
dexè la gloria porque es
mi fineza tan hidalga
que el Cielo en la posseesion
doy por vos en la esperanca ,
y assi buelbo a vuestro ojos
donde os acuerdan mis ancias
la pretension de admitido
o por influxo, o por paga.

Rom. Ni a mi, ni a vos està bien ,

Remolo en tan justa cauza
que compre vuestra fortuna
a cuesta de mi constancia:
mi primer empleo ha sido

Ale-

Alexo, ausente se halla,
y no quiero que presuman
que fue mi fe tan liviana
que de ausente pude hacer
lo que no hize de mal paga:
a todo tiempo que buelba
a su Corte, verè cauta
lo que a mi esperança devo,
y si esta me desengaña
entonces sin ser mudable
dexaré de ser ingrata.

Rom. Que puedo aguardar señora
si encuentro en vuestras palabras
por satisfacion los zelos,
los miedos por esperanças.

Rom. Aguardad que buelba Alexo.

Sale Mirlina.

Mirl. Si vendrà, que aunque en distancia
se mira tan superior,
mi poder, o ciencia fará
a vuestros ojos presente
le harà dando fin mi gracia,
a tanta duda gemida,
y a tanta fe suspirada.

Rom. En hora buena te vea,
gran Mirlina.

Rem. Ilustre sabia.

Rom. Hazed que parezca Alexo.

Mirl.

Mirl. Primero a superior causa, ordena mi providencia, que a las dos hermosas damas, que yazen a media vida, porque sin mitad del alma, buelban a su ser primero, pues el sitio que las guarda, aqui pizais, ó vos otras hermosuras desdichadas, que entre la vida, y la muerte, ya tocais la sombra infausa, en mortaja de asuceña, en tumulo de esmeralda, salid del profundo sueño, romped la débil mortaja, Sabina, Aglaes.

Las dos. Que dizén?

Levantarse de las Ramas que las cubren.

Sab. Quien nos busca?

Agl. Quien nos llama?

Sale Falanjes, y Guion.

Fal. Azia aquí las voces fueran.

Guio. Valgate Dios por fantasmas.

Mirl. Principes, damas ilustres,

que con poftia tan rata, a Alexo esperais haciendo, en demonstracion tan alta, exemplo de la firmeza,

el sexo de la inconstancia,
todos renacidas luces,
que entre las sombras opacas,
del encanto conservasteis,
por admiracion preclara,
nò solo la misma vida,
mas tambien la misma llama,
oydme que rompo el velo,
pues ya mis voces desatan,
del metafórico assunto,
el emblema. Yo la sabia
providencia soy de Dios,
quando a Alegoria passa,
el auto, porque ninguna
el nombre mejor alcança
de sabia que su divina
providencia, esta miraba
el llanto que por Alexo,
su esposa, su madre, y patria
hazen, que en esta poesia,
todas tres passan por damas,
yo pues providencia justa,
para poder conservarlas
su vida, que en tal extremo
de dolor, ya peligrayan,
al encanto las llevè,
de sus dulces esperanças,
donde duraron de agenas,

o vivie-

o vivieron de engañadas , quando el raudal de su llanto , rapido las anegava , de quien es simile el rio , donde cayeron incautas , bolbiendo al supuesto cuento , donde las Cidras retratan , a las esperanças verdes , en que su vida se alarga , pasiendo a otra alegoria , Remolo que desencanta a Roma pues de una aldeya , que fue en su primera infancia , donde arrinconada estuvo del mundo a Corte la passa , quedando el empleo amado de sus alras esperanças . Remolo aqui desta historia otra alegoria entabla , y dexando sombra , y cuento , bolbiendo solo a la farça , a ti Remolo te riño , la osadia temeraria , de escudriñar los secretos de las sciencias soberanas , aventurando las vidas , que mi piedad sustentaba , en el sueño deste encanto , hasta

hasta tener mas templadas
 sus passiones ; y pues ya,
 destas prodigiosas damas ,
 a quien conservè dormidas ,
 capaz el dolor se halla ,
 de rezistir tanto golpe ;
 con vos otras admiradas ,
 queden al mirar de Alexo
 la fortuna soberana ,
 donde la corona imbidia ,
 quanto ya del trono passa ,
 ò vos otros poderes soberanos ,
 contra quien no ay distancia ,
 ni eminencia ,
 pues rindis lo impossible ,
 a vuestras manos .

Hijos al fin de mi divina

sciencia .

Presente mostrareis a estos

humanos ;

Aunque se estè tan lejos ,

y a su essencia .

A Alexo soberano , y su vitoria ,

a todo el mundo quede

por memoria .

Descubrese un trono , y en él Gloria , y

Alexo .

Mirl. En este soberbio trono ,

et sic

que

que a penas la vista alcança,
veis Alexo , y veis a Gloria ,
dos vidas si con un alma ,
ya su corona le ciñe ,
ya por su esposo le aclama ,
porque por ella dexó ,
Dama , Reyno , Padres , Patria .

Agl. Alexo con gloria Cielos !

Sab. Que dolor !

Agl. Que pena !

Sab. que ancia !

Alex. Dicho so mil veces yo
dulce esposa soberana
que a tan poco precio pude
comprar fortuna tan alta .

Glor. No menos dichosa yo ,
pués tu Alexo me restauras
la fe que andava perdida
de inconstante , de varia .

Alex. Eres de mi dicha el centro .

Glor. Tu de mi beldad la palma .

Alex. La Corona de mi suerte .

Glor. El esmalte de mis gracias .

Rem. A Alexo veo , pero
el atreverme ala clara

luz de Gloria ; quedo ciego .

Fal. A mi lo mismo me pasa .

Rom. Tambien mirarla no puedo

Mirl. Pues tu Roma su faz rara

tienes de ver mas falanjes,
Remolo no han de lograrla,
Sabina, y Aglaes si
porque hande pizar las plaças
de Jerusalen celeste,
ya de Roma acompañados.

Fal. Quanto mas lo dissuades,
mas se empeña mi arrogancia,
en verla la vista aplico.

Rem. He de beber en sus gracias
la luz Aguila subida?

Mirl. Castigue vuestra ignorancia
esta nube, que a su Cielo
de vuestra sombra separa.

Cubre-se el Trono.

Fal. Se escondiò, Cielos valedime.

Guio. Buenas noches camaradas.

Rem. Ya señora que de Alexo
la fortuna os desengaña.
sea de mi amor el premio
vuestra mano.

Mirl. No ay negarla,
porque es empeño gustoso
de mi disposicion alta
que Remolo siendo tuyo
en dicha tan elevada
empiece un Imperio heroico

cuyas

cuyas estendidas ramas
cerquen en cordon dicho so; VI
toquen
desde adonde el Tiber corre
hasta adonde el Indo baña.

Guio. Para que una dama case
menos preludio le basta. A 2

Rom. Siendo disposicion tuya
togeto mi mano blanca

a su Imperio.

Guio. Y no haze mucho.

Rem. Tu esclavo soy Roma amada.

Sab. Y yo de un retiro escojo
solo las sombras opacas,
que sin Alexo no quiero
otra dicha, consagrada
alli al Cielo passaré
a los empleos del Alma?

Agl. Y yo te haré compañia.

Guio. Mirad lo que haseis muchachas
que si si os gasta el dolor,
eis de bolber a la plaça.

Mirl. Calla loco, ese disnio
a vuestra firmeza el malta
ilustres Damas, y aqui
pide perdon de sus faltas
ingenio, que torpe escribe
de aquel que afectivo ama.

NOVENA S. ALEXO.

Es el Cielo en su esencia siempre viva gloria, bien, esplendor, lustre, victoria, es Alexo en valor, y esfera activa; victoria, lustre, bien, esplendor, gloria, con que el Cielo Zafir de luz activa, nos retrata de Alexo la memoria, ò tu si al Cielo clama tu desvelo, y nunca Alexo, porque Alexo es Cielo.

PRIMEIRO DIA:

*Consideraçao de como o Santo amou a Deos
desde logo.*

Unica prenda a su padre Alexo en Roma naciò, uno, porque como Alexo no era possible aver dos; amor en su tierna edad al coraçon le tirò como ha de vencer un niño toda la fuerça de un Dios?

SEGUNDO DIA.

*Consideraçao de como o Santo preferio
amor de Deos ao da esposa.*

Obligado, que no amante, Alexo se despozò, que para Alexo nò es laço, lo que para otro es prision; A la belleza caduca dexa por dios su passion, porque su firmeza es piedra, o porque su esposa es flor.

TER

TERCEIRO DIA.

*Consideração do valor com que o Santo pizou
o Mundo.*

ENamorado del Cielo,
al mundo Alexo dexò ,
mucho valor para un hombre,
poco excesso para un Dios,
por el amor la grandeza ,
su constancia desdeñò,
porque entre amor , y poder,
es el poder el amor.

QUARTO DIA.

*Consideração do fervor com que o Santo bus-
cou a ocasião para vencello.*

ASu casa buelbe Alexo ,
y así su exceso creciò,
que la fineza en el riesgo,
acredita su valor;
de sus padres oye el llanto,
duele-se pero sin voz ,
que es piedra para el silencio,
y es hombre para el valor.

QUIN-

QUINTO DIA.

*Consideraçao da constancia com que o Santo
despresou as lagrimas da esposa.*

DE su esposa al tierno llanto
Alexo no se ablandò,
y adonde una pena quiebra,
se resiste un coraçon,
hermosura, amor , y llanto ,
que firmeza no venció?
y solo Alexo no vencen ,
hermosura , llanto , amor .

SEXTO DIA.

*Consideraçao da paciencia com que o Santo
sofreo as injurias de seus criados.*

DE quien ayer le adoraba,
oy es Alexo baldon ,
mas no altera su paciencia,
lo que va de ayer a oy;
tan amante del desprecio
està, que en tal occasion
lo que dexò de sufrir
fue solo lo que sufrió.

SETIMO DIA.

Consideraçao da morte do Santo.

MUere Alexo , mas tan dulce
la muerte se le atrevio ,
que al executar la herida,
pudo esconder el rigor ,
halla Alexo tan suave ,
tan blanda la division ,
porque tiene quando espira ,
todo aquello a que aspirò .

OITAVO DIA.

*Consideraçao das lagrimas dos Pays , e
Esposa quando acharaõ o Santo.*

AYer auzente , y oy muerto ,
que duplicais llanto oy ,
si entre la auzencia , y la muerte ,
ay tan poca distincion ?
basta tierno sentimiento ,
cesse ya vuestro dolor ,
que es llorarle la corona ,
sentirle la division .

NONO

NONO DIA.

Consideraçao da gloria do Santo.

A Mor en su altivo solio ,
oy Alexo recibio ,
que se coloca el amante ,
en la esfera del amor ;
en si mismo Dios le paga ,
lo que por su amor passo ,
porque solo Dios es premio ,
de lo que se haze por Dios.

*Dezoito façanhas do Hercules Romano, repar-
tidas em nove Questoens pelos dias da
sua Novena.*

QUESTAM I.

E Lamor , y la hermosura ,
por dios Alexo dexais ,
puesto que en todo hazeis mucho ,
digan en qual hazeis mas ?

Sentença.

Una flor es la hermosura ,
con que sin duda haze mas ,
que aquel que dexa una flor ,
quien dexa una voluntad .

QUESTAM II.

Pobre , y auzente por Dios,
Alexo en qual haze mas ,
en tolerar su pobreza ,
ò en sufrir su soledad?

Sentença ,
Pobre de gusto el auzente
es , el otro de caudal ,
mas la pobreza del gusto ,
es mayor necessidad .

QUESTAM III.

ADonis , y soberano ,
nasce Alexo , qual es mas ?
humillar - se poderoso ,
ò sepultar - se galan ?

Sentença .
El poder es la fortuna ,
con que haze mas en pizar ,
lo que dà naturaleza ,
que lo que fortuna dà .

QUES-

QUESTAM IV.

Possessões, y esperanças
dexais Alexo, qual mas,
el dexar lo que teneis,
ò pisar lo que esperais?

Sentença.

Todo en la esperança cabe
en la possecion todo ay:
ansi en dexar la esperança
dexo menos, hizo mas.

QUESTAM V.

Huye Alexo, y buelve Alexo,
digan en qual hiso mas
si en huir, para no ver,
si en bolver, para no hablar?

Sentença.

Huir, es valor de muchos,
bolver, es valor sin par,
que es mas callar el amor,
que huir a la vanidad,

QUES-

QUESTAM VI.

Noble, y generoso Alexo,
digan en qual haze mas
si en obligarse a pedir,
si en obligarse a no dar?

Sentença.

Sin ayre, queda el que pide,
sin accion, el que no da:
quedar desairado es mucho,
quedar sin accion, es mas.

QUESTAM VII.

En qual dolor resistiendo,
mas fuerte Alexo se está,
viendo de su esposa el llanto
ò de sus padres el mar?

Sentença.

De su esposa al tierno llanto
Alexo resiste mas,
que aquel es llanto de amor,
este de amor, y beldad.

QUES-

QUESTAM VIII.

Entre suspiros , y oprobrios ,
Alexo en qual hizo mas ,
di se en dexar-se offendier ,
si en dexar-se suspistar .

Sentença.

Entre oprobrios , y suspiros ,
sin duda menos serà
sufrir al rigor un golpe ,
que oyr al amor un ay .

QUESTAM IX.

Calla Alexo en vida , y muerte ,
respondan me qual fue mas ,
si el silencio en el vivir ,
si el silencio al acabar ?

Sentença.

Callar viviendo es hazaña ,
muriendo es hazaña , y mas ,
pues sepulta el desahogo ,
lo possible en lo final .

ELOGIO A S. ALEIXO

*EM QUE SE PROVA COMO FOY
Santo Apostolo, Santo Patriarca, Santo
Principe, Santo Martyr, Santo Er-
remita, Santo Virgem, Santo Monge.*

FOY Aleixo em sua vida hum compendio de todos os Santos , e o ser como todos , o deixou como nenhum ; diga o seo Elogio , como naõ mente o meu pensamento .

Foy Santo Aleixo Principe no sangue , porque nasceo de Principes , e foy principe na generosidade , porque deu em huma hora tudo o que deixou em hum dia , foy Principe no valor , porque venceo em todos os dias as lidas de todas as horas ; trocou o Sceptro pelo bordao , a Purpura pela escravina , a Patria pelo desterro , que peregrino Principe !

Foy professo nas apertadissimas leys do amor , que obrigaõ a huma pobreza
-012- estrei-

estreitissima: as outras profissoens prohibem a cada hum o que tem de seu , a do amor prohibe a cada qual o que tem de si: votou nesta profissaõ huma tal pobreza que naõ deixou para a posse a propriedade de hum pensamento, huma tal obediencia que naõ toimou para a liberdade o desafogo de hum suspiro , huma tal pureza que naõ topou para o escrúpulo a sombra de hum atomo : perfeito Monge!

A pureza de Santo Aleixo foy hum cristal , a quem naõ puderaõ fazer mancha as lagrimas da fineza, em quem naõ puderaõ fazer quebra as settas de Cúpido , a quem naõ pode fazer sombra o vulto da fermosura , estando em presençā das lagrimas, das settas , e do vulto; para hum segurar a sua pudicicia , deixa a dama, naõ vê a belleza, naõ escuta o amor , porém Santo Aleixo afinou a sua pureza escutando o amor, vendo a belleza , buscando a dama : os mais temerão como homens , e por isso venceraõ fugindo , Aleixo naõ temeo como homem , porque o amor he Deus , e elles era amor: os homens medem as suas finczas pelo que pôdem , o amor como pôde

pôde o que quer, naõ tem medida, os mais Santos viaõ-le só huns homens amantes, Aleixo olhava-se hum homem amor, e aquillo que he perigo para hum humano, naõ o he para hum endeosado, que singular Virgem!

Foy Aleixo Santo penitente, porque foy Santo arrependido, em sua humildade se julgou delinquente, e assim se arrependeo das culpas imaginadas, porque naõ pode das culpas cometidas: chorou com lagrimas de peccador, escrupulos de justo, e o pranto que de seus olhos corria divida, valia fineza, porque lhe naõ faltasse justificado o merecimento de arrependido: firme penitente!

Os Santos Eremitas fugiraõ da Corte para a soledade, Santo Aleixo foy Eremita mais singular, porque leuou a soledade para a Corte, adonde em seu retiro fez Erimo a sua solidão: alli cresciaõ as flores de suas virtudes, corriaõ as fontes de suas lagrimas, voavaõ os zefiros de seus suspiros, paravaõ os silencios de sua contemplação, ficando imovel naõ ao brado de huma fera, que era muito, mas á voz de huma fermosura que foy mais: heroico solitario!

Tolerou Aleixo os maiores trabalhos que saõ aquelles que naõ tem exemplo, inventou a sua fineza hum novo modo de padecer, porque sentindo so, naõ tivesse com quem se consolar, e se São Paulo procurou com grãos das sua paciencia a seu Apóstolado, Santo Aleixo foy hum Varaõ Apostolico, pois teve a sua paciencia tantos grãos, o outro foy Apóstolo por antonomazia, este seja o Apóstolo por imitação que valeroso Apóstolo!

Tambem foy Santo Patriarca, porque quantos fez Santos o seu exemplo, forão filhos de suas virtudes, sua imitação foy a ley mais justa, e a regra mais apertada, aqui professaraõ seus imitadores aquellas façanhas que escreveo o amor com dedo de fogo na taboa da immortalidade: que Illustre Patriarca

Naõ posso dizer que foy Aleixo Pontifice, mas poderey dizer que foy santidad, naõ foy santissimo Padre, mas foy santissimo homem, naõ cobrio sua cabeça a Tiara, mas deve-se à sua humildade o trono, e se a mayor honra he o merecer a mayor honra, teve Aleixo a mayor dignidade.

Foy

Foy Aleixo Martyr de singular martyrio , porque o atormentou quem o suspirava, os outros martyres padeceraõ as prizões do ferro , este a corrente das lagrimas , os outros ao estrondo dos oprobrios , este ao som dos suspiros , os outros à dureza do cutello , este à brandura da queixa , finalmente dos outros foy verdugo o odio , deste foy tyranno o amor , e como o amor o atormentou n alma , o odio no corpo ; foy de martyrio a martyrio , o que vay do corpo à alma : que forte martyr ?

O I T A V A.

DE Principe te miro en la grandeza ,
de Monge , y solitario en el retiro ,
de Puro te contemplo en la enteresa ,
de Penitente te oygo en el suspiro ,
de Apostol te vejo en la fineza ,
de Martyr en la felicidad tambien te admiro ,
quien eres Santo? te pergunte alguno ,
pues en todos te hallo siendo uno?

Coplas ao Menino Jesu.

NO lloreis ojos bellos,
no, lloreis, no,
que de veros llorar,
rie el Amor.

El amor si ha reido,
porque en rigor,
vè por una mançana,
llorar un Dios.

Rie mirando al niño,
y es la occasion,
ver que llora de frio,
quien tiene amor.

Rie viendo el portal;
porque attendió,
que quien derrama perlas,
pajás buscó.

Rie de sus amores;
porque escuchò,
que es amante de ayer,
nacido de oy.

Rie viendo en la noche
tanto esplendor,
y que pudo una negra,
dar mate al Sol.

Segundas Coplas ao mesmo assumpto.

Por querer bem meu minino
neste Portal padeceis,
que farà o querer mal,
se assim trata o querer bem ?

Sobre flores ; porque vòs,
das palhas flores fazeis,
hum Cupido estais de amor,
entre a neve de hum desdem.

Em rrage de servò aqui
vos està vendo Bellèm ;
porque o amor que hē travesso,
hum escravo faz de hum Rey.

Em vossa belleza , e graça,
infeitiçais quem vos vê ,
se podeis matar de amores
porque de amores morreis ?

Andais de amante perdido
por huma vilâa tal vez,
adonde a purpura sofre
grossarias do burel.

Ora prezay-vos minino ;
porque naô chegueis a ter,
espinhos nos malmequeres,
tendo a flor do bem querer.

Coplas a Santo Antonio.

HE hum perduto este frade,
e certo que he taõ perdido,
que até o seu Breviario
anda em poder de meninos.

Nem o seu coraçao guarda,
e em termos taõ conhecidos
quem do coraçao naõ sabe,
como ha de saber do livro?

De condiçao taõ teimosa,
que a porfia de juiso,
desenterrará os mortos,
por contradizer os vivos.

Elle serà muy fiel,
que naõ me meto com isto,
porém tudo o que se perde
lhe vaõ a pedir com gritos.

Ocioso naõ serà,
mas por vezes tenho ouvido,
que sahe do seu Convento
a conversar cos pexinhos.

Naõ ha fiarlhe Sermaõ,
que se lhe dá no capricho
ao Coro desce a cantar,
tendo ao Pulpito subido.

Nem

Nem à justiça perdoa ,
que por taô entremetido
tira a alva ao padecente ,
deixando em branco o suplicio.

Este he Antonio senhores ,
porém com itudo o que hey dito
he o mayor dos Antonios
sendo o menor dos Franciscos.

*A^c morte da Senhora Infanta D. Izabel.***O U T A V A**

A Flor de Portugal a mais fermosa,
A perola do Tejo, em doce fragoa
foy flor, e desfolhou-se como rosa,
foy perola, e desfez-se como agua:
Izabel, que ao Sol venceo briosa,
como luz se apagou, que grande magoa,
mostrando-nos assim quam poco dura
a vida, a Magestade, a fermosura!

*A^c morte do Senhor D. Miguel.***O U T A V A****V A T U O**

Justo, galhardo, Principe, discreto
em Miguel sorvejoh mar tua brabeza,
que naõ se livra do fatal decreto
a purpura, a virtude, a gentileza,
nem de tuas entranhas no secreto
urna capaz terà sua grandeza,
porque a tal heroe se bem se apure,
todo o mar he pequena sepultura.

Z

A^c mort-

A^c morte de D. Angela de Borbon.

O U T A V A.

A quelle Abril de flores que vivia
de retratar a estrella ao firmamento,
aquella graça donde se prendia
de veras o mais livre pensamento :
aquella voz , a cuja melodia
corria a penha, e se parava o vento ,
ja se foy , ja não he ao golpe agudo ,
porque tudo levou ; quem leva tudo .

*A^c morte da Veneravel Madre Elena
da Cruz.*

A V A T U O

O U T A V A.

Em concha de burel perola fina ,
viveo Ellena sempre preciosa
no rigor penitente , a que se inclina ,
foy roza entre os espinhos mais ferrosa ,
nas luzes da virtude peregrina ,
de Portugal estrella luminosa ,
the que a morte a ferio , que nunca erra ,
porque o Ceo tinha invejas ja da terra .

A^c mor-

A^c morte da Marqueza de Marialva Dona Catharina.

O U T A V A

Nos termos de discreta foy fermosa,
nos graves de severa foy amavel,
nos auges de sezuda gracioza,
na ignaldade , e semblante foy estavel,
nas lizonjas do mundo virtuosa ,
esta foy Catharina incomparavel,
tu morte , que nos roubas tanta gloria,
a vida levaras , naõ a memoria.

A^c morte do Conde de Monsanto Dom Fernando.

O U T A V A

Homen,e vidro a morte ameaçava,
ha hû brindando, a outro posuindo
este feito de astropes contemplava ,
quando o outro de barro hia advertindo:
iguaes na duraçao aos dous cuidava,
ja quando a setta estava despedindo ,
mas enganou-se, assim o vemos quando,
ficou o vidro , e acabou Fernando.

*Sonhando a Autora com a Madre Elena
entre os ramos da Cruz.*

O U T A V A.

VI-te Elena querida em doce calma;
e logo te abracey enterneida,
unida alli ficou alma com alma,
que ja naõ pode ser vida com vida,
o amor neste lance leva a palma,
que espirito te prende em tanta lida?
porém voou à gloria com verdade,
e se sonho passou, ficou saudade.

*Pedindo-se a Autora que contasse huma hif-
toria em huma recreaçō.*

D E C I M A.

PAra noite que emparelha
as estrellas com o Sol,
em taõ lazido farol,
pedem hum conco de velha,
mas a razão aconselha,
por preceitos superiores,
sendo das cousas mayores
ver neste successo bronco
para ouvir falar hum tronco
congregadas tantas flores.

Vilhancico ao amor Divino.

G O P L A S.

O Amor, o Rey, o forte
preso a suas leys se vé
por huma alma que algum dia
com amor niaõ teve ley.

Tal prizaõ, tal caso, que desculpa tem?
querer bem, querer bem.

Para buscar a taſ Dama,
se deixou ver em Belem,
descalço, e nú pela neve,
isto á vista de tres Reys.

Tal trage, tal modo, que desculpa tem?
querer bem, &c.

O mayor homem de todos
a tais sugeições se fez,
que o tiveraõ por menino
em Egipto, e Nazareth.

tal paz, tal capricho, que desculpa tem?
querer bem, &c.

Por ella a buscar feridas
entrou em Jerusalém,
que só amor poz em uso
a fogo, e sangue o querer.

Tal risco, tal bulha, que desculpa tem?
querer bem, &c. Num

Num banquete que lhe deo,
apurou só de huma vez
de seu Pay todo o tesouro
sendo tesouro de hum Rey.

Tal gasto, tal lida, que desculpa tem?
querer bem, &c.

Ladeado de ladrões
lá pelo monte se vê
dizendo que he de amor timbre
fazer do ladraõ fiel

Tal trato, tal moda, que desculpa tem?
querer bem, &c.

Finalmente namorado
por sustentar sua fé,
chega a morrer por amor,
que isto de amor he morrer,

Tal morte, tal vida, que desculpa tem?
querer bem, &c.

Estríbilho.

Deixem-no amar,
deixem-no arder,
quem quer bem só repara,
em querer bem.

Vilhancico ao Amor Divino.

C O P L A S.

DE huma alma nas liberdades,
fazia o amor carranca ,
porque do amor o senho ,
saõ as liberdades da alma .

Arrufos em quem ama ,
amanhãa saõ amores ,
se hoje carrancas .

Mil graças tinha no senho ,
posto que de cizo estava ,
que he tanta a graçá do amor ,
que atè no cizo tem graça .

Arrufos em quem ama ,
amanhãa seraõ rozas ,
se hoje esquivanças .

Suspeito que zelos saõ
estas paixoeis tão estranhas ,
que quem ao amor faz rostro ,
logo ao ciume faz cara .

Arrufos em quem ama ,
amanhãa seraõ lanças ,
se hoje lançadas .

Basta de senho menino ,
que

360 *Enganos do Bosque*,
que he deligencia escusada,
adonde basta huma seta,
para que he huma cattranca?

Arrufos em quem ama,
amanhāa seraõ flores,
se hoje saõ armas.

Que importa dizey menino,
que nesta amorosa causa,
tenhais os rayos no senho,
se tendes no peito a chamma.

Arrufos em quem ama,
amanhāa seraõ perolas,
se hoje saõ ballas.

Esta alma a quem nos rigores,
cara fizestes com sanha,
estava amariga, travou-ós,
ja esta doce, provay-a.

Arrufos em quem ama,
amanhāa saõ amores,
se hoje carrancas.

Estríbillo.

Pazes pazes amor,
com vozes brandas,
que zelos em quem quer,
arrufos em quem ama,
amanhāa saõ amores,
se hoje carancas.

C O P L A S.

DEste niño de esmeraldas,
que en la esperanza es feliz
todo armado de diamante,
y abrazado de robi,
que dezis dezid,
pergunto por el , y no se de mi,

Deste numen soberano,
de flores divino Abril,
todo heridas de clavel ,
todo alientos de jasmin.

que dezis dezid
pergunto por el , y no se de mi.

Deste adalid generoso
ardiente honor del Zafir,
con esfuerço de Sanson ,
y beldad de Benjamin,

que dezis dezid ,
pergunto por el , y no se mi.

Segundas Coplas.

Un niño armado
ternura , y dardo,
de cera el pecho ,
de rayo el hecho
blando al mirar,
fuerte al tirar ,

lo que

lo que es pastores,
yo sospecho que son amores.

Un Dios rogando
deidad buscando ,
herido heriendo
matar muriendo,
pecho llagado ,
dolor callado ,

lo que es pastores ?
yo sospecho que son amores.

Ojos de zelos,
voz de rezelos ,
seguros laços,
inquietos passos,
siempre a bolar,
nunca a parar

lo que es pastores?
yo sospecho que son amores.

Estríbillo.

Que dizen las flores ?
que son amores ,
que dizen los prados ?
que son cuidados.
que dizen los Cielos ?
que son disvelos ,
oyd pastores ,
son disvelos , cuidados , amores.

Vilhancico à Misericordia.

C O P L A S.

Que fazes Misericordia,
que ja naõ ha quem te escape
fazes de hum divino hum homem,
quando hum menino de hum grande,
e na verdade,
es piedade.

Que fazes que me pareces,
inclemencia no que fazes,
fazes de hum Deos hum ferido,
fazes de hum Rey hum ultrage,
e na verdade
es piedade.

Que fazes ? que no mundo admiras
em extremos semelhantes
das a hum ladrão huma gloria,
hum portal a huma deidade,
e na verdade
es piedade.

Que fazés ? que do que obras,
para ignorar tudo sabes,
das a hum amante huma lança,
por dar ao amor hum lance,
e na verdade
es piedade.

Que

Que fazes ? estás em ti ?
 que estás em ti hē constante,
 das a hum Deos huma morte,
 por dar à fineza hum mate,
 e na verdade
 es piedade.

Que fazes ? que me enlouqueces ,
 o piedade no que fazes ,
 por tirar do amado hum S
 passas nō cravo ao amante,
 e na verdade
 es piedade.

Que fazes ? olha clemencia ,
 que a todo o Ceo nāõ espantes ,
 fazes ao escravo livre ,
 fazes ao senhor resgate ,
 e na verdade
 es piedade.

Estríbillo.

Es piedade ,
 que taõ bem fazes
 das feras homens ,
 dos homens Deoses ,
 das lides pazes .

Que

Que tão bem fazes
das pedras almas,
dos rayos luzes,
perlas dos mares,
que tão bem fazes
dos bronzes cera,
dos troncos rozas,
flores dos aspis.

F I M.

A D A G I O S.

A D A G I O 1.

Qual he aquelle regalo,
de tal circunstancia a fe,
que o tem , e naõ tem nenhum,
e se come sem o haver.

Declaraçao.

O papo de Anjo nenhum o tem, por-
que os Anjos naõ tem papo, e juntamen-
te se tem no prato pelo nome , mas co-
mo verdadeiramente os naõ ha , comé-
se sem os haver:

Avizo.

Os Anjos naõ tem papo , nem tem
papo de Anjo o que inventa os regalos
para a golodice ; contente-se cada hum,
com o que lhe basta para o sustento,sem
buscar o que lhe sobra para a demasia, e
assim segurarà melhor a saude, e naõ af-
frontará a moderaçao.

A D A G I O 2.

Eu sou hum odre de vinho,
pelo nome , e pelo ser ,

se

se me quereis entender,
na maõ tendes o adivinho.

Declaracão.

Huma Luva he vinho pelo nome, que
acaba em uva , odre pelo ser , porque
he de couro, na maõ está a adivinhaçao,
porque se calça nella.

Avizo.

A Luva he a decencia da maõ de hu-
ma dama, se esta for instrumento de bo-
as obras , ficará a ser concha de perola
fina.

ADAGIO 3.

NEstas casas que aqui vedes,
vive hum homem de segredo ,
huma ave falladora,
huma mulher de mysterios ,
hum soldado muy armado ,
hum indiano muy tezo ,
hum bacharel , duas pretas ,
e todos tem apozento.

Declaracão

Este enigma se decifra em huma escrivaninha , o homem de segredo he o fi-
nete, a ave a penna , que sempre falha,
a mulher de mysterios , a obreya pelo
que tem de hostia , o soldado o canive-
te , o indiano o lacre , o bacharel o pa-
pel,

368. *Enganos do Bosque,*
pel , as duas pretas tinta , e areya.
Avizo.

A penna em que aquì se significa a ave falladora ; quando escreve, útil he a guia illuminada; quando escreve profano he pega falladora , flores innuteis saõ boas para desfolhadas, pois ainda que mostrem fermosura, naõ daõ fruto, quando pegares na tua penna deixa discursos para a razão , & e naõ para a ociosidade.

ADAGIO 4.

HE huma negra boçal ,
fazendo assintes continas ,
muy perigosa no trato ,
mal segura , e mal sofrida ,
sempre arremedando as branças ,
porém, naõ ficaes perdida ,
se a comprais; que leal
deffende a quem la cátiva.

Declaração.

Decifra-se em huma figura de azebiche
huma figura arreimeda á quem as dá , a de
azebiche he perigosa , mas deffende do
quebranto , e figas saõ assintes.

Avizo.

Quando os escravos saõ leais a seus
Senhores devem estes tratálos como ir-
mãos,

mãos , e naõ como cátivos , que a cor
naõ faz o merecimento, se naõ as obras:
negra se chama a Espoña , e logo se diz
fermosa , porque a virtude a deixava
resplandecente: huma noute clara tem
mais estimaçao que hum dia nublado : a
hum escravo leal se deve melhor lugar,
que a hum branco infiel , pois está che-
yo de virtude , e o outro de vicio.

ADAGIO 5.

SOu cambraya , porém sem fio ,
sou suspiro , mas sem magoa ,
sou dama , mas sem desdém ,
sou arminho , mas sem alma .

Declaraçao.

Decifra-se em hum jasmim em tudo isto retratado .

Avizo.

Dama mimosa , jasmim com vida ,
arminho com alma , suspiro com vulto ,
cambraya com pontos ; adivinha-te , e
pois na terra tens a duraçao de huma
flor , faze por ter no ceo a de huma es-
trella , naõ as do firmamento , que ci-
sas haõ de cahir , sim as do império ,
que sempre haõ de ficar .

NA fresca Aurora, sou dama presada,
na ardente sésta rica apetecida,
quando na mesma tarde sou roubada,
por mais q̄ de altos muros defendida,
logo na fria noute prolongada
fico feya, e nos ossos denegrida,
o mundo todo inteiro me acha graça,
mas ay q̄ a todo o mundo fuy desgraça!

Declaração.

Decifra-se em huma Arvore de fruta na Aurora, que representa; a primavera he florida, que simboliza a sésta no veraõ apetecida pelos frutos, na tarde, que he o outono despojada de estes, na noute cifra do inverno feya, e despidida; a desgraça la se achará no parai-
zo.

Avizo.

A Arvore satisfaz ao para que foys criada dando as flores na primavera, os frutos no outono, e as esperanças no inverno adonde quem a vê despojada a espera restituída. Arvores com alma somos todos, que estas saõ simbolos dos racionaes, Deos os criou para si, tómamos liçaõ do vegetarivo, dando-lhe as flores de nossa mocidade, e os frutos de nosso

nosso outono , para que as esperanças
do inverno , achem no Ceo a posse pa-
ra que fomos criados .

A D A G I O 7.

FIlho sou de hum monstro horrivel,
entre damas me crieys,
e despois dahi pasey
a hum martirio terrivel
torney com virtude incrivel:
busquey outras damas bellas ,
mais engracadas que aquellas
que eram frias , e estas naõ,
e chegando a occaziao
fuy desposado com ellas .

Declaraçao.

O Ambar sahe da balea , que he o
môstro horrivel, criou-se entre ninfas , e
perolas , que saõ as damas , dahi passa a
ser desfeito , e torna , mostrando a
virtude de seu cheiro , e nas luvas am-
breadas busca outras damas , que saõ as
que as calçao , e como lhe daõ a mão
se desposa com ellias .

Avizo.

O Ambar he simbolo do homem espi-
ritual , que moydo com as penitencias ,
e quebrantado com as mortificações ex-
ala a fragrancia de suas virtudes , sem

372 *Enganos do Bosque;*
batalha naõ ha triunfo , sem mereci-
mento naõ ha premio , sem pena naõ
ha gloria , sem trabalho naõ ha Santo,
porque o Reyno do Ceo padece força.

A D A G I O 8.

Sou Alva , mas de mà cor
nas galenas me buscay ,
tambem na polvora , e prata ,
cuido me podeis achar.

Declaracão.

A Erva chamada Salva he alva pelo eco
do nome , de mà cor pela natureza ,
acha-se o seu nome na polvora pelas sal-
vas da Artelharia , e na prata pelas que
se fazem deste metal; he erva medicinal ,
por isso se diz ser galena.

Avizo.

A Salva tem mà cor , mas tem virtu-
de , e esta se estima nas ervas , como
melhor se deve estimar nas mulheres ,
sem se lhe olhar para a cor do rostro ,
que sempre he caveira , ou bem , ou
mal encarnada.

A D A G I O 9.

Era hum moço cōprido , negro , e feyo ,
que ao Leam se chega sem receyo
dondes vem ser em lances sucessivos
algoz

algoz dos mortos, por dar gosto aos vivos
e neste officio, donde Deos o ajuda (vos),
volta dà , mas a volta , naõ o muda.

Declaracão.

Neste moço se retrata o espero , o Leam , a que chega , he o fogo , Leão na brabeza, ali espera as aves mortas para gosto de quem as manda assar , e com ellas dà voltas.

Avizo.

O espero he ministro da gula , e quem se comprehende neste vicio , he homicida da saude, à gula se legue a demasia , à demasia , a enfermidade, comer para viver he de racional,viver para comer , he de bruto , naõ te obrigo a que sejas ermitaõ no povoado , mas advirto-te que naõ lejas glotaõ em parte alguma , nem faças com que o teu corpo rebente em regalos , e a tua alma jejue em virtudes.

ADAGIO 10.

EU sou huma Ilha escura , medonha , e mal assombrada , porém tenho a luz guardada pasleay pela escritura.

Declaracão.

A Ilha escura he a balea , tem guardada

Avizo.

Ainda que a alma do peccador se ve-
 ja feya , e medonha , como a balea, lá
 lhe fica huma luz escondida , que Deos
 naõ tem a sua Imagem às escuras , esta
 pela conversaõ serà luz manifesta , e naõ
 a havendo,serà na morte luz apagada; se
 Tezeo se naõ pegara ao fio de ouro , fi-
 càra no Labirynto de Creta , se naõ se-
 guires a luz de tua inspiraçao , ficarás
 no de tuas culpas .

ADAGIO II.

Huma mulher , que apanhou
 a outra de imperio seu
 tanta pancada lhe deu ,
 que em mendada a deixou
 sobre hum espelho a espancou ,
 de nenhum foy defendida,
 e a admiraçao nos convida
 ver que aquy por derradeiro
 ficou o espelho inteiro ,
 ficando a mulher moida.

Declaracão.

Huma lavandeira assim trata a roupa
 sobre o espelho do Rio,

Ayi-

Avizo.

A roupa por lavar seja aquy significativo da alma impura, a quem a penitencia , que allude à lavandeira, purifica de toda a mancha sobre o christal do desengano , que he o Rio : a este espelho se olha o arrependido,e ali vendo o q̄ he naó tornará o que foy lavando suas manchas em suas lagrimas.

ADAGIO 12.

LEVO a primaria às mais ,
ainda que Ceo , e terra
convoque alguma a tiraríma ,
que tenho hum Deos por defensa.

Declaraçao.

Nas quatro cores principais , leva a primaria a encarnada , Ceo , e terra saõ pela azul , e verde , á defensâ da encarnada allude a Encarnaçao.

Avizo.

Com a cor encarnada , que alude ao mayor excesso de Deos fique a azul a ser ciume , fique a verde a ser terra, fiquem as mais a ser nada , e nós todos a ser agradecimento desta fineza adonde hú Deos quiz caber na esfera de hum homem affrontando o impossivel , e acreditando o amor.

SOu neste mundo a mulher,
de quem mais se tem fiado,
guardo silencio profundo,
e sabe Deos quanto calo,
se perguntares quem sou,
nasci là por esses matos,
e o estrondo das armas
me levou ao povoado,
se quereis saber quem sou,
o dizello he escuzado,
mas tomado pelo ecco,
vo lo diga algum cavallo.

Declaraçāo.

Da tranca se fia a casa toda, nasce no
mato, porque he lenho cortado ao fer-
ro, se traz ao povoado do ecco do nome
na anca do cavallo o acharás.

Avizo.

Nem toda a tranca segura a casa, nem
toda a chave cerra o cofre, naõ fies o
teu segredo se naõ de quem o souber
guardar, e em rigor ja quando o dizes
a outrem, o naõ he, que segredo de do-
us fica de nenhum, muitos saõ os que
ouvem, poucos os que calaõ, naõ com-
pres o teu desafogo com o teu perigo,
olha aos que tem arruinado essa facilida-
de

de se Sansão naõ tivera lingoa , tivera
olhos.

A D A G I O 14.

HOntem fuy flor ;
hoje sou prato,
àmanháa estrella ;
adivinhay sabia donzella.

Declaracão.

O mel tira a abelha da flor, em favos
se leva ao prato, na cèra dà a luz, que he
a estrella.

Avizo.

Muito antigo he o ser desgraçada a
fermosura, todos sabem o como a abe-
lha he a tyranna das flores , pagando-
lhe com feridas o que lhe leva em doçu-
ras , destas faz o seu mel , mas o como
o fabrìca nenhum o alcança, o que bus-
car nas flores das virtudes, na Angelica
da pureza, na Rosa da graça , na Asluce-
na da loucura ; na Perpetua da constan-
cia , na Viola do recato , no Girafol a
contemplaçao , acharà o segredo do a-
mor mais importante que o da abelha, e
mais doce que o favo.

Nasci entre gente nobre,
e por isso se relata,
que entre moeda de prata,
corro moeda de cobre,
todas saõ a me perder,
para isso me vaõ a olhar,
ellas a me desterrar,
e eu a aparecer,
nem por ver aborrecerme,
trato nunca de auzertarme,
porque ellas a praguejarme,
e eu a aparecerlhe,
entre prata sou a liga,
entre assucenas borraõ,
entre perolas se naõ,
e naõ tenho mais que diga.

Declaraçao.

A esvilhaca nasce entre a nobreza do
trigo, que comparados, hum he prata,
outro cobre, quem o escolhe, a des-
terra, e as mais adiçoens saõ de hum, e
outro.

Avizo.

Purifica-se o trigo da esvilhaca; e
joyo, e dos mais vicios que traz da ter-
ra, assim deve apartar de si o virtuoso toda
a imperfeiçao que conhece na sua alma,
por-

porque a má companhia dos desfeitos
não perverta o nascimento das virtudes.

A D A G I O. 16.

Torra dura os produzio ,
hum defunto os cultivou ,
huma louca os desfolhou ,
huma poeira os cobrio.

Declaraçāo.

Dezata-se este enigma nos cabellos cortados à moda , a cabeça os produz , que he terra dura , cultiva-os o pentem , que ou seja de tartaruga , ou de osso , ou ponta , sempre he de defunto , a louca a moda , que os cortou , os pòs a poeira , que os cobrio .

Avizo.

As modas nunca pòdem ser invenções da razão , sendo injurias da natureza , pois com ellas se desfigura a perfeição , com que nos criou , nos cabelos corta o adorno , nos pòs anticipa a velhice , nos sinaes , mancha o rostro , na cor , enmascara as faces ; estas são as suas loucuras , com outras , que por destruirem a fazenda , agravam a consciencia , tu oh dama que tanto destas modas te presas , pois conheces o Autor da natureza , não trates de emmendala ,

Enganos do Bosque,
dala , que a fermosura , que busca na
invençāo , está nos seus primores.

ADAGIO 17.

Por medo de aquella torta
me armey , inda que está ja
presa a servir, de mim digo
sou huma , sou hum , saõ mais.

Declaraçāo.

Adivinha-se em hum dedo com di-
dal diz ser huma , porque na mão entra
o dedo , ser hum , pelo em que está o
didal , saõ mais pelos outros.

Avizo.

O que se arma por prevençāo he pru-
dente, o que se arma por temor he co-
barde , nem sejas taõ temerario , que
te chamem louco , nem taõ prudente,
que te chamem cobarde , nem desafies
os perigos , nem fujas das emprezas,
que se forem honrosas , primeiro está o
credito , que a vida.

ADAGIO 18.

Ando encuberta a fogir
de quem me busca ligeira;
e só huma feiticeira
me poderá descobrir ,
hum cavalo desbocado
me anda ligeiro a seguir ,

mas

mas em quanto não cahir,
não logrará ter-me achado,
aquy estou, não me resisto,
posto que encuberta vou,
que a quem pregunta quem sou,
dou a resposta de Christo.

Declaração.

Este enigma significa a mesma advinhaçāo, que está encuberta a quem a procura adivinhar, a feitiseira he a que adivinha, o Cavalo desbocado o pensamento, que em quanto não cahe no que he, não alcança, a resposta de Christo diz ser a mesma.

Avizo.

As adivinhações saõ hum passatempo licito do qual se pôde uzar sem que o escrupulo se atreva ao divirtimento, alii adivinha a descreta o presente não faz nenhum passatempo de querer adivinhar o futuro, se saõ bens, pôdem mentirle, se saõ males, para que he antecipalos? deixemos ao tempo fazer o seu officio, e elle he o que mostra tudo, e fô a Deos saõ antes patentes as seus segredos.

VA' fóra a negra , e mulato ,
que só a perseguir vem
a este homem de bem ,
que com Deos hade ter trato ,
eu feya , e groseira sou ,
mas creyo que Deos me ajude
porque os vicios da virtude
apartando sempre estou.

Declaraçāo.

Huma peneira deita fóra o joyo , e
esvelhaca significado no mulato , e ne-
gra,o trigo no homem de beni, que com
Deos ha de ter trato na hostia.

Avizo.

Do trigo se aparta toda a mà mistura
primeiro que chegue ao Altar:assim deve
o Sacerdote purificarse de todo o defei-
to , antes que entre á Missa , fique taõ
mortificado como quem vay a represen-
tar hum Christo , e taõ claro como
queim se vay a misturar com hum Deos:
a sua dignidade sae da sua esfera,se a naõ
alcança a conhecer como deve , esti-
me-a como pôde.

ADAGIO 20.

SIrvo ligeira , e forte
estas , e aquellas ,

com hum corpo que só tem guélas,
olhos , imbigo , pernas ,
os olhos das capeladas ,
e destas sahem as guélas ,
as pernas saem do pescoço ,
tendo o imbigo nas pernas .

Declaração.

Em huma thisoura se achará tudo isto .

Avizo.

A thisoura tem olhos , e naõ tem ca-
beça , e a mulher que só olha para as
vaidades,naõ tem cabeça ainda que te-
nha olhos, trate pois a dama menos cau-
ta de cortar com o aço da sua resistencia
as raizes às folhas de suas liviandades, e
logo terá cabeça tendo sizo,

ADAGIO 21.

O Uça Senhora Condessa
monstro sou em que me pez ,
tenho a boca nos pes ,
e os braços na cabeça ,
sou amo , e desengano ,
Alfayate , e Artilheiro ,
Cavalhero , e Cosinheiro ,
e nada disto he engano ,
tambem se me daes a mão ,
nisto que de vós se fia

vos

vos direy huma herégia,

ouvis ? . Sou irmão de Adam.

Declaração.

Vereis a declaração em hum fugareiro , chama-se Alfayate , porque cose , Cosinheiro ; porque serve na cosinha , Artilheiro , pelos estalos do lume , Cavalherò , porque lhe offerecem muitas iguarias , Amor , pelo fogo , desengano , pelo barro , e por este mesmo se diz irmão de Adam.

Avizo.

A boca tem nos pés o que se seva no lodo de seus vicios , sem levantar a cabeça a olhar as verdadeiras delicias , estas estaõ no Ceo , naõ as troquemos pelos gostos da terra , que saõ bens mintidos , e lodos verdadeiros , he mais nobres o nosso barro , que o do fugareiro , para buitcallos.

ADAGIO.

Sou ouro , mas confesso , que em sahindo da mina perco o pre-alli vivo elcondido , e se deito a cabeça , sou perdido : à luz sempre me nego , tenho propriedades de morcego , ainda ahí me espreitaõ , huma

é huma mulher para matar-me pei-
em caso desestrado. (taõ
naõ fico eu , naõ sô perjudicado ,
naõ sey se vos lembræs; eu naõ o digo
de aquelle forte, que acabou comigo
por dois buracos, que a buscar me vaõ
he que se teme á minha perdiçãõ.

Declaraçãõ.

O segredo em sahindo do peito , fica
perdido , a mulher a quem peitaõ , he
a lingoa , a muitos tem , destruido o
que senaõ guarda , hum foy Santião ,
por quem se diz o forte , os buracos , saõ
os ouvidos , qne o percebem.

Avizo.

O segredo he virtude , assim como
a chocalhisse vicio , e por si corta quem
o naõ sabe guardar , pois fica com o ti-
tulo de treidor por infiel , de impruden-
te por liviano , de incapaz por ligeiro , de
mentiroso por falso: façaõ todos por fo-
git estes sobrenomes advertindo , que
hum vazo ainda que seja precioso , se naõ
retem a agoa , ou oleo que se lhe fia , logo
perde a estimacãõ ; assim o que verte o
que se lhe chegou a comunicar , fica
inutil para se fazer apreço delle.

oq̄ em-121am. s̄aq̄ ieffem amar
61) . AD AGITÓ 1358

e obesibuijseq̄ oq̄ lass, m̄ 22166

Estou na boca da dama,

estou na mão do galhardo,

estou na prizaõ do rico;

estou na inveja do brabo.

Declaração.

O rubi retrata a boca da dama, está no dedo do bisarro, na prizaõ do rico, que he o ouro, de que se faz o anel, que prende a pedra, na inveja do brabo, porque o fogo a pôde ter desta preciosa braza.

medes Avizo.

Quando a dama senão derrama em palavras vãs, conversações inúteis, práticas ociosas, ditos satíricos, e pelo contrario saõ as suas palavras regradas pela prudencia, medidas pela modestia, dittadas pela virtude, he a sua boca rubi precioso; que despede luzes puras, conchas de nacar donde saem perolas finas, cravô rubicundo, que exhala fragrâncias suaves. Tu a que leres este aviso, falla bem, e pouco, para que não destrua o nimio ao acertado.

EU, e hum mancebo sim
partimos em companhia ,
cumprimos a romaria ,
que este era o nosso fim ,
elle tres logo buscou ,
e eu só a hum busquey ,
com que hereje me fiquey ,
e elle martyr acabou ,
e se a vossa habilidade
me naõ alcança , entre-tanto ,
buscayme no Espírito Santo ,
e a elle na Trindade .

Declaraçao.

Este enigma se decifra na esvilhaca ,
que parte na companhia do trigo , o
qual busca a Trindade no Sacramento ,
e a esvilhaca o Espírito Santo na figura
dos pombos , a quem se deita .

Avizo.

Naõ ha couſa taõ desprezada , que
naõ tenha alguma couſa util: a esvilhaca ,
e joyo , que naõ val para o trigo , des-
te se aproveita a galinha , daquelle o pom-
bo , assim ficam tambem a servir ao ho-
mem para quem tudo foy criado: a na-
tureza com tudo reparte de sua pro-
videncia , porque o seu autor lhe co-

municou virtude para naõ faltar com elle , nem ao grão mais desfavorecido , nem ao bichinho mais pequeno , nem à erva mais humilde.

ADAGIO. 25.

Nasci na casa de Deos, meus cuidados saõ arminhos , trato só com os Anjinhos , porque sou cuidadosa , todo o dia estou calada , minha boca he por demais , inda assim naõ me creais , que sou huma desalmada.

Declaracão.

Huma boneca nasce na casa de Deos porque a fazem as Freiras , trataõ-na as meninas , o mais naõ ha mister explicação.

Avizos.

A boneca naõ tem alma , e tem corpo , e a mulher que só tratar do corpo , e naõ da alma , parecerá boneca muda para callar os louvores de Deos , cega para naõ ver sua perdiçao , mouça para naõ ouvir suas advertencias , naõ haja pois quem limite esta boneca , e o que

que he brinco para meninas, naõ seja re-
trato para grandes.

ADAGIO 26.

A Huma dama muy bella,
furtou hum ladraõ tyranno ,
naõ por fraude, nem engano ,
nem por namorarse della ,
e foy tal a sua estrella ,
que nunca pode tornar
a ver a terra , ou lugar ,
donde o ladraõ a tirou ,
mas para sempre a levou ,
para nunca mais voltar .

Declaraçao.

A dama he a mocidade , o ladraõ o
tempo .

Avizo.

Dous ladroens ha contra a mocidade ,
hum a morte , outro o tempo , e se es-
capa do primeiro , naõ pôde do segun-
do : usq; pois de tua primavera , como
quem espera seu inverno , porque quan-
do se desfolhem as flores de tua moc-
idade , te aches com os frutos de tuas vir-
tudes .

FM huma monçao ditosa,
duas fizeraõ jornada ,
huma feya , e engracada ,
outra ftia , mas fermosa ,
huma tem māy poderosa ,
outra pay de esfera inteira ,
mas chegando sem canseira ,
adonde a ventara as chama ,
a huma ficou por dama ,
a outra por cozinheira.

• L · Declaraçao.

A perola , e a pimenta ambas fazem
jornada para Portugal , huma filha do
mar , outra da terra , nesta huma vay
para as cozinhas , outra para as estima-
çoens.

• L · Aviso.

Diraõ que a perola naõ teve a disgra-
ça da fermosa , nem a pimenta a ven-
tura da fea ; mas em tudo naõ foy as-
sim , porque esta ficou para a utilidade , e
aquella para a estimaçao . Aprendamos
da pureza de huma , e olhemos a virtu-
de da outra , pois vejo da sua patria pa-
ra bem das estranhas , e por isso tem
gra-

graça, porque faz benefícios, e tem fogo, porque tem caridade.

ADAGIO. 28.

HElla vem sem se sentir,
com as pernas a de fora,
aparenta com quem mora
bem a pudera vestir,
confesso que inutil'he,
negra, feya, preguiçoza,
atreiçoadã, alcivosa,
mas tem virtude em hum pé.

Declaração.

He huma centopeya que aquy se chama parenta da aranha, o seu nome diz cento pé.

Avizo.

Ter hum bom nome, he mão costum, por trazer a virtude debaixo dos pés, porque a piza, pouco importa que o bautismo lhe dè o nome de hum Santo, se o naõ imita, pouco vay em que a ascendencia lhe dè o ser de Príncipe, se elle o desfustra com as suas accoens, o verdadeiro nome he o que dà o procedimento, o merecimento he o que faz ao homem, e naõ o titulo.

TOdo o dia em hum canto estou
metida,
e alli de contíno trabalhando,
nenhum me ouve fa vóz;
nem
sou sentida,
em trabalho, e silencio vóu pa-
sando,
tambem em obras pias levo a vida,
que hum, e outro ferido vóu cu-
rándo,
e ainda assim dizem muitos sem
vergonha,
fujaõ dessa mulher, que tem pe-
çonha.

Huma aranha explica tudo isto.

O hipócrita he como a aranha no ex-
terior, mostra obras de virtude, e
caridade, e no interior está cheyo de
peçonha, e malicia, e se alguém o re-
prehende, logo se desboca com sober-
ba; porque não conhece a humildade:
fugir deste vício, que ainda peor, que
ser mão, he o querer parecer bom, por-
que sobre a perversidade leva o fingi-
mento.

ADAGIO 30.

Por hum caminho achado,
porém em verdes laços intrincada
tres damas encontrey,
huma amo, outra amey, outra
amarey,
quem saõ estas tres damas me dizey,
e a qual preferida aquy deixey?

Declaraçao.

As tres damas retrataõ amendoeira,
ameixieira, amoreira, no principio dos
tres nomes, achareis; amo, ame, ama-
rey, daquy se segue a questaõ, de qual
está de melhor partido, se a dama que
se amou, se a que se ama, se a que se
hade despois amar?

Avizo.

Amor señaõ permanece, naõ he amor,
ame he só conselho, amey, suppoem mu-
dança; com que estes tres amores naõ
valem por hum: assim saõ os humanos
explicados nas experiencias.

AD AGIO 31.

Sou o Soldado mais forte,
o Medico mais benigno,
o encantador mais fino,
o mais digno Sacerdote,
Sou o Deos mais venerado,
digaõ pois em tal valor,
quem he Deos encantador,
Medico , Frade , Soldado?

Declaracão.

Tudo isto se acha no vinho.

Avizo.

O que provar de suas virtudes naõ
passe da moderaçao á demasia , adver-
tindo , que nas outras se perde a saude,
e nesta o entendimento.

AD AGIO 32.

Dentro nesta casa estaõ
incognitas duas damas ,
huma ás escuras com lúz ,
outra em gemidos sem magoa ,
ninguem as ha visto entrar ,
que naõ tem porta a morada ,

e só as veraõ fair,
quando lhe cair a casa.

Declaraçao.

O ovo he a casa da clara , e gema , a
esta aludem os gemidos , á outra a luz ,
porque se diz naõ estar às escuras olhan-
do ao nome de clara , e do ovo naõ
podem sahir,senaõ quebrando-se a casca.

Avizo.

A dama recatada nenhum deve saber
a porta , alli deve estar na sua morada
impossivel ao atrevimento , e occulta à
politica , e como lá se diz,sem ver Sol ,
nem Lua , vendo só a Lua da sua pure-
za , e ao Sol da sua virtude , e desta
forte ferá sempre Diana catholica , e
nunca Venus incauta,

ADAGIO. 33.

Com hum homem mui forte me a-
bracey.
e alli delle vencido me deixey,
e logo me roubou
a melhor joya , que em meu cofre
achou ,
como hum louco fiquey emperda tal ,
sem

sem poderme curar o Hospital,

mas ainda que agravado aquy vos digo,

que do tal homem sempre sou amigo.

Declaracão.

Este enigma se declara em hum bebado, a quem o vinho rouba a melhor joya, que lhe o entendimento, e nem assim deixa de ficar seu amigo.

Avizo.

Os outros vícios roubam a vontade, o do vinho, o entendimento, e assim o que o segue, passa da esfera de homem à de bruto: grande desgraça he la de quem vende pelo appetite a razão, trocando pelo vinho o racional.

AD AGIO 34.

Fuy com estudo criado,
miudo de perfeiçoes,
impero nos coraçoens,
meu suor he estrémodo,
louca estais por definirme,
eu por encobrirme morro,
naõ me toqueis no cachoço,
porque ladra a descobrirme.

De-

Declaragoõ.

Diz de si o legacaõ, que impera nos coraçoens, porque cada folha da sua arvore he hum coraçao, cada flor he huma perfeiçao miuda, cachorro alude ao ecco do seu nome, que acaba em caõ, o seu suor no alambique he do mais odorifero.

Avizo.

Mayor dominio he o des corações que o dos Reynos, que o imperio do amor he mais nobre que todos, todo o mundo conquistou Alexandre, e nelle se grangeou muitos inimigos, e nenhum amigo, e quando necessitou de quatro palmos de terra para a sepultura, naõ houve quem lha desse: procura o tú reynar nos coraçoens, obrigando a huns com os beneficios, a outros com o exemplo, e a todos com o agrado, que este val muito, e custa pouco.

ADAGIO 34.

Cara feya, pequenino,
magrinho sem carne alguma;
me prendem na minha patria,

por-

porque me querem na sua,
se me quereis encontrar,
me achareis à pouca custa,
que ando encostado em dous pãos
passeando pelas ruas.

Declaraçāo.

O carapão he peixe feyo , e pequeno,
naõ tem carne, porque he peixe , passeia
pela rua encostado em dous pãos, sendo
hum a selha da regateira ; que o levā a
vender , o outro o em que acaba o seu
nome , cujo principio está na primeira
palavra da adivinhaçāo , e o fim no
segundo verso.

Avizo.

O carapão he peixe pequeno , e feyo,
mas saboroso , e barato , com que naõ
só serve aos ricos , mas tambem aos po-
bres , naõ importa ter mà cara quem
tem boas obras , nem se mede a genero-
sidade do animo pela estatura do corpo,
pequeno foy Alexandre , e conquistou
o mundo , e o Catholico por mais pe-
queno , e desprezivel que seja , pôde
conquistar o Ceo , e neste serà grande, e
serà fermoso.

ADAGIO 35.

SE com discurso naõ bronco
quereis decifrar me assim,
vereis que se encerra em mim,
homem , ave , bruto , tronco.

Declaração.

Hum çapato calçado tem de homen
o pé , de bruto o couro , de ave o ecco ,
nas ultimas letras de tronco o salto.

Avizo.

Todo o que naõ calçar à medida do
seu pé , darà passos errados , perdendo
na estrada da vaidade o caminho que
devia seguir em sua esfera , caiba o ho-
mem em si , e naõ busque em sua so-
berba , o que naõ acha em seu nasci-
mento.

F I M.

32
Tunc dicitur quod non solum deus
est, sed etiam omnia sunt deum.
Hoc est enim deus, quod non solum
est, sed etiam omnia sunt deum.
Hoc est enim deus, quod non solum
est, sed etiam omnia sunt deum.

